REVISTA DA SEMANA

14 de Março de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil

CARNAVAL NO RECIFE

GAGO COUTINHO — O ALMIRANTE DO AR

CARNAVAL PAULISTA



LEIA!

o empolgante e imortal romance de H. SIENKIEWICZ

"QUO VADIS"? — O AMOR DE VINICIUS, JOVEM PATRÍCIO ROMANO, POR LIGIA, A FORMOSA CRISTÃ ATIRADA À ARENA — A FORÇA PRODIGIOSA DE BRUTUS — O DELÍRIO DE NERO, O CRUEL IMPERADOR DO MUNDO ROMANO — TUDO MARAVILHOSAMENTE ILUSTRADO, A CORES, POR F. MATANIA.

NO LIVRO MÁGICO DOS MIL ASSUNTOS:

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1953 PREÇO 25,00

À VENDA NOS JORNALEIROS — PEDIDOS À CIA. EDITORA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO DE JANEIRO — POR MEIO DE VALES OU REEMBOLSO POSTAL



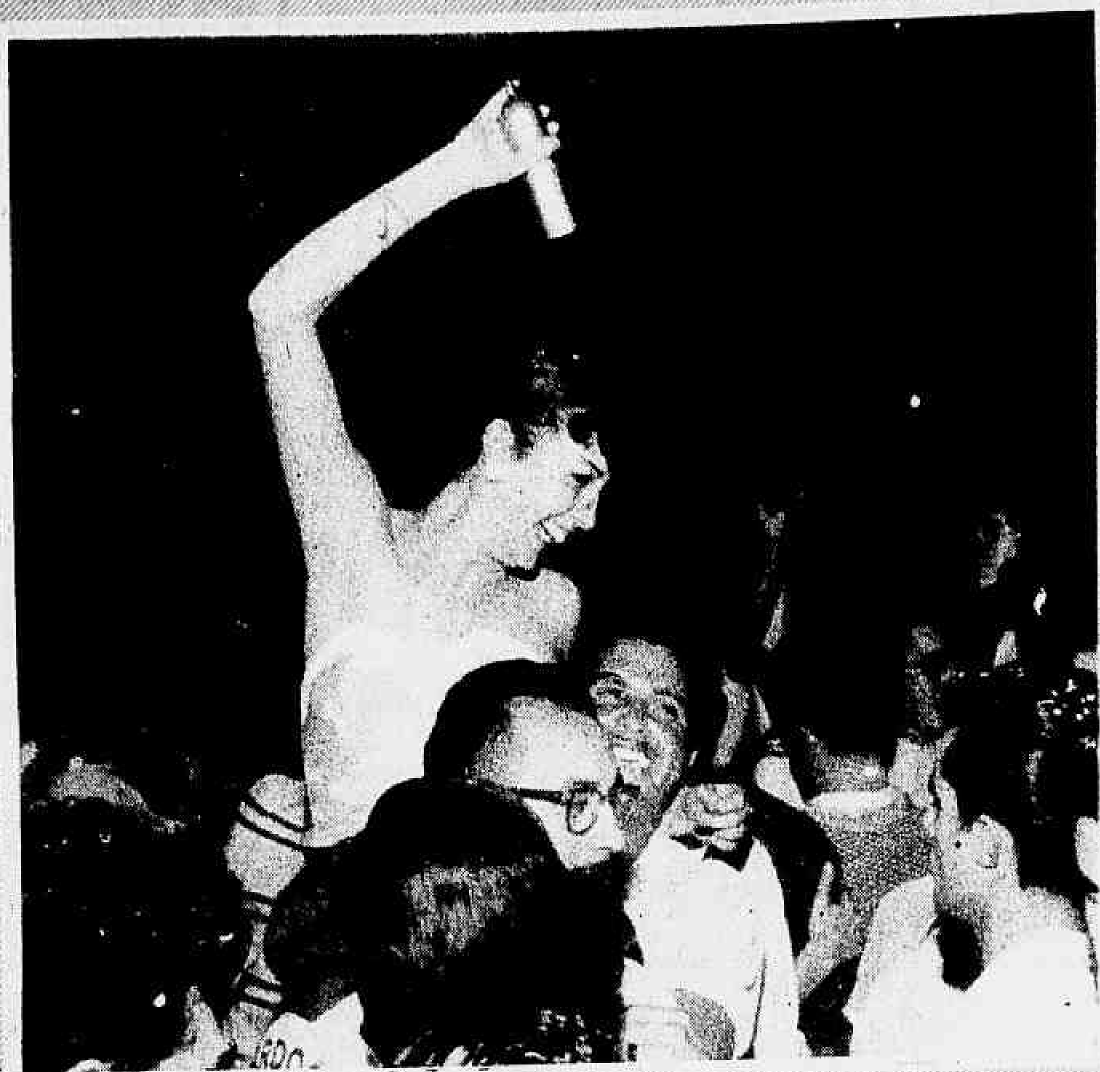
Sua Majestade, a Rainha dos Artistas do Estado de São Paulo, é vista aqui no momento em que sorria e se abanava para afugentar o calor dos seus fiéis súditos no alegre Baile que foi realizado «para bem de todos e felicidade geral...»

...MAS O CARNAVAL AINDA NÃO MORREU

SEM GRANDE BRILHO, MOMO VENCE A CONSPIRAÇÃO DO FRIO, DA CHUVA E DA CARESTIA NA CAPITAL PAULISTA ★OS FIÉIS VASSALOS DO GORDO E RISONHO SOBERANO PULARAM, DANÇARAM E CONFUNDIRAM CACHAÇA COM ÁGUA!

Texto de HORACIO DE OLIVEIRA

Fotos de DARIO TERINI



Uma foliã é levada em triunfo no tumulto álacre do Baile do Odeon



Esta dama antiga fêz um sucesso louco, como se vê, sem dúvida.



Um sucesso o Baile do Odeon. E olhem como elas sobem de nível



Brotos brotaram deslumbrantes no animado baile do Paulistano, do do

Muita gente afirma e os jornais reproduzem:

— "O Carnaval está morrendo".

Realmente, as folias de Momo perderam quase tudo daquele ímpeto de alegria e loucura que até os anos de 37 e 38, até o início da II Grande Guerra, atirava todo mundo às ruas atapetadas de serpentinas e confetes, como espectador divertido ou integrado no corso barulhento ou nas treinadíssimas escolas de samba. Os bailes carnavalescos eram, então, apenas um prolongamento da alegria contagiante que dominava as ruas, chovesse ou ouvesse estrêlas no céu. Foi o tempo das vacas gordas. Depois aconteceu a guerra. Os aviões começaram a subir nos céus da Europa, e nestas plagas os preços imitaram os aviões . . .

E a alegria começou a murchar. Para ser alegre era preciso estar vivo e para viver era preciso trabalhar; a luta pela vida, árdua, tomou o lugar da alegria. Momo foi, gradativamente, destronado. O Carnaval foi recuando para os salões. A cidade aumentou espantosamente, mas o número de fantasias, o número de carros nos corsos, o número de espectadores não acompanharam a ampliação da capital que mais cresce no mundo.

Porém, a rigor, o Carnaval não está morrendo. Nestes três dias, êle existiu para todos aquêles que pularam e dançaram nos salões apinhados ao som das orquestras frenéticas; o Carnaval existiu, bem vivo, para todos aquêles que pensaram que cachaça fôsse água; homens, mulheres e brotinhos que, com fantasias caras ou baratas, em salões improvisados ou nos clubes, trocaram perfumes e serpentinas, marcharam e sambaram até o sol raiar, não concordarão, certamente, com as Cassandras que prevêem para breve a morte do soberano obeso e risonho. A rigor, como dizíamos, o Carnaval não está morrendo. O que há — e isso é inegável — é uma sensível diminuição no número de pessoas que se divertem com os festejos que precedem a Quarta-Feira de Cinzas. Como principal responsável



mingo de carnaval. Houve marchas e «agarradinhos» de derreter pedra.

por essa redução, aponta-se, unânimemente, a carestia da vida, sem contar os níveis absurdos atingidos pelos preços das fantasias, dos lança-perfumes, serpentinas e os ingressos dos bailes.

Apesar de tudo, o Carnaval, êste ano, não ficou só no calendário. Êle venceu os preços do arroz, do feijão, da carne e do leite; venceu mas sem grande brilho, a conspiração da chuva e do frio (até alguns dias antes do Carnaval fazia um calor de rachar) e deu um ar de sua graça nas ruas e nos salões.

Houve corso nas avenidas São João, Nove de Julho, Rebouças e Brasil. Até carros alegóricos (dizem que tomados de empréstimo ao Rio) desfilaram imponentes, na Têrça-Feira Gorda, apenas um tanto prejudicados pela propaganda política. Nos pontos centrais não faltaram os ranchos com suas fantasias coloridas, animando o povo com o ritmo forte e contagiante dos batuques. Bandos de foliões, esporádicos e desorganizados, mas nem por isso menos divertidos, improvisaram graças arrancando aplausos do público.

Em matéria de fantasia, os festejos de Momo sofrem de ano para ano, sensíveis modificações. Desapareceram os Pierrots e as Colombinas, substituídos por uma forte tendência para a moda paradisíaca. Na confluência das avenidas São João e Ipiranga, não raro, se ouviam exclamações escandalizadas provocadas por mulheres em maiôs, numa exibição um tanto exagerada de ventre e coxas. O marido arriscou uma graça: "Economia de tecido", ao que a espôsa corrigiu, sem achar graça: "Economia de pudor, isso sim." Havia fantasias simplesmente engraçadas, como a de Carlitos (o sujeito devia ter treinado muito para tão boa imitação do grande cômico), de Cantinflas, de orango-tango, que assustava as crianças, de



No Baile do Arakan, a Fera abraçando a Bela; tudo acabou bem.



Os foliões pintaram no Baile do Odeon. Vejam: a morena «castiga».



Bela, disputada e... pouca roupa, eis a princesa no Baile dos Artistas.

. . . MAS O CARNAVAL . . .



No baile realizado no Odeon a coisa também foi assim: beijos, beijos cinematográficos.

palhaço, luxuosas fantasias de bailarino espanhol, de toureiro, de pirata e, num número mais avultado do que nunca, e nem sempre reconhecíveis, homens vestidos de mulher, turbantes ocultando os cabelos curtos, a bôca pintada, o andar exageradamente feminino . . .

Mas, foi principalmente nos salões feèricamente iluminados, berrantemente decorados, apinhados de vassalos fiéis, que Momo sentiu que seu império não acabou. Tarzans, Sansões, Cleópatras, mascarados, banhistas, piratas, baianas e havaianos, ciganas, marinheiros e malandros, numa profusão de côres, saltaram e gritaram marchas e sambas dêste e de Carnavais passados com maravilhosa energia, em homenagem ao soberano da Alegria, buscando com seu louco entusiasmo derrotar a indiferença, a incapacidade de divertir que neste mundo difícil vai se alastrando em melancólica epidemia.

Estava realmente «pegando fogo» o Baile dos Artistas, como se pode muito bem observar por êsse beijo gostoso; e o bombeiro que está ao lado apenas viu, calou e . . . filosofou.



Um brotinho com curvas capazes de entontecer qualquer um domina e abafa no Pacaembu



O «Arakan» em festa capaz de fazer tremer a serra de Cubatão e secar Santo Amaro



Uma «Diacuí» estilizada no animado baile que teve lugar no Odeon, tôda eterizada . . .

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 11 ★ 14-3-53

SUMÁRIO:

... Mas o Carnaval não morreu ... 3/ 6
Gago Coutinho, o Almirante do ar ... 17/19
Contrabando nos céus ... 17/26
Desfilam os préstitos ... 27/31
Carnaval e Folclore ... 49/53

★

Do gaiola ao pau-de-arara ... 7
Contrapartes (conto) ... 11/42
ABem-Amada (romance) ... 12/13
A estranha visitante (conto) .. 14/42
Semana Literária ... 35
A Alfândega Velha ... 36/37

★

A semana em revista ... 8/ 9
A personagem da semana ... 9
Êste mundo e o outro (caricatura) ... 15
Lido... Visto... Ouvido... ... 20/21
Conta-me teus sonhos ... 22
A Revista há 50 anos ... 38
Arabelle (folhetim) ... 41
Passatempo ... 42
Último flash ... 54

★

Colorido ... 43
Simplicidade ... 44/45
Week-end na cozinha ... 46
Sugestões para o lar ... 47
Os dez mandamentos do charme ... 47

CAPA
Susan Hayward (Foto T.C. Fox)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NAPOLEAO AGUSTIN LOPES — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses ... Cr$ 100.00
Registrada — Um ano ... Cr$ 230,00
Seis meses ... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ... Cr$ 350,00
Seis meses ... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Praça Ramos de Azevedo, 209 — Salas: 704-705.



Do "gaiola" ao "pau de arara"

● O destino de andarilho do nordestino tem dado muito o que falar. A sêca tem sido a sua melhor desculpa. Mas, na realidade, essa notória inquietação vem da massa do sangue. Decorre da mistura étnica dos seus primeiros povoadores. Do índio nômade. Do português aventureiro. Do holandês invasor. Da pitadinha de pretos que a África ofertou a uma precária agricultura castigada pelas condições mesológicas. Das essências errantes do Cristão-Novo e do cigano, que a Santa Inquisição e o Marquês de Pombal condenaram ao extermínio, mas que conseguiram sobreviver neste ângulo calamitoso do novo mundo.

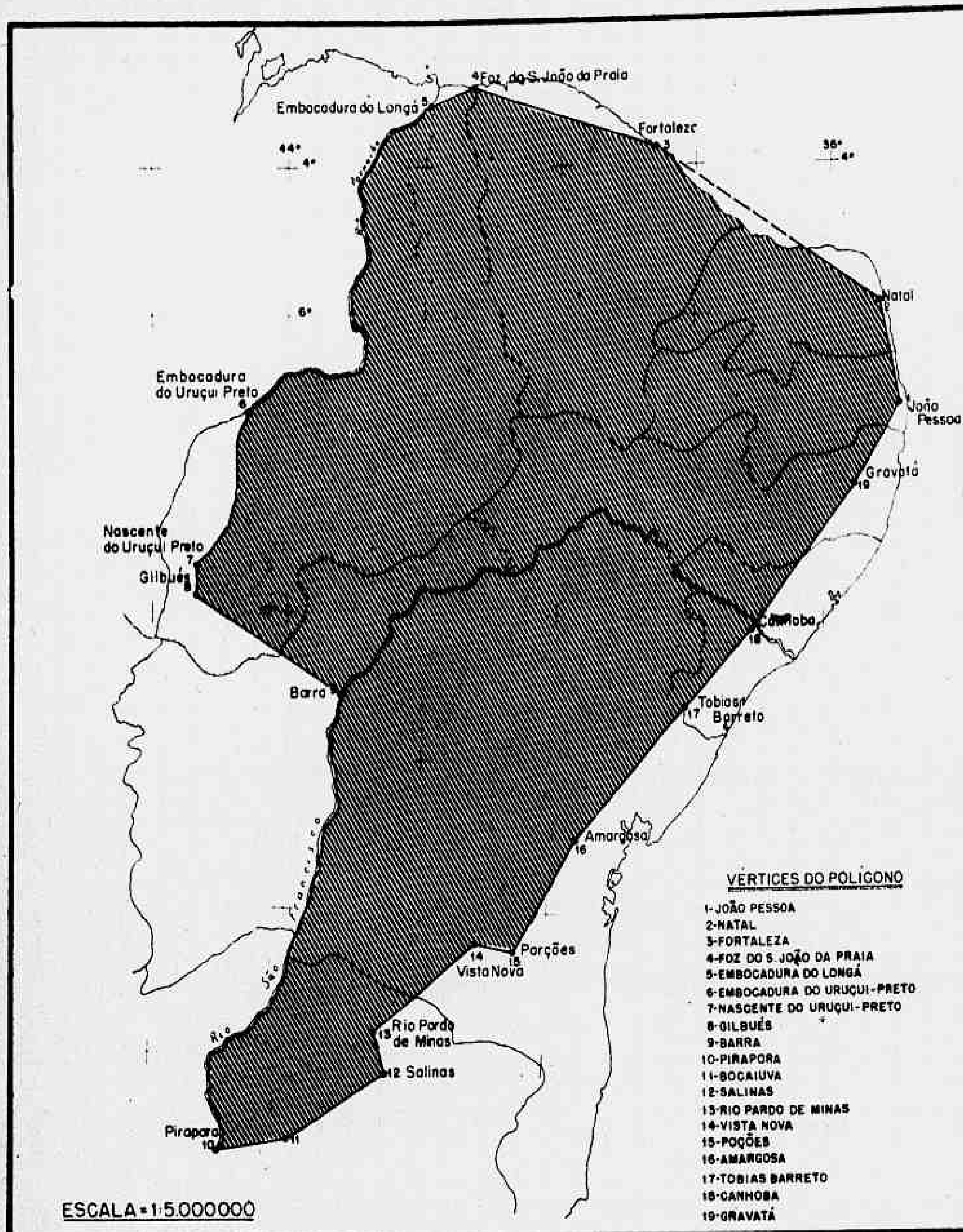
● Desde que o Brasil abriu os olhos para a civilização, o fenômeno se revelou. O Nordeste montou a sua indústria de homens para a exportação de braços. Entraram em páreo as famílias numerosas. Casais com menos de dez filhos passaram a ser apontados a dedo. A fertilidade da espécie entrou em luta contra as ingratidões da natureza. Choveram dificuldades de tôda ordem. O Nordeste passou à categoria de oficina para ensinar o homem a vencer lá fora sob todo e qualquer regime de trabalho. Daí, então, vem o êxodo que não se acabará jamais.

● As primeiras levas de retirantes nordestinos tomaram a direção do norte. O inferno verde da Amazônia misteriosa era um convite tentador à audácia e à coragem que lhes moravam nalma. Na terceira classe promíscua dos vapores costeiros, venceram os verdes mares bravios. Para enfrentar o rio-rei, tomaram conta dos "Gaiolas". Pendurando as rêdes no convés dêsses barcos, se deixaram levar, calmamente, terra a dentro, prontos a desembarcarem ao primeiro aceno de uma promessa. E o "Gaiola" subindo o rio ia, pouco a pouco, esvaziando a sua brava carga humana, para a maior das aventuras naquele mundo verde e tentacular, sem a mais leve esperança de reconduzi-la de volta, mais tarde, porém certo que ela saberia resistir até o sacrifício supremo.

● Pendurados em rêdes nos "Gaiolas", os nordestinos foram surpreender, assim, a puberdade da Amazônia; conquistar o tesouro das seringueiras guardadas pelas feras e pelas sezões; enfrentar o índio — dono da terra, e o estrangeiro cubiçoso que ameaçava as nossas divisas territoriais. Dessa epopéia silenciosa, em que quase todos pereceram, o Brasil ganhou o Acre, e a nossa história grandes páginas de heroísmo e desprendimento humanos. Mas o êxodo não parou nas primeiras levas. Continuou e continua. O nordestino tomou conta dos "Gaiolas" de todos os rios: o Tocantins, o Itapicuru, o Paraíba... Morrendo e resistindo... Resistindo e morrendo!... Até que um dia descobriu o sul: — São Paulo, Mato Grosso, Goiás. Não teve dúvidas. Com a planta do pé rasgou caminhos. Os governos transformaram os caminhos em estradas. E, então, surgiu o "Pau-de-Arara".

● Daí para cá, o "Pau-de-Arara" sacolejante substituiu o "Gaiola" pachorrento. O destino incerto do retirante também mudou. Embora mal arrumados nos poeirentos caminhões, já não demandam o imprevisível da selva traiçoeira, mas a realidade trepidante dos grandes centros de produção do sul. A morte pode surpreendê-los na primeira curva, não mais como uma fatalidade mesológica, porém como simples acidente da civilização. O "Pau-de-Arara" é, pois, hoje, uma ponte mais segura e mais amena para o êxodo nordestino. Não deixamos de lamentar esta retirada em massa de pobres criaturas tangidas pelas dificuldades... Os dramas e tragédias que elas acarretam!... Mas, dos males o menor. Ontem, nos "Gaiolas", era a morte certa. Hoje, nos "Paus-de-Arara", há, apenas, a incerteza da aventura. E a aventura, com os seus azares, não tem importância... Está na massa do sangue do Nordeste.

MARTINS D'ALVAREZ



ÊSTE MAPA reproduz a área sujeita aos efeitos cíclicos das sêcas no nordeste brasileiro, descendo até ao norte de Minas Gerais. E' o chamado «polígono das sêcas», com cêrca de 950 mil quilômetros quadrados e oficializada conforme a lei nº 1348 de 10 de fevereiro de 1951. Pelo mapa podemos verificar que de João Pessoa, capital da Paraíba, até Poções, Estado da Bahia, salva-se apenas pequena faixa de terra litorânea, e, daí por diante, a reta em diagonal, corre para o interior de Minas, com ziguezagues até Pirapora no alto S. Francisco. Êste ano, porém, há notícias de que, a própria zona do agreste em Estados do Nordeste, está sob a aflição da longa estiagem, sintoma alarmante para tôda a imensa região, onde vivem quase 12 milhões de habitantes, cabendo à zona rural, mais de 10 milhões, disseminados por 418 municípios. Mais uma vez o govêrno mobiliza recursos para combater a fome das populações flageladas; mas o de que se precisa e imediatamente, é de real e persistente combate à natureza madrasta, substituindo pela ciência humana as deficiências da Natureza. Que não mais se repita o drama de agora



ÊSTE É FRITZ MANDL, ex-espôso de Hedy Lamarr e amigo de Hitler. Herr Mandl estêve recentemente no Rio, hóspede do Copacabana Palace-Hotel e muito apreciou nossas praias. Procurado pela reportagem excusou-se a conceder entrevista, alegando que não era mais do que um simples mortal. Fritz reside em Buenos Aires, onde, segundo consta, mantém ótimas relações com o general Peron. O mais curioso episódio de Herr Mandl, foi aquêle em que, para evitar que sua mulher, Hedy Lamarr, aparecesse nas telas completamente nua, no filme "Êxtase", andou comprando tôdas as cópias que havia no mercado. Mas o alemão, hoje, nem quer mais pensar nessas coisas do passado, e deseja apenas viver em paz... (Foto O Globo).



A SEMANA em REVISTA

ORLANDO CALDAS THEBERGE, à direita, é pai do jovem Rubens, conquistador do 1º lugar entre 2 500 candidatos que disputaram, faz poucos dias, as vagas existentes na Escola Preparatória de Cadetes. Os seis primeiros colocados foram premiados com viagem ao Nordeste do país por conta do Ministério da Educação; mas Rubens estava triste. Precisava de Cr$ 2 500,00 para o enxoval da Escola. Seu pai, modesto trabalhador da Prefeitura, sofria com o filho a infelicidade de ser pobre, embora rico de virtudes e com um filho talentoso. Estavam a comentar isso quando um senhor que os ouvia ofereceu o enxoval. Era o vereador Cotrim Neto como homenagem ao menino-herói do Pedro II (Foto «Diário Carioca»)



«CACHAÇA», marcha carnavalesca de Mirabeau, L. Castro e Héber Lobato, gravada por Carmen Costa e Colé, foi a conquistadora do primeiro lugar no seu gênero, cabendo o primeiro entre os sambas, a «Se eu errei», tudo muito bem recebido pela opinião pública. Nas duas fotos que ilustram estas notas, vemos acima Carmen Costa quando cantava para a comissão julgadora, sob a presidência do sr. Alfredo Pessoa, diretor do Turismo do D. Federal, e em baixo «Risadinha», gravador de «Se eu errei», de Francisco Neto, numa pose espetacular e eufórica. «Cachaça» teve o prêmio de Cr$ 20 000,00 e rendeu de direitos autorais, 200 mil. O caso com Marinósio Filho ficou pacificado e desfeita a acusação de plágio.



A PERSONAGEM da SEMANA



AS primeiras horas da madrugada de 4 do corrente, anunciava a emissora de Moscou, que o primeiro Ministro Stalin estava em estado agônico, vítima de derrame cerebral. A notícia atraiu para a capital moscovita as atenções do mundo, acompanhando-se o desenrolar da situação com o maior interêsse. Segundo os boletins médicos e opiniões das maiores sumidades clínicas, o chefe da nação russa não poderia resistir à crise, não sòmente pela sua natureza, como por se tratar de um homem que faria 74 anos a 21 de dezembro próximo. Com efeito, às 21,30 (hora de Moscou) do dia 5, falecia o ditador de tôdas as Rússias, em seus aposentos do Kremlin. O fato constitui a mais sensacional notícia dêstes últimos tempos, pois, embora se divirja das teorias político-sociais de Iossif Vissarionovitch Djugashvili (Stalin, **homem de aço**, nome que adota em suas lutas revolucionárias), é consenso universal, que se trata de uma das maiores autoridades políticas e diplomáticas do século. Stalin nasceu em Gori, província de Tiflis, Georgia, filho de um sapateiro e de uma operária. Órfão de pai, sua mãe lutou para educá-lo num seminário, para que seguisse a carreira eclesiástica. Mas Iossif (José), embora no seminário, deu-se a leituras socialistas, devorando as obras de Engels e Marx, terminando expulso do educandário e se dedicando à causa da revolução social. Prêso pela polícia do Tsar, fugiu da Sibéria, até que a guerra civil o libertou definitivamente. O resto é atual. Seu substituto deve ser Malenkov, Vice-presidente do Supremo Soviet.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:

em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.

em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

Contrapartes

A campainha vibrou furiosamente e quando miss Parker desligou o fone, ouviu-se uma voz que, com forte acento do norte da Irlanda, berrou:

— Mande Farrington aqui imediatamente!

Miss Parker voltou para sua secretária, dizendo para o homem que trabalhava numa mesa vizinha:

— Mr. Alleyne está te chamando.

O homem resmungou. «Êle vá para o diabo!» — e afastou a cadeira para erguer-se. Era alto e corpulento. Tinha a cabeça bem formada, com sobrancelhas e bigodes espêssos; seus olhos eram levemente retraídos, com fiozinhos de sangue. Abriu a portinhola do balcão e, passando pela fila de clientes, saiu da sala com passo pesado.

Dirigiu-se lentamente para o andar superior, onde havia uma porta com uma placa de bronze ostentando a inscrição: Mr. Alleyne. Ali estacou, procurando acalmar-se. Por fim, bateu. Uma voz áspera gritou:

— Entre!

Penetrou no escritório do chefe. Simultâneamente, mr. Alleyne, um homem minúsculo, de óculos de aros de ouro num rosto cuidadosamente barbeado, ergueu a cabeça de uma pilha de papéis e sem perder tempo exclamou:



— Farrington?! Que é que isso quer dizer? Porque é que sou sempre obrigado a chamar-lhe a atenção? Poderei saber por que motivo o senhor não tirou uma cópia do contrato entre Bodley e Kirwan? Eu bem lhe disse que deveria estar pronto às quatro horas!

— Mas mr. Shelley disse...

— Que foi que mr. Shelley disse?!... E' favor prestar atenção ao que eu digo e não ao que mr. Shelley diz. Você sempre arranja uma desculpa de última hora. Pois fique sabendo que se o contrato não fôr copiado antes das quatro eu levarei o fato ao conhecimento de mr. Crosbie... Está me ouvindo?

— Estou, sim senhor.

— Ouviu bem o que eu disse?... Ah! e outra coisa! Falar com você é o mesmo que falar com a parede! Mas ouça bem: saiba de uma vez por tôdas que você tem meia hora para o lanche e não hora e meia, compreendeu bem? Está me compreendendo?

— Estou, sim senhor.

Mr. Alleyne voltou a pousar a cabeça na pilha de papéis, Farrington permaneceu imóvel, fitando o polido crânio que dirigia os negócios da firma Crosbie & Alleyne, avaliando sua fragilidade. Um espasmo de fúria comprimiu sua garganta durante alguns segundos, deixando após si uma aguda sensação e sentiu que necessitava de uma noitada na taverna. Estava-se nos meados do mês e se êle apontasse a cópia talvez mr. Alleyne lhe mandasse dar um vale. Continuou mirando fixamente a cabeça pousada na pilha de papéis. Mr. Alleyne começou a remexer as fôlhas, procurando alguma coisa. Repentinamente, como se até então não tivesse dado pela presença do outro, ergueu vivamente o rosto, dizendo:

— Eh! Você pretende ficar aí o dia todo. Com mil diabos, Farrington, você é incorrigível!

— Eu queria ver se...

— Está bem, está bem, você não precisa ver nada. Volte para sua mesa e continue o trabalho.



O homem caminhou vagarosamente para a porta e ao sair ouviu mr. Alleyne tornar a berrar que se o contrato não fôsse copiado naquela mesma tarde mr. Crosbie se encarregaria de resolver o caso.

Farrington voltou para sua secretária e contou as páginas que faltava copiar. Tomou da pena, mergulhou-a no tinteiro, mas continuou a olhar estùpidamente para as últimas palavras que escrevera: Em caso algum poderá o chamado Bernard Bodley beneficiar-se... A tarde caía e dentro de aguns minutos os bicos de gás seriam acesos; então poderia escrever. Sentiu que precisava matar a sêde que lhe queimava a garganta. Levantou-se e, atravessando o balcão, encaminhou-se para a porta. Ao sair, o chefe da seção olhou-o interrogativamente.

— Vou ali, mr. Shelley — disse êle, apontando com o dedo para indicar o objetivo de sua jornada.

Ao chegar ao fundo do corredor, porém, tomou outra direção, dirigindo-se para a escada de saída. Logo que se pilhou na rua correu para uma travessa à esquerda. Finalmente, estava a salvo na obscuridade do botequim de O'Neil. Encostando-se, com um suspiro, no balco de cobre polido, disse:

— Vamos ver isso, Pat, passe um bom gole para cá.

O homem trouxe-lhe uma caneca de cerveja, que êle tomou de um trago só. Colocou uma moeda no balcão e retirou-se furtivamente como entrara.

As sombras, acompanhadas por uma gelada neblina, desciam sôbre as casas; as lâmpadas da rua Eustace já estavam acesas. Êle caminhou colado à parede até à porta do escritório, pensando em se poderia terminar a cópia em tempo. Na escada foi envolto por uma onda de penetrante perfume; evidentemente, miss Delancour chegara durante sua ausência. Assumindo um ar de completa inocência penetrou na sala.

(Cont. na pág. 40)

Conto de JAMES JOYCE

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

A BEM AMADA

Romance de **THOMAS HARDY**

PROSPEROU sem esfôrço. Tornou-se acadêmico da Real. Porém o reconhecimento de seu valor e as distinções sociais que tão ardentemente tinha ambicionado em outro tempo, já não as estimava em nada. Por ser solteiro, flutuava na sociedade sem uma âncora espiritual, sem um santuário a que pudesse chamar «seu». E por falta de um lar, as honras sociais se dispersavam impalpàvelmente, sem acumular-se para acrescentar seu bem-estar material.

Pierston prosseguiria manejando o cinzel com o maior carinho se suas criações tivessem sido destinadas a seus próprios olhos e não aos dos outros. Esta indiferença sôbre o modo porque receberia o público as suas sonhadas esculturas, lhe dava curioso «aplomb» artístico, que o inspirou no gôsto da opinião pública sem permitir que fugisse às suas inclinações pessoais.

Desde então e por muitos anos foi seu único prazer o estudo da beleza. Costumava sair a observar pelas ruas qualquer rosto, ou parte de um rosto, que lhe parecesse expressar quase com a exatidão apetecida na carne perecível, o que, naquele momento desejava êle expressar e mforma perdurável. Perseguia como se fôra um investigador policial a dona daquele rosto, em ônibus, em carro de passeio, em lanchas, através dos campos, em tendas, igrejas, teatros, tabernas e tugúrios, mesmo que, na maioria das vêzes, ao fitá-la face a face, verificasse que não era o que lhe parecera dantes, deplorando o esfôrço que fizera para segui-la. Naquelas pesquisas profissionais da beleza costumava dirigir a vista através do Tâmisa até ao cais da margem oriental, e, especialmente aquêles a que vinham desembarcar os barcos da costa meridional com os carregamentos de pedras expedidos por seu pai. Via então ali, estendidos, os grandes blocos arrancados com tanto trabalho da ilha rochosa do Canal Inglês.

Uma coisa não conseguia compreender: em que ponto de observação se baseavam poetas e filósofos para supor que a paixão amorosa era intensíssima na juventude e arrefecia com a idade. Para êle isso não era verdade, porque, talvez pelo fato de sua completa solidão doméstica durante o atarefado intervalo que se seguiu aos primeiros anos de ausência de Márcia, entre os vinte e cinco e os trinta e oito anos de sua idade, amou êle, de quando em quando, com um ardor desconhecido para êle na época em que ainda não estava com seu juízo amadurecido.

Sua caprichosa fantasia ilhena havia chegado a ser tão emotiva, que a Bem-Amada sempre lhe aparecia em forma visível, e, numa ou noutra parte, perto dêle. Durante alguns meses a encontrava no cenário de um teatro; mas depois fugia, para ressurgir mais tarde já encarnando outro corpo com imperfeições e contaminado de vulgaridades. Outras vêzes aparecia na pessoa de uma mulher em quem de pronto não se fixava, encontrada essa Bem-Amada em qualquer reunião elegante de gente da mais alta aristocracia, ou em alguma exposição, um «magazin»; ou por meio de convite, para, ao fim de alguns meses, trasladar-se para alguma graciosa caixeirinha de qualquer grande estabelecimento de fazendas, até onde encontrara êle casualmente ao perambular por algumas ruas sem qualquer objetivo.

Depois a Bem-Amada abandonava essa personificação e voltava a revelar-se sob a forma de alguma escritora popular, pianista ou violinista, cujas figuras passava a adorar por um ano, talvez. Numa dessas ocasiões foi a Bem-Amada uma bailarina do **Real Palácio Mourisco de Variedades**, se bem, enquanto ali atuou ela, Pierston não trocou com a mesma nem meia palavra. Sabia que dez minutos de conversação entre bastidores com a forma real, provocaria a temida fuga da imagem de sua criação mental, desfazendo-lhe a ilusão.

Sua Bem-Amada tanto lhe surgia como um tipo moreno, como louro; tanto podia ser de estatura baixa, como alta; de porte franzino como esbelto; de formas esculturais como mais ou menos vulgares. Só permanecia inalterável uma característica: sua **morada** instável. Segundo uma frase de Borne, o único permanente nela era a mutabilidade. Pierston dizia com seus botões:

«E' estranho que isto me suceda, por idiosincrasia, ou pelo que seja; isto que a outros poderia servir de puro passatempo, a mim preocupa muito gravemente».

Todos êstes sonhos êle os plasmava em gêsso e advertia que, com êles satisfazia um gôsto do público a que nunca havia aspirado deliberadamente e que quase sempre havia desdenhado. Em suma: estava na iminência de passar de uma sólida reputação artística a uma popularidade que poderia tornar-lhe brilhante e estimuladora.

Em certa ocasião lhe disse Somers:

— Algum dia te atrapalharão a vida, amigos. Não direi que te enredes em algo desonroso, pois



creio que és tão idealista na prática como na teoria. Quero dizer que o procedimento se inverterá. Alguma mulher, cujo Bem-Amado marido passeia daqui para lá, como sucede agora com a tua Bem-Amada, te arrebatará de amor, e tu te pegarás a ela como ostra em casco de navio, enquanto ela segue com o seu Fantasma e te deixe padecendo desesperadamente.

— Talvez tenhas razão — respondeu Pierston. — Carnalmente considerada morre cada dia, como o Eu corpóreo do Apóstolo; porque, quando me coloco em contato com a realidade, já não está ela aqui. De modo que, mesmo que o quisesse, já não posso aderir a uma personificação.

— Pois espera até ficaremos mais velho — respondeu Somers.

Segunda Parte

UM JOVEM DE QUARENTA ANOS

Capítulo I

No transcurso daqueles longos anos, as emoções artísticas de Pierston sofreram brusca suspensão com a notícia da morte de seu pai em Sandbourne, aonde fôra o comerciante de pedras mudar de ares a conselho médico.

O velho Pierston havia sido, justo é dizer, um tanto tacanho em sua vida doméstica, conforme recordou Márcia, tão àsperamente, ao próprio Jocelyn. Mas o velho nunca foi tacanho para o filho. Fôra, porém, um patrão rezinguento com seus operários, se bem que lhes pagasse pontualmente. Era homem bem orientado para ganhar dinheiro, exato em seus compromissos, porém mesquinho. Com surprêsa re todos, o capital acumulado no comércio de pedras era, em proporção a um negócio tão sem ostentação, muitíssimo mais importante do que Jocelyn jamais imaginara. Enquanto o filho modelava e esculpia suas efêmeras fantasias em perenes formas, o pai havia estado a cavoucar persistentemente durante meio século a matéria-prima bruta daquelas formas, na dura rocha ilhada no Canal. E com a ajuda de gruas, carretas, polés e botes, havia enviado os seus despojos a tôdas as regiões da Grã-Bretanha.

Quando Jocelyn regularizou aquêles assuntos relativos ao negócio e herança do pai, segundo recomendava o testamento deixado, estava com oitenta mil libras, para somar às doze mil que já possuía, procedentes de sua profissão e de outros emolumentos.

Ultimadas as vendas de algumas propriedades que lhe couberam na ilha, além das pedreiras, pois não pensava em residir ali, regressou a Londres. Constantemente perguntava a si mesmo o que havia sido de Márcia. Prometeu a si mesmo não mais voltar a importuná-la, e assim o havia cumprido durante vinte anos, se bem que, às vêzes, suspirava por ela como por uma amiga de nível espiritual comum em circunstâncias difíceis. Supunha que também os seus pais estivessem mortos, e, enquanto a ela estava certo de que nunca havia voltado à ilha. Talvez houvesse contraído um novo laço no estrangeiro, impossibilitando-o de descobri-la pelo nome de solteira.

A isto se seguiu uma temporada de repouso. Seu primeiro aparecimento na sociedade, depois da morte de seu pai, ocorreu numa noite em que, por não saber o que fazer, aceitou o convite de uma das poucas senhoras de categoria a quem contava entre o número de suas amigas, tomando um carro de praça que o levou à vivenda na qual, durante três ou quatro meses do ano vivia aquela senhora.

Ao dobrar o carro a esquina, viu Pierston, de soslaio, as casas do lado norte da praça, uma das quais era a da senhora, com o familiar lacaio trajado a caráter à porta. Havia lanternas chinesas na varanda. Verificou êle que, de simples tertúlia se transformara em recepção de gala que duraria até muito tarde. Lembrou-se de que acabava de estalar uma crise política, e êste acontecimento atraía maior número de participantes à reunião da condêssa de Channelcliffe, porque sua casa era uma daquelas neutras ou não políticas, nas quais há, não obstante, maior agitação política do que nas públicas assembléias de partido.

Tão grande era a fila de carruagens, que Herston não quis aguardar vaga. Para não incomodar ninguém, desceu a alguns metros da porta do palacete e se encaminhou para lá. Seus passos foram estorvados pela grande quantidade de curiosos que se aglomeravam diante da residência da condêssa para ver os que chegavam.

Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

R E S U M O   D A   P A R T E   J Á   P U B L I C A D A :

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, fôra visitar seu pai, que continuava a residir na aldeia natal, numa ilha das costas da Inglaterra. Lá se enamorou de Avícia, companheira de infância. Era noivo dela quando se apaixonou por Márcia, filha de um inimigo de seu pai. Já em Londres, desmancha o segundo noivado. Márcia volta à ilha e vai com a família para uma excursão à América do Norte. Pierston sabe que Avícia se casara. Êle porém, continuava a desejar a sua Bem-Amada, produto de sua imaginação. Morre seu pai e lhe deixa alguma fortuna. Um belo dia vai a uma recepção aristocrática em casa da condêssa de Channecliffe. Sôbre sua aventura com Márcia já rolaram 20 anos.

A ESTRANHA VISITANTE

— Sim, eu vou contar a história tal qual ela se passou, sem acrescentar nada, absolutamente nada. Eu já devia tê-la contado, faltou-me, porém, coragem. Como vêem, ainda agora que a decisão está tomada, hesito, sem saber por onde começar. Sinto as mãos geladas e a camisa começa a umedecer-se de suor. E' possível que no fim os senhores pensem ser o remorso a causa disto, mas, dou-lhes a minha palavra, todo êste nervosismo prende-se ao que lhes vou relatar e que é a expressão da verdade. O pior em tudo isto é ser eu um homem normal, sem tôlas superstições, apto, portanto, a calcular o efeito que produzirá esta narrativa. Eu riria do idiota que ma quisesse impingir e, na melhor das hipóteses, o julgaria louco. Sei, assim, exatamente, tudo o que os senhores pensarão de mim quando eu tiver terminado e por isso hesitei tanto... Mas, agora, estou decidido a tudo, contanto que não continue a sentir os olhos dela a me seguirem. Sentir, é a expressão exata, porque eu nunca mais os tornei a ver... — Fêz uma pequena pausa, passou o lenço pela testa e recomeçou: — Naquele dia... Não, é melhor começar logo pela noite... Foi no verão da casa saíra. Eu tinha ficado só. passado. A noite estava detestàvelmente quente. Todo o pessoal Estava com dor de cabeça e quando isso acontecia, principalmente numa noite de lua como era aquela, eu preferia recostar-me na cadeira de vime, na pequena área para onde dava meu quarto e ficar ali dormitando ou olhando o céu e pensando na vida. A lua e a palmeira, uma palmeirinha feia, sem nenhuma imponência, mas que me lembrava intensamente as praias de minha terra, tinham o poder de aliviar-me de qualquer dor ou aborrecimento. Como ia dizendo, naquela noite, recostado na cadeira, abanava-me, enquanto ia idealizando um dia vir a ser rico para poder construir nas praias da minha terra uma casa de veraneio. Lá, provàvelmente, terminaria meus dias tal como os tinha iniciado: olhando as águas verdes e os pescadores maltrapilhos e bons. A casa deveria ser branca como certas casas marroquinas, rodeada de palmeiras que não seriam raquíticas como a que eu contemplava, mas imponentes, magníficas... Minha casa se tornaria admirada e querida pela humilde gente praieira, aquela gente que nunca me saíra do coração.

Dentro da minha casa ela encontraria apoio e carinho. Tais pensamentos me empolgaram tanto, senhores, que a dor de cabeça desapareceu. Devia ser tarde. Uma viração fresca, prenunciando chuva, começou a soprar causando-me um profundo bem-estar. Já estava mobilando a copa de minha casa, quando o sono me surpreendeu. Certamente dormi algum tempo, até que um barulho na porta que dava para meu quarto, me chamou a atenção. Voltei-me, ligeiramente sobressaltado.



A porta acabara de abrir-se e uma mulher estava no limiar. Nunca a tinha visto e a surprêsa quase me fêz gritar. Vestia uma saia e blusa simples e usava sapatos caseiros. Era morena e vulgar.

Saltei da cadeira de descanso: — Que deseja? — indaguei aturdido pelo inesperado da visita.

Ela olhou-me repreensivamente e deu um passo em minha direção: — Escute, disse em voz baixa e um pouco rouca, é necessário, absolutamente necessário, que me sigas. Mas, não te assustes, nem me faças perguntas. Por ti mesmo saberás do que se trata.

Havia qualquer coisa em sua voz que me obrigava a obedecer e eu obedeci.

Atravessamos cautelosamente a casa já às escuras e uma vez na rua tomamos o lado sul. Ela caminhava apressada, parecendo estar extraordinàriamente preocupada e ansiosa por chegar ao destino. De certo ponto em diante seguimos por ruas que antes eu nunca vira, porque ela parecia evitar as ruas principais e eu, inexplicàvelmente, preferia que assim fôsse. Numa viela escura um cão avançou para nós, latindo furiosamente. Ao aproximar-se, porém, estacou de súbito, e, soltando um estridente ganido, fugiu em louca disparada. A minha companheira pareceu não notar o incidente e prosseguiu no seu andar rápido, sem sequer voltar a cabeça.

Depois de uns 40 minutos de caminhada, quando começava a me sentir cansado, estacamos diante de uma casa com uma porta e duas janelas altas, de aspecto velhíssimo. Ela empurrou a porta que parecia estar apenas encostada. Era dêsse tipo de casa onde existe um patamar e uma pequena escada entre uma porta e outra. Ao abrir-se a segunda, na meia claridade que vinha de uma clarabóia, vi que estávamos no limiar de um longo corredor.

Foi ali que «ela» se deteve para me dizer aquelas estranhas palavras: — «Escute — sussurrou — «êle» não pode evitar que se cumpra o que tem que se cumprir, mas permitiu-me esta graça: trazer-te aqui. Assim, não acontecerá como comigo, o criminoso não ficará impune, compreendes? Tu mesmo o denunciarás.»

Disse isso e desapareceu. Senti que um suor gelado empapava-me as roupas, como agora, vêem os senhores? Julguei ser ela uma louca e meu primeiro impulso foi fugir, mas os olhos dela, olhos naquele momento já invisíveis, os mesmos que me trouxeram até aqui, fizeram-me seguir para diante. No fim do corredor, do lado direito, havia uma porta entreaberta. Espiei. Encostada à parede estava uma jovem com os cabelos despenteados, vestindo uma camisa de sêda azul. Uma das alças estava caída e o seio aparecia. Chamou-me a atenção um sinal prêto com alguns fios de cabelo a se destacarem na carne branca. A jovem tinha nos olhos uma expressão de terror e dizia desesperada: «Não, não, tu não poderás fazer isto, eu não creio que o faças, tu és bom...»

O homem que estava de costas para mim segurando um revólver riu: — «Bem sei que me achavas bom, mas agora já não há necessidade de fingar, sabes o que quero... Anda, escreve.»

— Sei que me matarás depois — gemeu a moça.

— Já te disse que não. Levar-te-ei apenas para algum lugar distante onde não me possas denunciar.

— Não! — gritou ela. — Sei que mentes!...

Êle aproximou mais o revólver. Tudo não levou 5 minutos. A moça, vencida, sentou-se e, debruçando-se sôbre uma mesinha, pegou uma fôlha de papel e escreveu algumas linhas. Levantou-se em seguida e a outra ordem do homem começou a calçar os sapatos. Foi então que êle, num movimento rápido, aproximou-lhe a arma do ouvido e deu ao gatilho. Ela tombou soltando um fraco gemido. O homem deitou-a na cama, limpou o revólver e o colocou entre os dedos da morta. Em seguida iniciou uma arrumação no quarto.

Tôda aquela cena me tinha causado pavor, todavia, a aversão que me inspirava a leitura ou a exibição de dramalhões, fizeram com que, de um modo contraditório, a cena me parecesse tôla, ridícula, semelhante a um ato de peça de segunda classe.

E' claro que não foi naquele momento e só mais tarde que pude achar esta definição para as sensações que na ocasião me dominaram.

— Oh, não me olhem assim, não foi para lhes contar um sonho que vim aqui. Esperem o fim...

(Cont. na pág. 4[illegible])

Conto de YVONNE R. DE MIRANDA

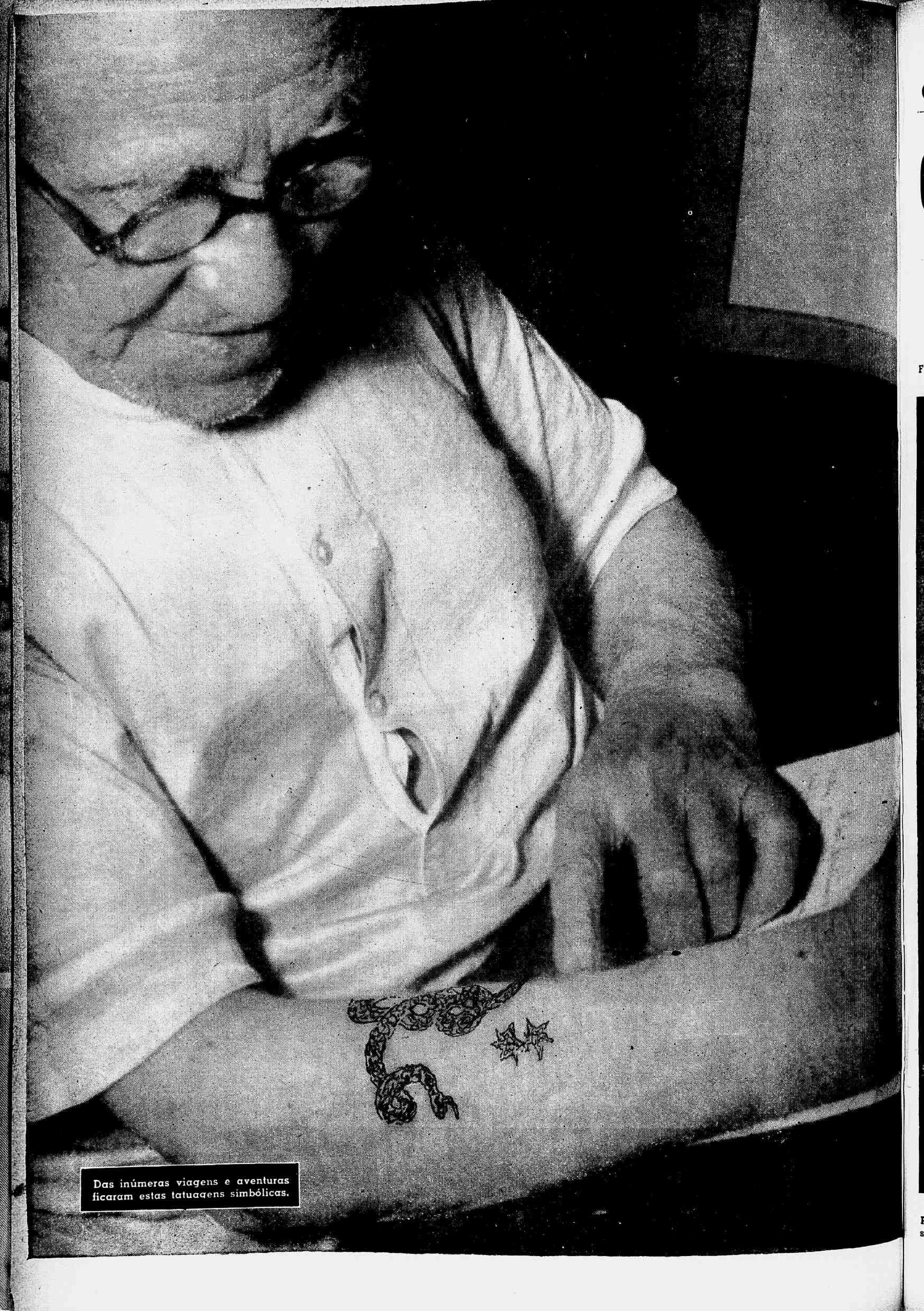
Ilustração de RAMON

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

EXPRESSÕES DO POVO — I





Das inúmeras viagens e aventuras ficaram estas tatuagens simbólicas.

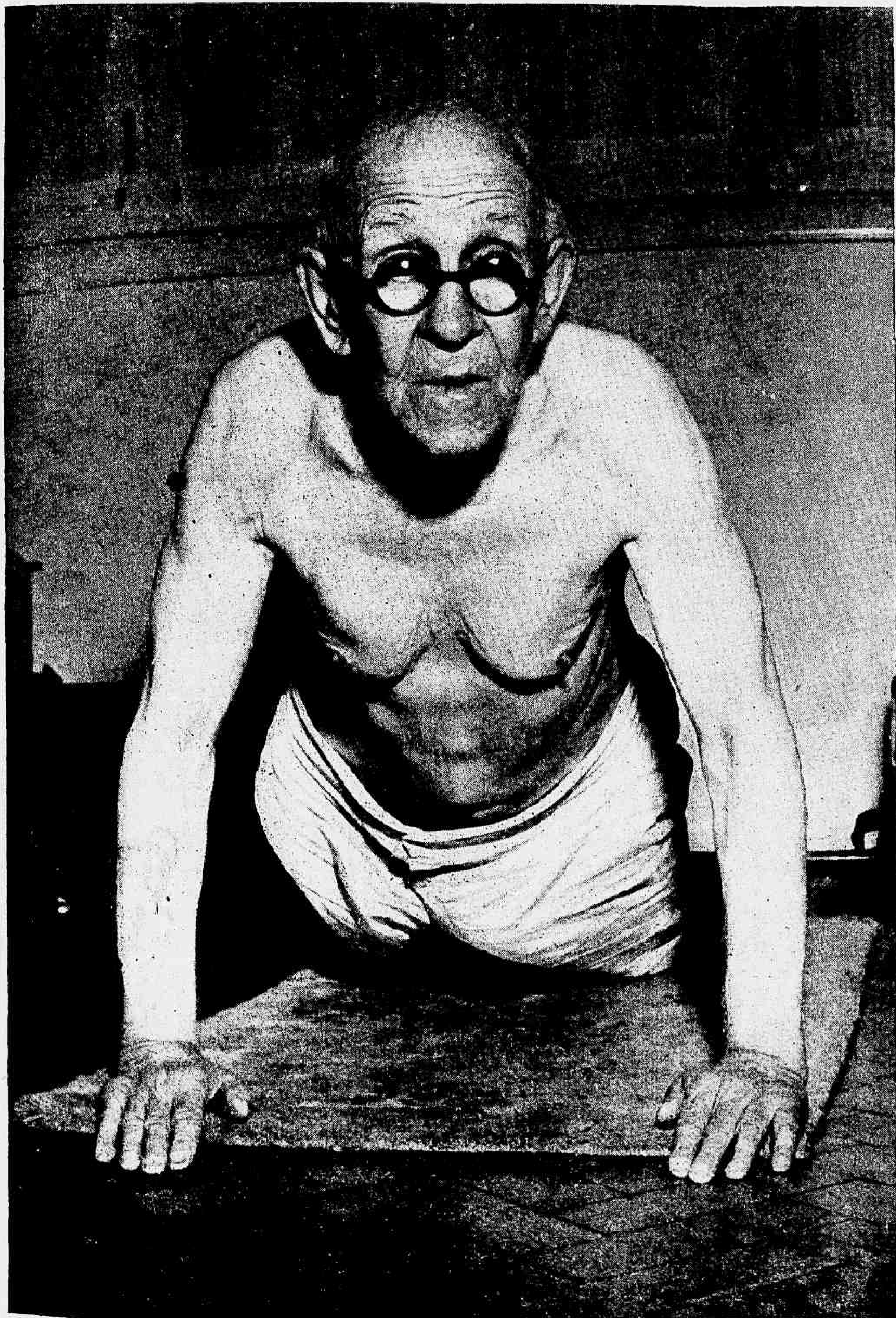
GAGO COUTINHO

O ALMIRANTE DO AR

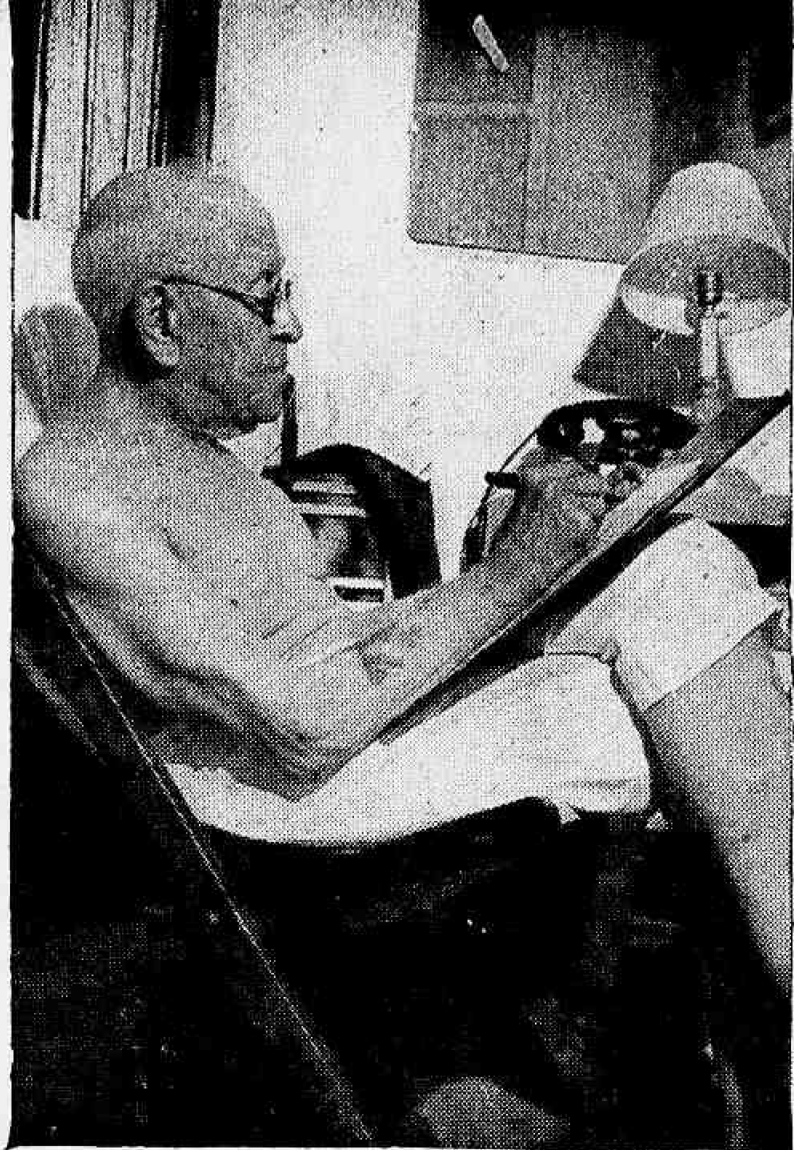
TRANSPÔS O ATLÂNTICO E TEM MÊDO DE ATRAVESSAR A AVENIDA RIO BRANCO ★ ESPERA MORRER EM 1956 ★ ELIXIR DE LONGA VIDA: COMER POUCO E RESPIRAR MUITO ★ AMÔRES ★ CONSTRUIU O PRÓPRIO TÚMULO

Fotos de ADIR VIEIRA

Reportagem de EDMAR MOREL



Para manter a linha, pela manhã bem cedo, o velho almirante faz, regularmente, sua ginástica sueca sôbre o tapête. Poucos jovens são capazes de segui-lo no ritmo vivo do movimento, durante uma hora.



Só escreve sentado nessa cadeira. E o faz diàriamente. Suas obras são sôbre trabalhos científicos. Tema predileto: os Descobrimentos portuguêses.

Gago Coutinho ficou universalmente conhecido, quando, em 1922, em companhia de Sacadura Cabral, atravessou o Atlântico, num minúsculo avião, proeza que abriu rumos à navegação aérea transcontinental. Nascido a 17 de fevereiro de 1869, em Lisboa, aos 17 anos de idade ingressou na Escola Naval, revelando extraordinária vocação pela matemática e geografia. Como oficial da Marinha fêz várias vêzes a volta ao mundo e como geógrafo trabalhou vinte anos na Africa, realizando estudos e demarcando fronteiras. Aos 53 anos, depois de adaptar o sextante à navegação aérea, fêz o vôo Lisboa-Rio, que empolgou o mundo. O glorioso aeronauta não dormiu sôbre os louros da vitória. De 1922 aos dias de hoje vem realizando pesquisas científicas e seus últimos trabalhos dizem respeito à História dos Descobrimentos Portuguêses.

QUANDO Gago Coutinho conquistou o Atlântico, pelos céus, em 1922, o Papa Pio XI, os reis Alberto, da Bélgica, e Afonso, da Espanha, escreveram:

"A travessia aérea do Atlântico pelos heróicos aviadores portuguêses, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, foi ato sublime de fé, de ciência, de coragem e de amor pátrio."

Mas o minúsculo monomotor "Fairey", ao baixar junto aos rochedos de São Pedro e São Paulo, o Atlântico deixou de ser a fortaleza inexpugnável do Brasil.

A epopéia dos lusitanos foi o maior feito aviatório do século XX. Só depois é que surgiram Mermoz, Lindbergh, Ramon Franco, Iglesias, Amélia Earhart, Sarmento de Beires, De Pinedo, Ferrari, Del Prete, Balbo, Howard, Saint Romain.

Quando Gago Coutinho domou o Atlântico, pelos ares, tinha 53 anos, dos quais 35 passados nas florestas da África e no bojo dos veleiros, inclusive o "Mindello", que o trouxe ao Brasil em 1893 e aqui foi surpreendido com a revolta da Armada, à frente Custódio José de Melo, Alexandrino de Alencar e Saldanha da Gama.

De 1922 até hoje — e lá vão mais de 30 anos — Gago Coutinho vive no coração da gente brasileira.

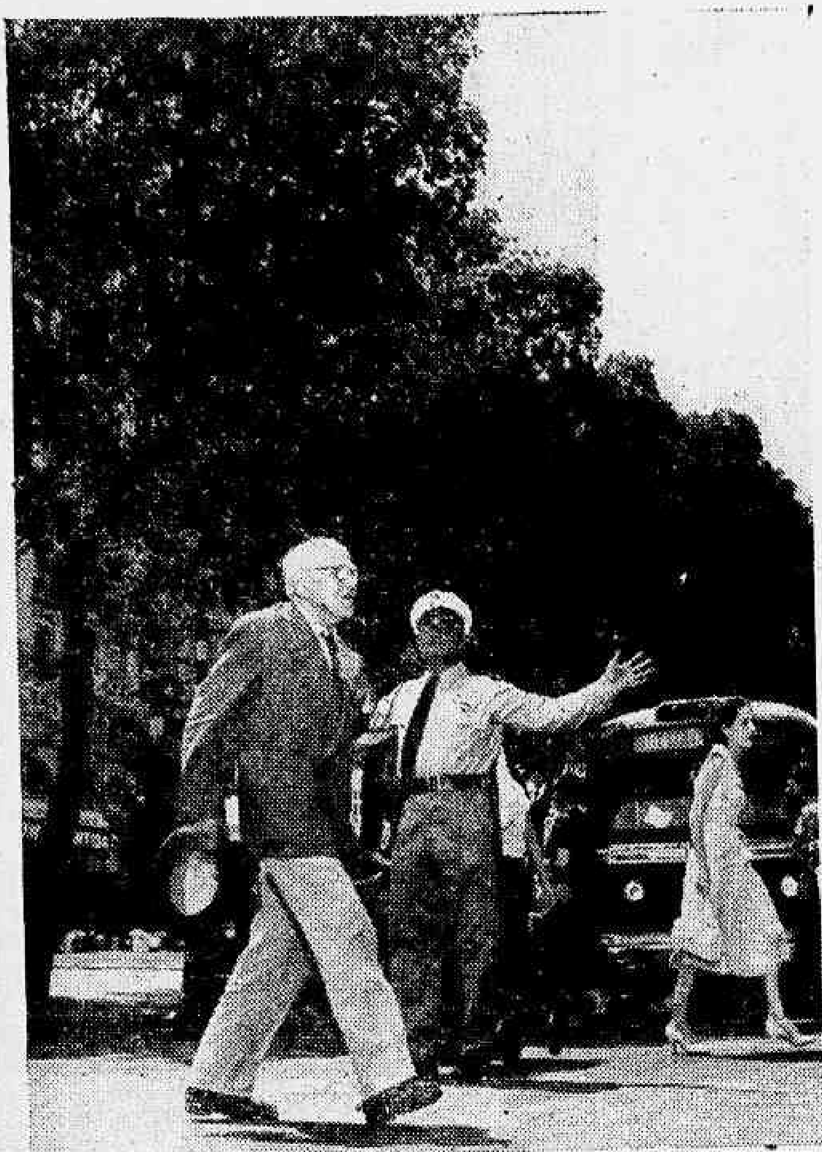
1953

O Almirante, mergulhado numa cadeira de lona, na qual escreve seus trabalhos literários e científicos, diz, com malícia:

— Seis vêzes já atravessei o Atlântico, em navios com vela e motor auxiliar. Seis de avião, inclusive no "DOX", na sua viagem inaugural e umas 80 vêzes em transatlânticos. E' muito mais fácil repetir a proeza de 1922 — pular o Atlântico, num "Teco-Teco" — do que atravessar a avenida Getúlio Vargas...

Gago Coutinho lembra que já foi colhido duas vêzes por automóvel.

— Tenho dificuldade em enxergar. Uso óculos com lentes bem fortes, mas os motoristas não respeitam as minhas cautelas. Daí usar uma calça branca, à noite, com paletó escuro. Os cegos usam bengala. Como tenho ainda um resto de vista, pre-



Quem atravessou o Atlântico no ano de 1922 num pequeno avião teme cruzar a Avenida.



Por veículo algum dêste mundo troca o bonde. E' ventilado, seguro e devagar vai longe...



Uma vez em Copacabana, dá início a sua caminhada diária. E' emérito andarilho...

firo as calças. Com tôda a calça branca, passei um mês na Beneficência Portuguêsa...

E o conquistador do Atlântico insiste:

— Tenho pavor de atravessar as avenidas Getúlio Vargas e Rio Branco... Como as companhias de seguros fundam-se em estatísticas médias e a um recém-nascido dão 63 anos de vida, já estou com um saldo de 22 anos. Espero viver mais uns três. Tudo que vier é lucro...

VIDA AMOROSA

Gago Coutinho, cujo nome andou trepado nas manchetes dos jornais do mundo inteiro, tem algumas tatuagens japonêsas no braço, feitas em Tóquio. E a sua casa, à rua da Esperança, 164, em Lisboa, na Madragoa, o romântico bairro dos pescadores, é um museu de lembranças das suas três viagens à volta do mundo e das três jornadas na África, a última em 1933. Lá tem de tudo, menos retratos femininos. Lembrei o fato e o almirante respondeu:

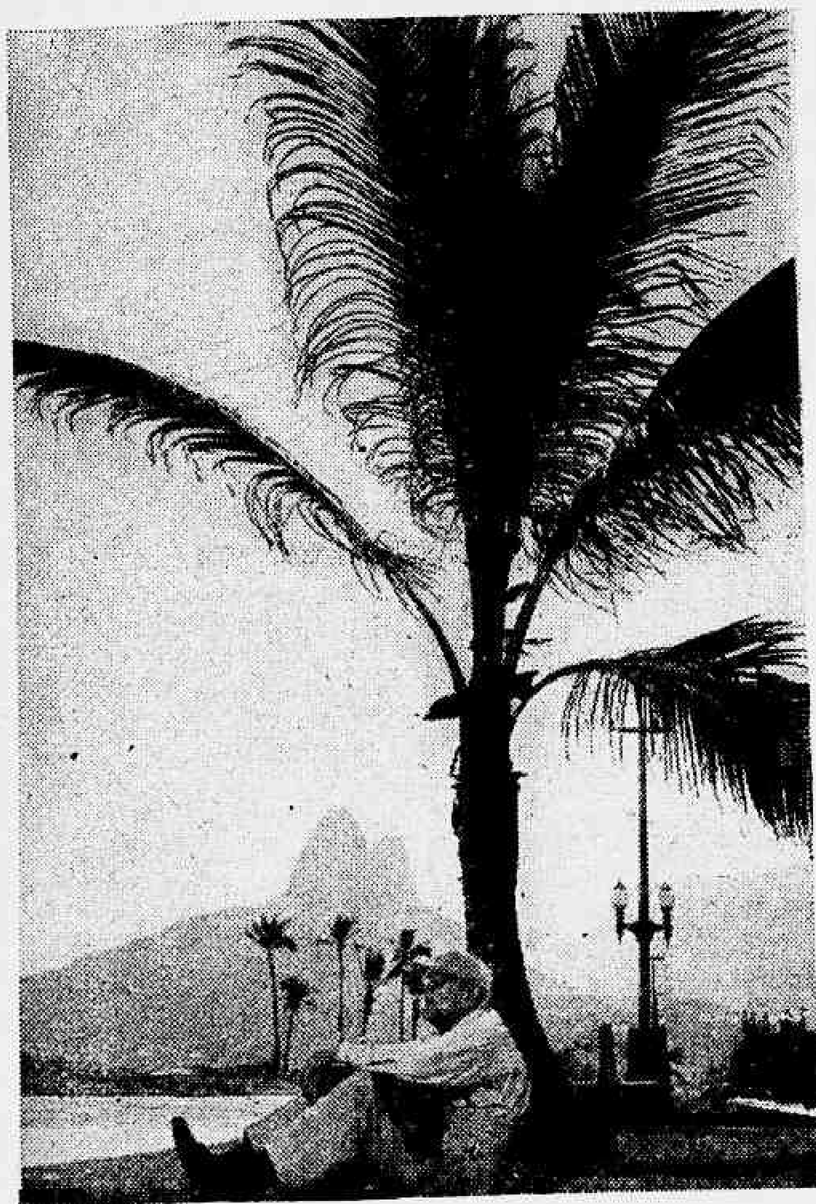
— Nunca tive sorte com o amor. Se tivesse aparecido uma mulher em minha vida eu teria tido outra vida, de certo menos agitada. Aos 17 anos tive a primeira e única paixão, com uma cantora de nome Delmira, primeira atriz de uma companhia lírica. Amei-a alucinadamente, mas a artista não sabia de nada... Tive alguns romances mais ou menos ilícitos, na África. No Brasil, com 54 anos de idade, com todo o curso de um homem vivido na Europa e, em particular, em Paris, fui vítima de uma chantagem amorosa e acabei na polícia. Depois veio a idade. Nunca casei e não tenho filhos, legítimos ou não...

MÉTODO DE VIDA

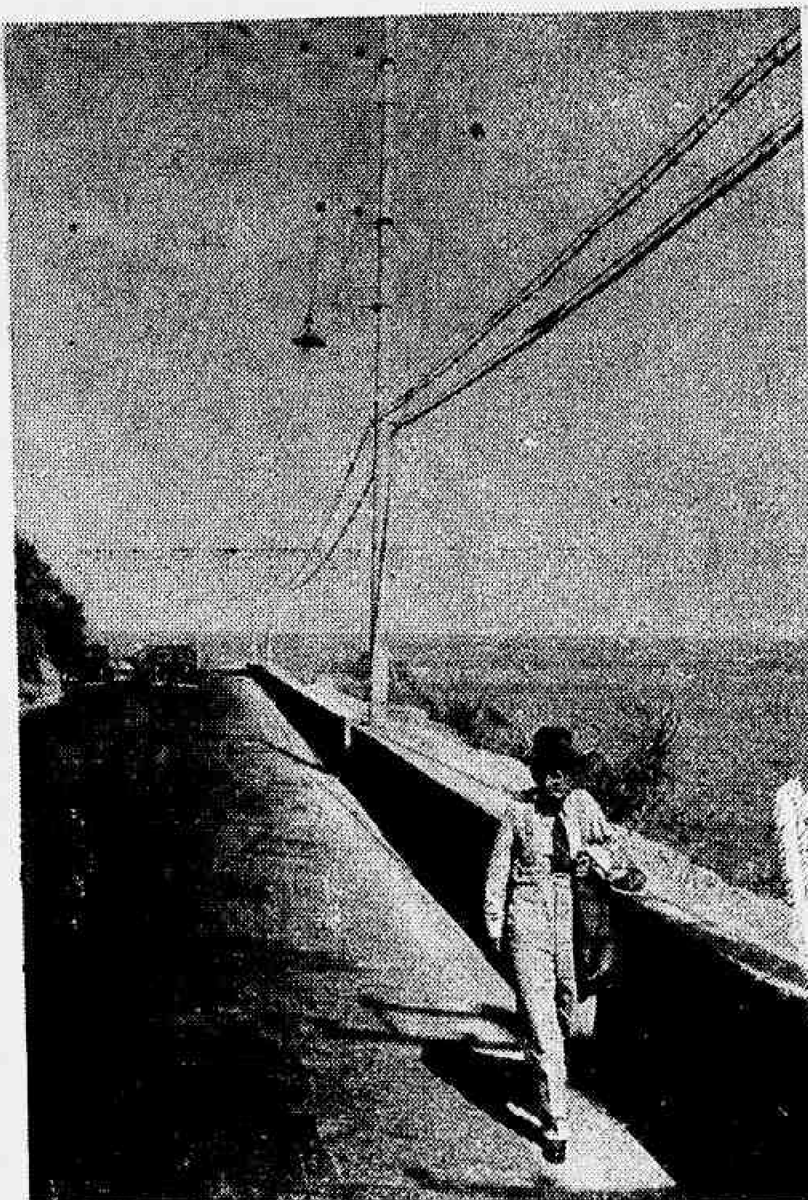
Falam que Gago Coutinho tem rendas no Brasil, não paga hotel e viaja de graça nos navios e aviões. O almirante nunca levou do Brasil um só centavo, e o próprio prêmio de cinqüenta mil cruzeiros, conferido pelo Govêrno Federal, pelo feito de 1922, êle nunca procurou receber. Paga hotel e, quando estêve na Beneficência Portuguêsa, com a perna fraturada, pagou integral o apartamento que ocupava no Palace Hotel, número 318, no qual tomou aposentos 20 vêzes. Certa vez escreveu um artigo para um jornal e recebeu 800 cruzeiros. O argonauta entrou numa exposição, com um quadro e disse:

— Não seria com 80 anos que iria levar um centavo do Brasil para Portugal.

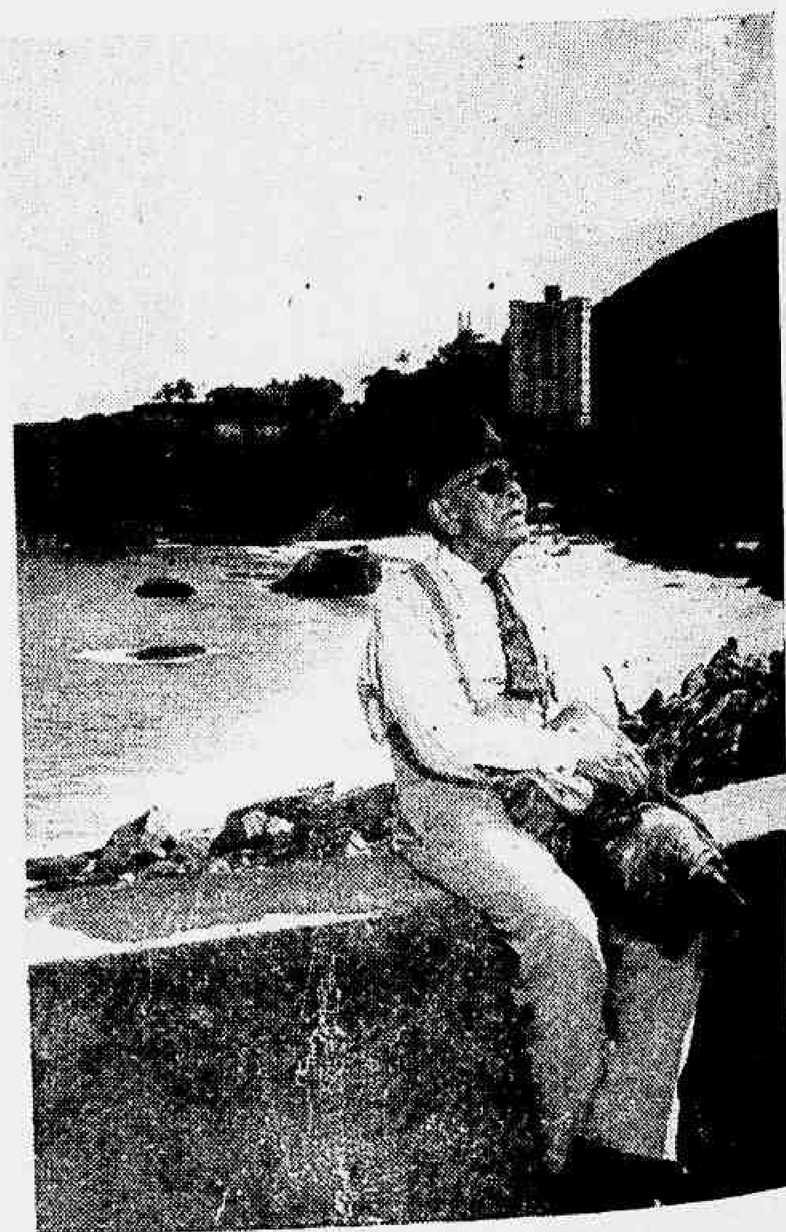
Hoje, o homem de fama mundial, tem vida tranqüila. Passa seis meses em Portugal e seis no Brasil. No Rio, durante 26 anos, foi hóspede do Palace Hotel. Agora está no O. K. Não atende telefone e faz refeições avulsas, comendo na rua São José. Acorda às 5 horas. Faz uma hora de ginástica sueca, inclusive com o sandô. Lê e escreve até às 9 horas e devora tôdas as páginas do "Jornal do Brasil" e "O Jornal". Após o almôço — não come carne e gosta de peixe, frutas, café e água gelada, em forma de refrêsco — faz um passeio ao longo da Avenida Niemeyer ou ao Alto da Boa Vista. Vai de bonde até Ipanema e depois a pé, gastando duas horas na excursão. Nunca janta e ao entardecer toma mate, com torradas, e água gelada. Tem sempre um programa de visitas aos



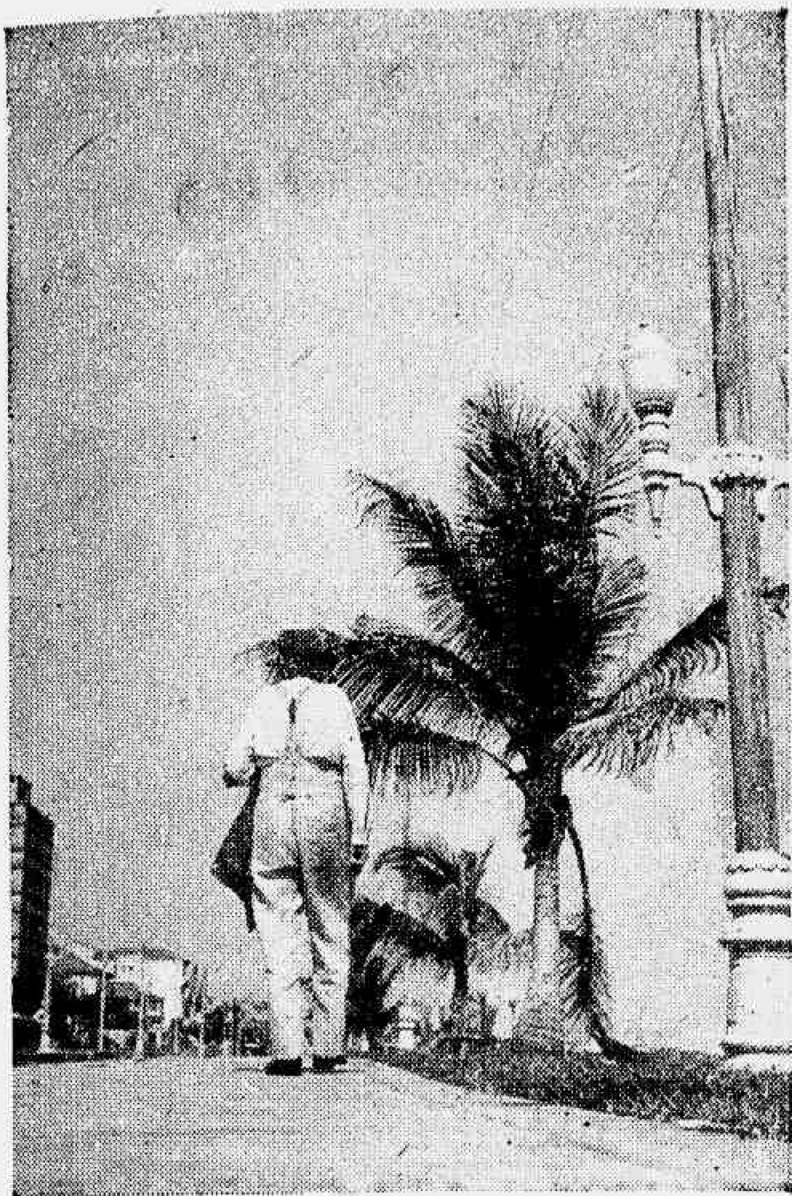
De vez em quando, senta e filosofa. As árvores vivem muito porque respiram bem.



Mas vamos adiante, o «raid» agora é feito pela avenida Niemeyer ao sol matinal...



Outra pausa não faz mal a ninguém. E' preciso fazer tudo com método e regra.



Junto às palmeiras — símbolo do trópico que tanto ama — ei-lo rumo ao bairro do Leblon.

vivos e mortos. No primeiro grupo estão o diplomata Macedo Soares, casado com uma filha do sr. Augusto Prestes, recentemente falecido, e o seu maior e mais antigo amigo; Assis Chateaubriand, Beneficência Portuguêsa e o autor desta reportagem. Deposita flores sôbre os túmulos de Augusto Prestes, Santos Dumont, dos três almirantes da revolta de 1893, — Custódio José de Melo, Alexandrino de Alencar e Saldanha da Gama. — Outro mausoléu que êle visita é de Francisco Xanfredo, seu companheiro de 50 anos.

O SEGRÊDO DA VIDA

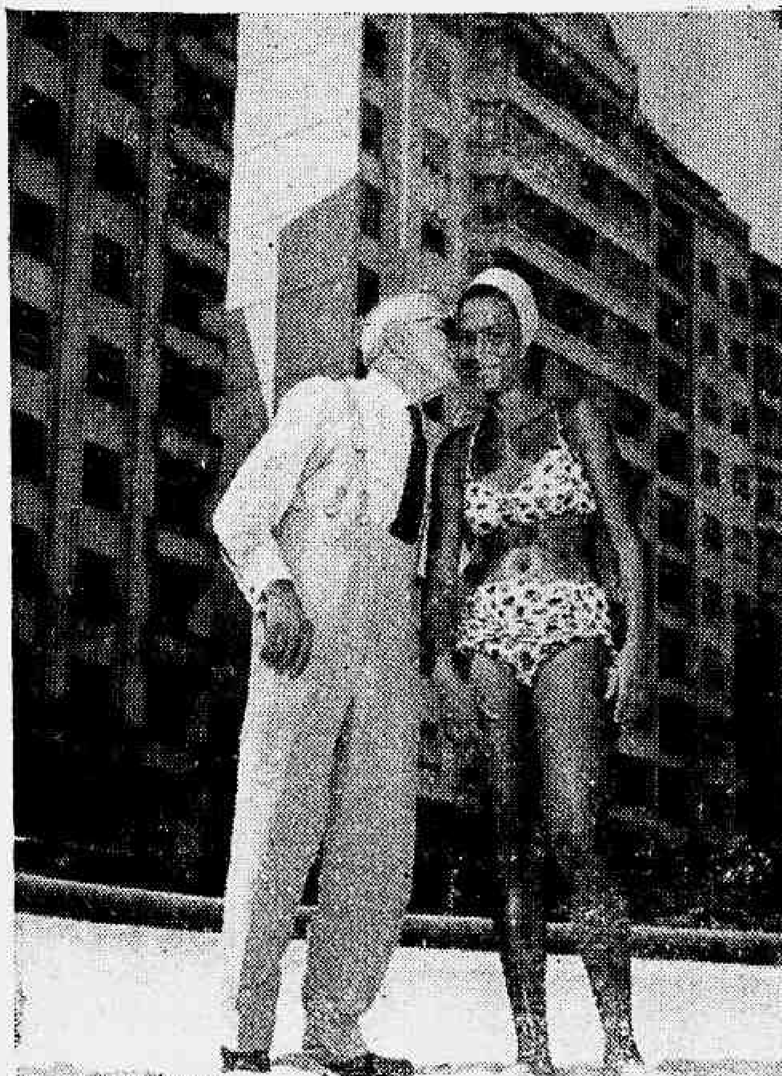
O pai e o avô de Gago Coutinho morreram com mais de 90 anos. Mas êle só espera viver mais 3.

— Varei a África nas duas direções e conheço o mundo inteiro. Estive em Iguaçu, Niagara e Victoria Fall. Conheço um bocado de chão do Brasil.

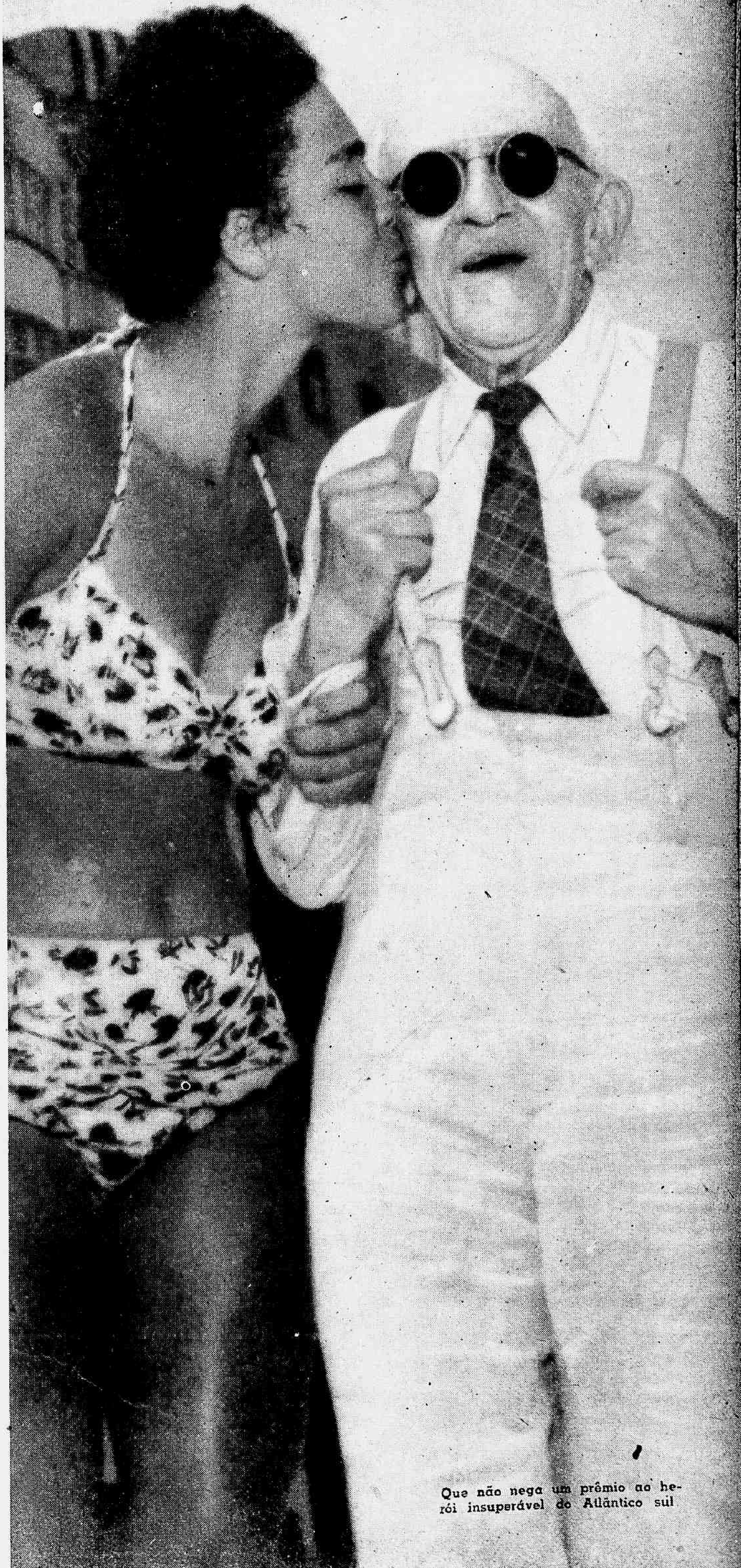
O Almirante mostra os seus músculos e diz:

— Tinha 78 anos quando andei de jangada, no Ceará. Sempre tive vida desportiva. Na África, onde passei 20 anos, morei em plena floresta. Até hoje faço ginástica rítmica, com exercícios respiratórios profundos. Respiro muito e como pouco,

(Cont. na pág. 40)



Até mesmo quando isto acontece: — encontrar uma boa amiga da ribalta, na areia



Que não nega um prêmio ao herói insuperável do Atlântico sul



LIDO... VISTO...

A ANEDOTA ILUSTRADA

O QUE RELEMBRA ESTA FIGURA?



RECORDA aquêle episódio entre João Caetano, grande ator dramático, e um jovem escravo, garçon de um restaurante do Rio. João Caetano sentara-se para almoçar e o serviçal se queixara de ser escravo. João Caetano, tirando da gravata um alfinete com belo brilhante, começou a servir-se dêle para comer algumas frutas miúdas. Depois do repasto pagou a conta e deixou a jóia no prato. O escravo, julgando que o ator houvesse esquecido o alfinete, apanhou-o e foi entregá-lo. Mas João Caetano, com fingido desdém, respondeu: "Fica com êle para ti. Não costumo levar comigo o talher com que me sirvo." Graças a isso pôde o criado conseguir a sua carta de alforria.

PARA ENGANAR TURISTAS

Pasteur Valéry-Radot, neto de Pasteur e do popular romancista Eugène Sue, estêve no Brasil por mais de uma vez, muito se interessando com as coisas do nosso país. Certa vez, falando a um amigo sôbre a grande quantidade de monumentos exóticos que divisara pelas colinas de alguns Estados, ao passar de trem ou de automóvel, perguntou o que significava aquilo. O nosso patrício, naturalmente para pilheriar com o cientista, disse que se tratava de túmulos de índios brasileiros mortos naqueles lugares. Na verdade, tais «monumentos» não passam de simples prova da existência de cupins tão abundantes nos campos do Estado de Minas, Estado do Rio, etc., emprestando aspectos dos mais curiosos aos murundus das zonas de criação. Mas o francês nunca julgou que estavam cometendo uma perversidade com êle, proporcionando-lhe meios de mentir involuntàriamente. Dito e feito: chegando à Europa, declarou que havia no Brasil grande número de túmulos de índios todos muito simples. Foi uma mentira «turística», irmã daquela que pregaram a um outro diplomata europeu que visitou a baixada fluminense ao tempo de Nilo Peçanha. Do trem em direção de Campos, o nosso visitante começou a avistar uma várzea imensa, entre o mar e as montanhas a oeste. Em tôda a direção do alagadiço êle via um tapête de gramíneas da altura de um homem, oscilando ao vento em ondulações impressionantes. Perguntouguntou a Nilo Peçanha que plantações eram aquelas tão bem cuidadas e tão viçosas. O sagaz fluminense, para não dar provas de que éramos uns indolentes, e que aquilo nada mais era do que tiririca e capim de flecha sem utilidade nenhuma, informou com a maior serenidade:

— Ah! Excia. São os arrozais de Pendotiba!

CAMILA HARI

● Era uma velhinha natural da Córsega, humilde de origem, mas muito palradora. Um belo dia, já alquebrada pelos anos, fôra a Avignon, França, com o propósito de ver o prodigioso Napoleão Bonaparte, seu conterrâneo. O grande cabo-de-guerra recebeu-a cordialmente, deu-lhe presentes, proporcionou-lhe uma entrevista com o Papa Pio VII. Josefina, espôsa de Napoleão, beijou-a, ofereceu-lhe jóias e honrarias. Camila ficou hospedada no palácio imperial e chorava de contentamento. Quem diria, hein? Quando voltou à ilha da Córsega, estava rica. Além de presentes no valor de cento e vinte mil francos, ainda lhe fôra doada a vinha «Esposata», na qual Napoleão passara as suas férias como estudante. Mas, afinal, por que razão tanta coisa a uma simples mulher do povo? Era porque se tratava de Camila Hari, a ama de leite de Napoleão...

QUEM DISSE ISTO?

1 — O Estado sou eu.

2 — Em química não se pode **pensar**, não se pode **crer**, é preciso **saber**.

3 — Digam a meu pai que eu sempre honrei o seu nome.

4 — Morre um liberal, mas não morre a liberdade.

5 — A superstição é ainda uma esperança.

(Respostas na pág. 38)

O CARATER DE LAURO MÜLLER

QUANDO Lauro Muller, Ministro da Viação, contratou a construção do Pôrto do Rio Grande do Sul, dias após o projeto estudado e aprovado, veio procurá-lo o principal elemento da firma contratante, para fazer-lhe um pedido. Mas queria que Lauro Muller lhe garantisse o consentimento, antes mesmo de saber qual o assunto. E' claro que o Ministro não concordou; mas, havendo o proponente atenuado a coisa com uma condição — a de ser o consentimento prévio, absolutamente condicional — Lauro Muller aceitou. E soube do que se tratava: o contratante incluía nas obras do pôrto uma estátua do Ministro, um monumento imponente, sem custar um tostão a mais. Era uma homenagem que desejava prestar ao grande estadista catarinense e benfeitor do Rio Grande. Lauro Muller sorriu, concordou. Mas, quando o proponente já estava contando com a vitória, o Ministro volveu: "Bem, aceito; mas também com uma condição. Eu escolhoo material da estátua. O contratante concordou. Podia escolher o que quisesse. Bronze, mármore, aço, até ouro. E Lauro Muller concluiu: a estátua será de areia!



SI HADI MOHAMMED EL MOKRI

É êste marroquino um dos mais famosos cidadãos do mundo. Vejamos: tem 109 anos de idade. Em 1868 chefiou uma delegação ao Egito para visitar as obras do Canal de Suez, já em conclusão; em 1906 assinou o tratado de Algeciras com a Espanha; em 1912 negociou com o general Liautey o tratado com o govêrno francês que estabeleceu o protetorado sôbre Marrocos; é Grão-Vizir de Marrocos há 52 anos ininterruptos; sua influência em tôda aquêla região africana é das mais sólidas, e vem contendo as explosões dos nacionalistas árabes; Si El Mokri, apesar de já ter vivido mais de um século, levanta-se às quatro da manhã e termina seus serviços às dezoito. Tem a mente lúcida e conhece todos os problemas da humanidade.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...



UM CASAL FELIZ — Êle, o milionário Bernard Mac Fadden, de quase noventa janeiros bem puxados; ela, Johnnie Lee, de quarenta e poucos. A cena se passou no aeroporto de Nova York, quando, faz pouco tempo, o velhinho embarcava em um avião com destino à França, onde ia lançar-se de pára-quedas sôbre a Praça da Concórdia. Mac Fadden executou a proeza, da qual já nos ocupamos em edição anterior. Está êle agora escrevendo um livro que vai fazer sucesso no mundo inteiro: «Método para viver muito e feliz». Vejam os leitores a expressão de meiguice dêsse casal e nos digam se, em verdade, o americano não está mesmo autorizado a dar-nos suas receitas! Nada de Voronoffs, nem de drogas milagreiras. Seu método é outro.

●

O ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO DA FRANÇA

De uma estatística extraímos os seguintes dados sôbre o número de Constituições já existentes na França: a de 1791, decretada pela Assembléia Nacional e aceita pelo rei; a de 1793, elaborada pela Convenção e oferecida ao povo; a do ano 3, que criou o Diretório; a do oitavo ano, a do Consulado; a de 1802, que perpetuava o govêrno de Napoleão; a de 1804, fundando o Império; a de 1814, sob o domínio de Luís XVIII, modificada em 1830; a de 1840, da República; a de 1852, promulgada por Luís Napoleão, seguindo ainda mais três: a de 1875, de 1879 e 1884. Isso até aí. De lá para cá já houve diversas. E deve vir mais, naturalmente.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 QUAL A PRIMEIRA DISTANCIA MARCADA POR UM TAXÍMETRO:
— A de Londres a Coventry?
— A de Paris a Amiens?
— Ou a de Nova Iorque a Miami?

2 A PALAVRA "ALMANAQUE" E' DE ORIGEM:
— Árabe?
— Alemã?
— Galega?

3 QUAL O SOBERANO QUE, PELA PRIMEIRA VEZ, TEVE SUA EFÍGIE EM MOEDAS:
— Augusto, rei da Macedônia?
— Ramsés II?
— Carlos Magno?

4 QUANTAS PEÇAS TEM UM RELÓGIO DE ALGIBEIRA:
— Duzentas?
— Noventa e oito?
— Cento e trinta e seis?

5 QUAL A PARTE DO MUNDO MAIS DENSAMENTE POVOADA:
— Groenlândia?
— A ilha de Java?
— A Austrália?

6 QUANTOS QUILOS PESA A ESTÁTUA DA LIBERDADE, EM NOVA IORQUE:
— 204 mil?
— 510 mil?
— 600 mil?

7 QUANDO E' QUE A PULSAÇÃO CARDÍACA E' MAIS ACELERADA:
— Na velhice?
— Na maturidade?
— Na infância?

8 QUAL O MENOR ESTADO DO MUNDO, TERRITORIALMENTE:
— Luxemburgo?
— O Vaticano?
— A República de S. Marinho?

9 POR QUE O BRASIL JÁ PERTENCIA A PORTUGAL, ANTES MESMO DE SER DESCOBERTO POR UM PORTUGUÊS:
— Porque assim determinava o tratado de Tordesilhas?
— Porque Portugal era a maior potência naval do mundo?
— Porque não se tratava das Índias Ocidentais?

10 DE ONDE NOS VEIO O VOCÁBULO "SALAMALEQUES":
— Da Índia?
— Da Bolívia?
— Do árabe?

11 EM QUAL DÊSTES PAÍSES FOI INVENTADO O FRAQUE:
— Na Inglaterra?
— Na Itália?
— Na França?

12 EM QUAL DESTAS CIDADES O SOL NASCE E SE PÕE ÀS SEIS HORAS:
— Em Quito, Equador?
— Em Lourenço Marques, África?
— Em Manaus, Brasil?

13 O AUTOMÓVEL E' INVENÇÃO:
— Inglêsa?
— Francesa?
— Norte-americana?

14 DE ONDE VEIO O USO DO "QUIOSQUE":
— Da Turquia?
— Da Índia?
— Da Alemanha?

15 QUAL DÊSTES POVOS SANTIFICA A TÊRÇA-FEIRA:
— O japonês?
— O javanês?
— O persa?

Resposta 0	.. Estado primitivo	— Homem-macaco
de 1 a 3	.. cultura inferior	— Selvagem
de 4 a 6	.. cultura média	— Estudante ginasial
de 7 a 11	.. cultura superior	— Universitário
de 12 a 14	....	— Um sábio
Tôdas as 15	....	— O gênio em pessoa

(Respostas na pág. 38)

S. Lourenço
Caxambú
Araxá
Lambarí
Cambuquira



Toda a familia terá horas de sobra para passeio ou repouso nas estâncias balneárias, viajando de avião. Os nossos aviões sobrevoam panoramas encantadores e oferecem o máximo de confôrto em viagem aérea.

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 686 - B - Tels. 32-7397, 32-7398 e 32-7399



Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA

TANGO
SWING
BOLERO
BAIÃO
RUMBA
CONGA
VALSA
MARCHA
SAMBA
FOX-TROT
SAMBA LISO

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero. Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **MME. BOVARY (Rio)**

SONHO: Estava num lugar onde havia um lago meio retangular, cercado de pedras; num dos ângulos da paisagem, um amontoado de pedras formava uma gruta. Inesperadamente, sem que eu visse de onde vinha, percebi uma serpente de fauce descomunal que subia pela gruta. Sobressaltei-me, mas logo me tranqüilizei ao ver surgir ao meu lado um homem vestido de branco que tentava matar o animal, o que obstei, dizendo: — Não a mate! — A cobra retrocedeu e desapareceu.

INTERPRETAÇÃO: O elemento água representa, em psicanálise, um símbolo essencialmente sexual que corresponde ao nascimento. E' claro que deve haver em sua vida qualquer situação inibidora que a impossibilite de ser mãe (lago rodeado de pedras). E é tão forte o motivo que a impede de satisfazer seus instintos maternais que outro símbolo se apresenta junto ao primeiro — a gruta. Entretanto, você tem bastante fôrça para cristalizar seus anseios (ordem que deu ao desconhecido para que não matasse a cobra) e passar por cima de tôdas as circunstâncias desagradáveis sem molestar-se. Vejo grande sacrifício e estoicismo em seu modo de viver; você deve ser uma mulher de sentimentos bastante elevados e tem grande dose de responsabilidade em sua vida social. Como ignoro seu estado civil, desconhecendo as causas que a preocupam, é-me difícil orientá-la como me pede.

● **MAMY (S. Paulo)**

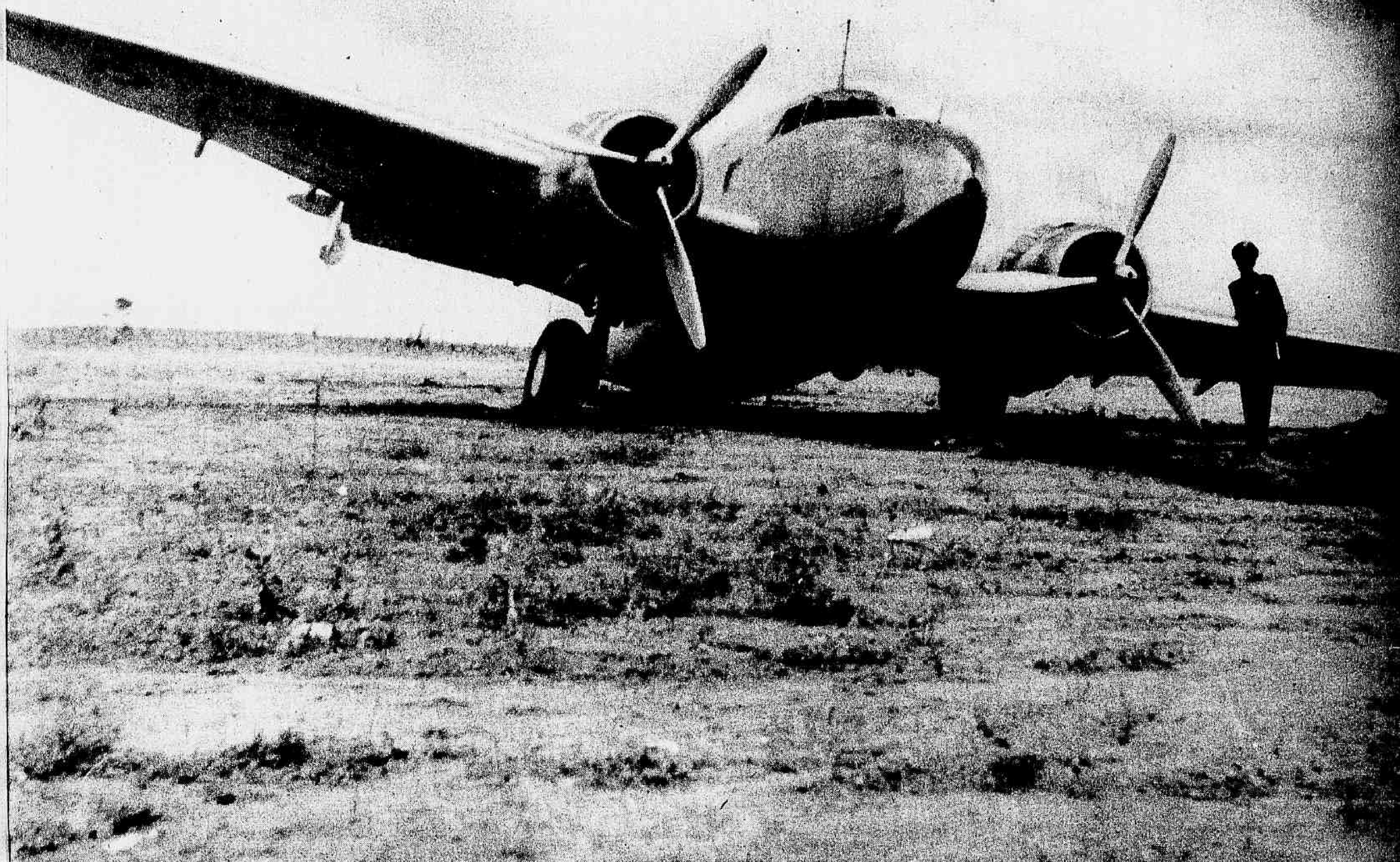
SONHO: Numa época de grande dificuldade, sonhei que caminhava com meus dois filhos menores por uma campina ressequida. Ambos estavam vestidos como pequenos mendigos, o que me confrangia o coração. A certa altura, o caçula se desgarrou de nós e eu fui alcançá-lo à beira de um precipício, cuja profundeza me apavorou. O menino estava em perigo e foi com dificuldade que consegui tirá-lo dali. Então, tirei-lhe aquela roupa esquisita e lavei-o. Era uma água tão límpida, tão clara, tão fresca, que, embora já se tenham passado dez anos sôbre êsse sonho, ainda conservo nitidamente a impressão que me causou. Ao lavar meu filho, eu pensava que ia dedicá-lo ao Coração de Jesus que o livrara do perigo.

INTERPRETAÇÃO: Como boa Mamy que você deve ser, é natural que se preocupasse com seus filhinhos; julgando-se desamparada, receava que viessem a passar privações que, com seu zêlo de mãe, você exagerava, vendo-os já como pequenos mendigos. Daí o ter sonhado com a «campina ressequida». Você deve julgar o seu caçula capaz de grandes gestos desconhecidos e imprevistos (beira de precipício), gestos êsses que, por emanarem de fôrças estranhas, são difíceis de conter (dificuldade que teve em tirá-lo do abismo). Vejo claramente sua bemfazeja e abnegada atuação na alma e na educação do seu filho (lavá-lo em água cristalina), conduzindo-o ao caminho do bem e do amor (dedicá-lo ao Coração de Jesus). As mães têm previsões espantosas com relação aos filhos e quando são boas e justas podem, com seu amor, desviá-los de tortuosas veredas e levá-los à conquista de vitórias que com êles partilharão.

● **SOLITA (Rio)**

SONHO: Estava deitada num quarto de casa de campo, quando baratas e outros insetos começaram a entrar por uma fresta da porta. Enquanto me defendia, apavorada, pensei que os bichos estragavam tôda a poesia da vida no campo. Nisso, vejo subindo pela parede uma barata maior do que as outras e muito «chic», pois era tôda preta e pintalgada de «pois» prateados e brilhantes. Essa beleza não a livrou da minha fúria, pois atirei-lhe um trapo branco, fazendo-a cair sôbre a mesa. Quando me aproximei para ver se tinha morrido, ela se havia transformado num gatinho de pelúcia preta. — Isso é macumba! — pensei horrorizada e sentindo-me sem defesa naquele quarto que nem podia ser bem fechado pois a porta não chegava até o chão.

INTERPRETAÇÃO: Seus pensamentos devem estar bem desordenados e sua mente, eivada de precipícios. Você deve ver em cada criatura um vermezinho (insetos) sempre pronto a importuná-la. E êsses pensamentos são tão constantes que, mesmo quando você desfruta de momentos felizes (vida de campo), êles a importunam, tirando-lhe a felicidade interior que você tenta doirar (barata fantasiada). Suas ilusões (barata que se transforma em gatinho) estão sempre à espera de oportunidade para perturbar sua mente (pavor diante do gato). Além disso, é evidente que se deixa levar por insinuações de fôrças inferiores (macumba), embora o tema e não saiba como se há de livrar de seus efeitos. E' necessário que fortifique sua vontade, limpe seus pensamentos e clareie sua mente com boas leituras e o convívio de pessoas otimistas e positivas.



Êste Loadstar foi comprado em massa falida, serviu para passageiros, porem alguns "águias" o transformaram em ave de rapina. Mas acabou atolando na lei.

CONTRABANDO NOS CÉUS

BURLA E TIROTEIO EM ESTILO HOLLYWOOD, MAS NO QUILÔMETRO 62, PERTO DE IBIÚNA, NO ESTADO DE SÃO PAULO, O NEGÓCIO FALHOU ★ OS GAVIÕES FORAM VISTOS EM SÃO PAULO TRÊS DIAS ANTES DE SEREM PRESOS ★ NA DELEGACIA, OS CONTRABANDISTAS PROCEDEM COMO SE FÔSSEM ALTAS PERSONALIDADES ★ EXISTIRIA UM DEPÓSITO EM MATO GROSSO OU EM GOIÁS

Reportagem de HORACIO DE OLIVEIRA **Fotos de DARIO TERINI**

OUTRO dia, numa fila de cinema, dois senhores comentavam a impunidade com que se rouba neste depauperado Brasil. Falaram sôbre nomes em evidência no cenário político, sôbre o escandaloso inquérito do Banco do Brasil e, a certa altura, um dêles disse uma frase, já mil vêzes repetida e agora, mais uma vez reproduzida pela sua oportunidade:

"Neste país só vai pra cadeia quem comete a desfaçatez de roubar pouco."

Realmente, no mesmo dia em que os jornais registravam a condenação de um pequeno comerciante por vender seu produto dois cruzeiros acima do preço tabelado; no mesmo dia em que batedores de carteira eram presos, espancados e atirados no xadrez; enfim, no mesmo dia em que uma porção de assaltantes de pequeno vulto sofria as penas cominadas em lei e as não cominadas também, outras colunas narravam uma aventura em alto estilo cinematográfico, não faltando nem tiros nem avião para emprestar grandiosidade à ação...

CONTRABANDO NOS CÉUS

NÃO HÁ FRONTEIRAS NO CÉU

Ante as dificuldades ùltimamente impostas pelo regime de licença prévia para os produtos de importação; ante o elevado valor atingido pelos mesmos produtos devido à sua escassez no mercado nacional e a progressiva valorização do dólar, os irmãos Roberto e Sílvio Pedrosa, comandantes de conhecida companhia de navegação aérea, pilotos experimentadíssimos, imaginaram um plano de ganhar dinheiro à larga, mediante pequeno empate de capital: com um bom avião poderiam ganhar rios de dinheiro em contrabando. Não há fronteiras nem alfândegas no céu...

No leilão conseqüente à falência da NAB, Marcelo Pedrosa, irmão de Roberto e Sílvio, todos residentes em São Paulo, haviam comprado o "Lockheed", tipo Lodestar, para 16 passageiros, transformando-o em cargueiro com capacidade para quase 10 toneladas.

CAMPO DE POUSO NO QUILÔMETRO 62

Há cêrca de seis meses, o chefe do Pôsto Fiscal de Ibiúna, localidade situada pouco além de Cotia, recebeu informações de que, nas proximidades do quilômetro 62, havia um campo de pouso particular onde, periòdicamente, aterravam aviões de grande porte. O denunciante suspeitava tratar-se de contrabandistas. O sr. Benjamim Grizzi, chefe do referido pôsto, procurou certificar-se sôbre os motivos dos estranhos pousos. Mas, as aterragens e decolagens eram muito rápidas e não permitiam verificação. O sr. Grizzi, em vista disso, encarregou um roceiro que morava nas imediações do campo de informá-lo.

TIROTEIO

Sexta-feira, dia 20 de fevereiro, o sr. Benjamim Grizzi foi informado de que o avião voltara ao campo. Rumou para lá em companhia de Flávio de Freitas, chegando a tempo de lavrar o flagrante, não o podendo fazer por terem sido rechaçados pelos contrabandistas, sob a alegação de que estavam invadindo uma propriedade particular. Diante da maneira descortez adotada pelos irmãos Pedrosa, o fiscal da Fazenda do Estado resolveu prudentemente não insistir e abandonou o local. Entretanto, tal atitude só vinha confirmar suas suspeitas. Regressou a Ibiúna, solicitou a intervenção da Delegacia Regional de Sorocaba e com o auxílio do pequeno destacamento da polícia local procedeu ao cêrco do aeroporto improvisado, aguardando a chegada do refôrço pedido a Sorocaba. Êste não se fêz esperar.

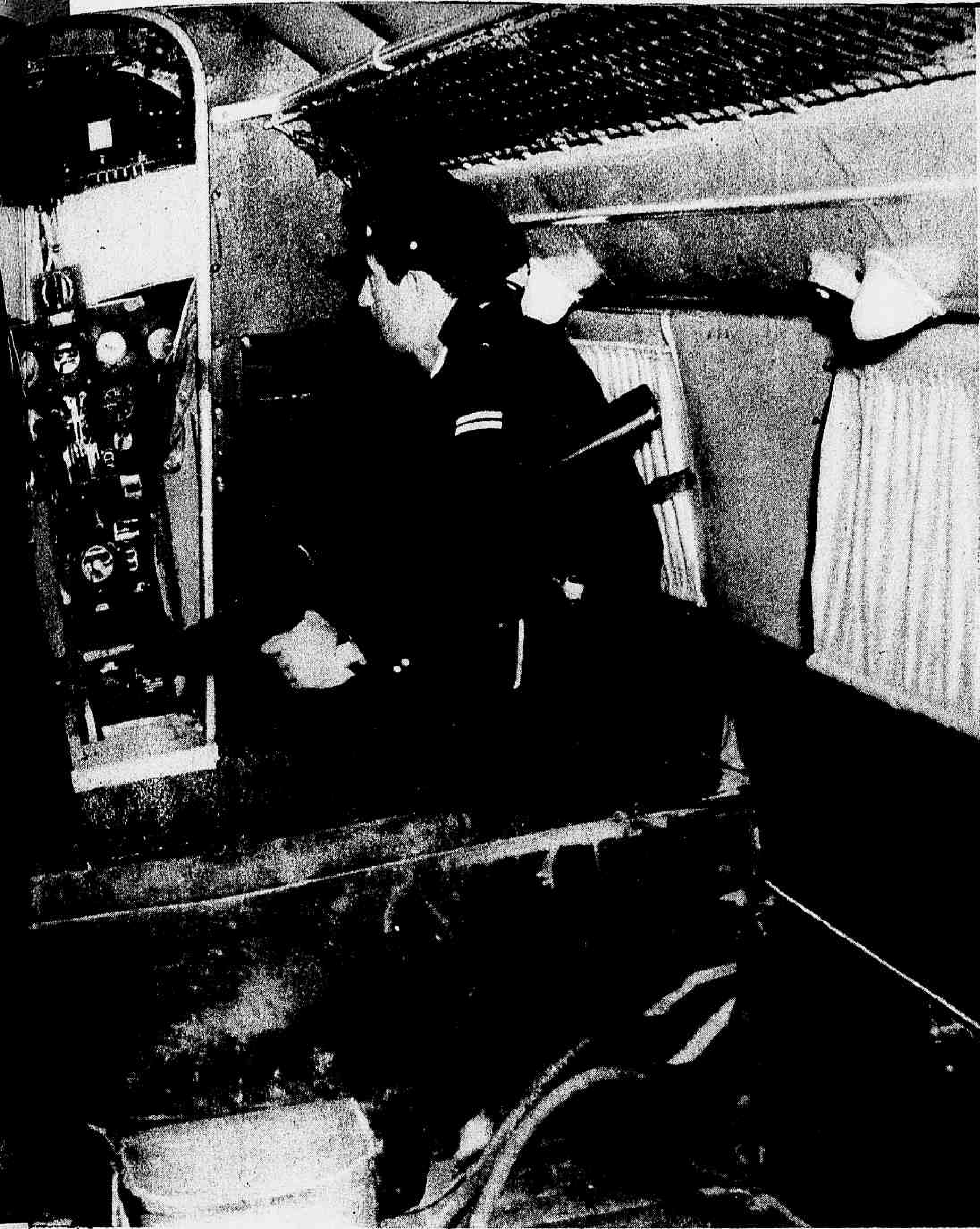
Organizada pelo delegado Augusto César Barreto, chegou uma caravana policial, constituída por elementos da polícia e da Guarda Civil, chefiada pelo sub-delegado Paulo Pestana. Apertado o cêrco, Roberto e Sílvio Pedrosa receberam os policiais com cerrado tiroteio. Era aproximadamente 1 hora, de sábado, quando Sílvio, ferido na região glútea esquerda, a munição já escassa, resolveram os contrabandistas render-se. Antes, porém, Roberto tentou atear fogo à mercadoria que já havia sido desembarcada do avião. Tratava-se de vultoso contrabando que foi arrolado pelo chefe do pôsto fiscal



Esta foi mesmo de cabo de esquadra. Cobrir os pacíficos caminhos do ar, de contrabando, só poderia nascer da imaginação de quem lê novelas



A mercadoria apreendida vinha embrulhada em papel resistente e impermeável, apto para proteger, por muito tempo. Quase queimou na hora H.





Roberto Machado Pedrosa, o pilôto candidato a herói de histórias de quadrinhos.



O advogado Geraldo Nóbrega tomou a seu cargo a defesa dos contrabantistas.

policiais, ou então de quem pretendesse importar dos EE. UU. a super-técnica dos gangsters, que usaram, durante a lei sêca, até mesmo submarinos.

e pela polícia. Calcula-se que seu valor ultrapasse a importância de dois milhões de cruzeiros.

Foram apreendidas cêrca de 200 peças de casimira inglêsa, quatro máquinas aerofotográficas, películas virgens para cinema, canetas-tinteiro, rádio-receptores, rádios-vitrola, ferros elétricos, pulseiras de relógio, aparelhos de engenharia, etc. Os contrabandistas recusaram-se a assinar o auto de apreensão e a autoridade teve de solicitar a assinatura de duas testemunhas. Apurou-se que as mercadorias procediam dos Estados Unidos. Eram transportadas pelo bi-motor de propriedade dos irmãos Pedrosa e, de Ibiúna, seguiam para São Paulo em automóveis. No campo de pouso estavam dois automóveis desprovidos de seus bancos traseiros, evidentemente para ampliar a capacidade de transporte das mercadorias. Tudo leva a crer que o negócio corria às mil maravilhas, pois até hangar de grandes proporções estava sendo construído.

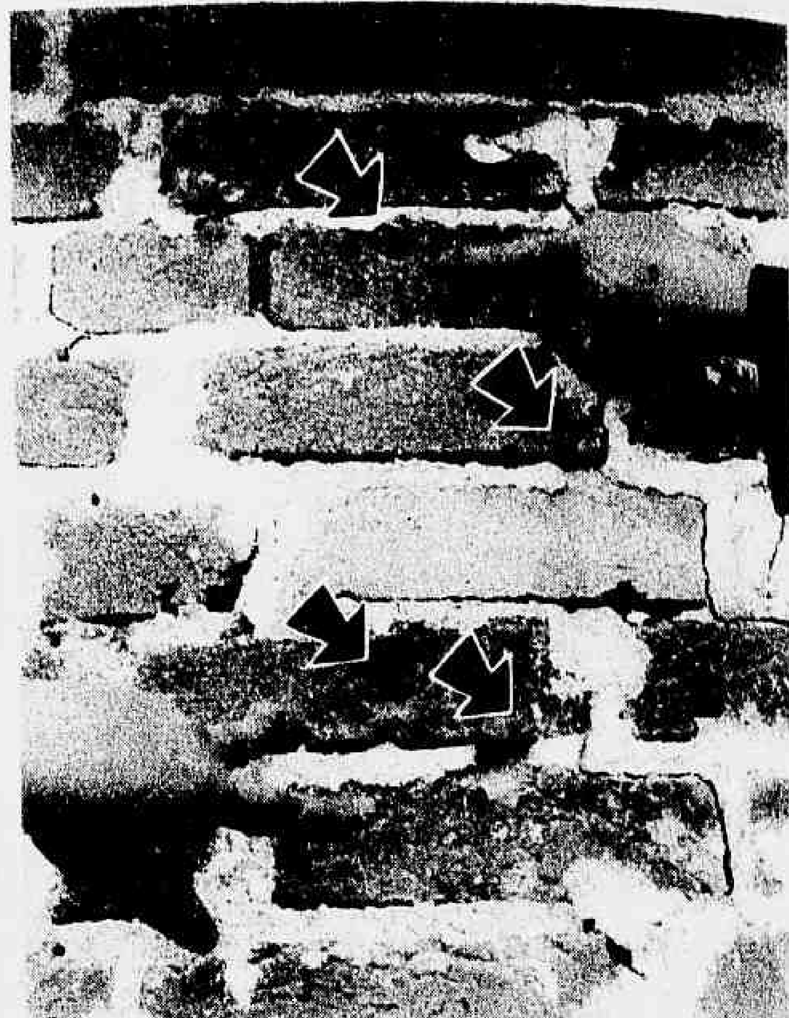
Dois personagens misteriosos — um homem e uma mulher — conseguiram furar o cêrco da polícia. Os contrabandistas detidos nada adiantaram sôbre o casal, declarando mesmo ignorar sua existência que, no entanto, foi comprovada pela própria polícia. A caravana policial cruzou com êles quando chegou ao local. Os irmãos Pedrosa



Na afobação da fuga ficou no fundo do carro (cujo assento foi retirado a fim de se obter maior espaço) calça, chapéu, e até roupa íntima dos espertalhões.

CONTRABANDO...





Na hora do apêrto. Cercados pela polícia, reagiram a tiros. As balas se alojaram na parede. Uma entretanto, atingiu Sílvio Pedrosa, na região glútea.

foram conduzidos para Sorocaba. Na Delegacia, já assistidos pelo seu advogado, prestando declarações, negaram que se tratasse de contrabando. "As mercadorias foram compradas, legalmente, no Rio. Lá estão as notas fiscais." Em seguida, como grandes personalidades, protestaram contra o escândalo armado pela polícia, a invasão de sua propriedade. Finalmente, receberam as chaves do avião e de seus carros, a pistola "Bereta" de que se utilizaram para fazer frente à polícia, retirando-se da Delegacia com o ar de quem tivesse vindo protestar contra vizinhos que têm o mau hábito de ligar o rádio muito alto. Todavia, antes de tomar o formoso "Jaguar" que os aguardava à porta da Delegacia, Roberto e Sílvio Pedrosa convidaram os jornalistas e os funcionários do Cartório para matar a sêde e refrescar a garganta no bar fronteiro . . .

Mas o destino conspirou contra o plano dos contrabandistas. E minúsculos animais do chão, chamados formigas, provocaram um enguiço fatal..

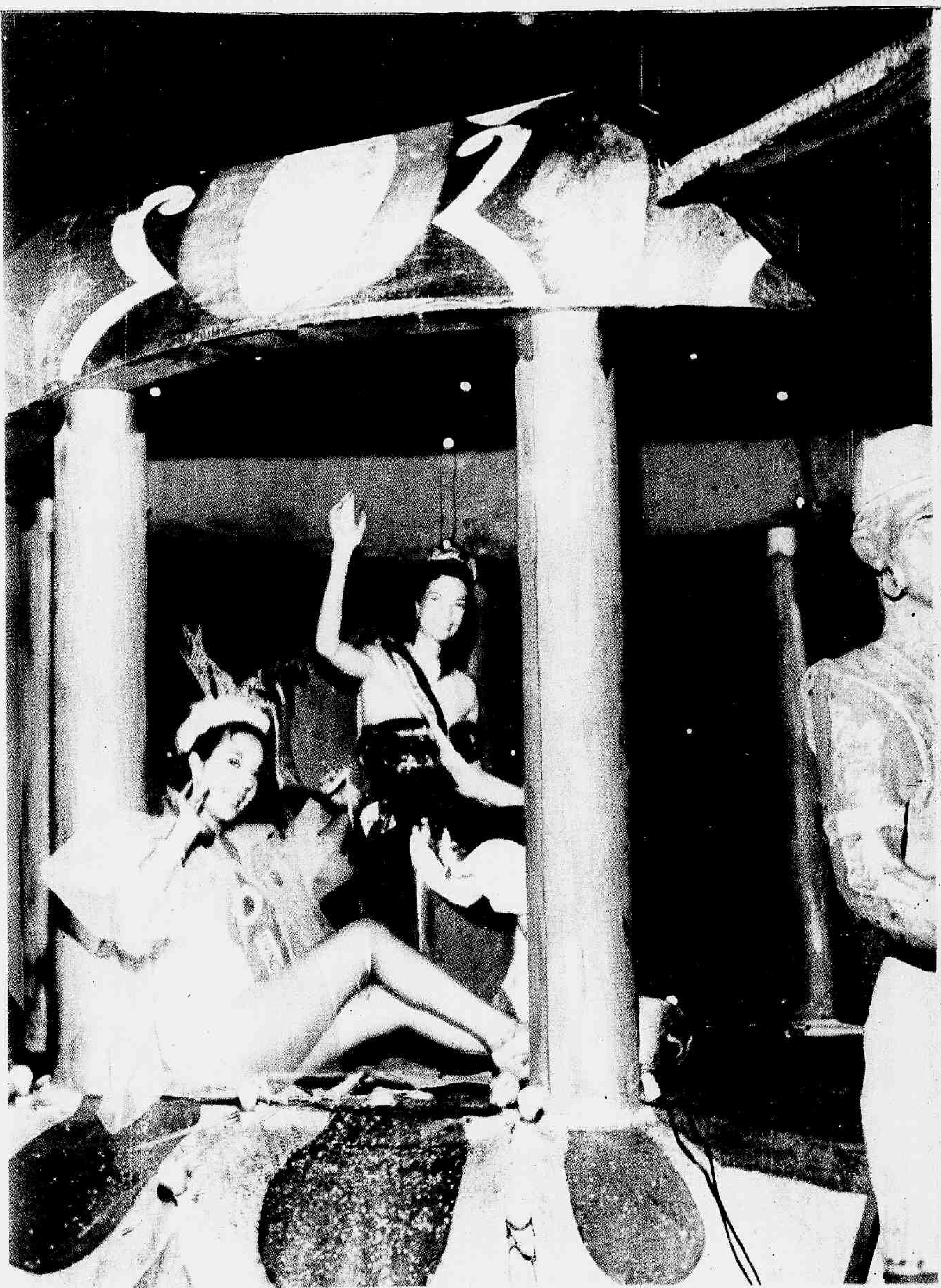
UM DEPÓSITO EM MATO GROSSO OU GOIÁS

Acreditou-se, no início, que um avião teria de fazer vôo direto dos Estados Unidos para o Brasil a fim de contrabandear mercadorias. Ao que fomos informados, entretanto, não é essa condição imprescindível. O aparelho, ao decolar, necessita, apenas, informar as autoridades do aeroporto sôbre o próximo pouso. No caso, a rota mais fácil seria a seguinte: Estados Unidos, México, Repúblicas centro-americanas, Venezuela, Peru, Bolívia, Mato Grosso, Goiás e São Paulo. Parece, todavia, que a mercadoria apreendida sexta-feira última já se encontrava há algum tempo no território brasileiro, pois, segundo informações colhidas pelo repórter, os irmãos Pedrosa foram vistos em São Paulo, três dias antes de aterrarem no campo de Ibiúna e serem detidos pela polícia. Êsse fato leva à crença de que existe, em Mato Grosso, ou no Estado de Goiás, um depósito dos irmãos Pedrosa, onde ficam as mercadorias antes de serem transportadas para São Paulo e colocadas neste grande e incontrolável mercado.



O prefixo é êste: PP-NAH, e com todos os dizeres está o pacote que chegou até Palm Beach. Dali até São Paulo pulou sôbre o telhado da Alfândega.

Sílvia Fernanda, Rainha do Carnaval de 1953, dirige o desfile geral dos préstitos na têrça-feira, tendo ao lado, a encantadora Princesa Aída Sallas, a chilenita que quase arrebata de Sílvia a coroa imperal.



Sob os aplausos do povo:

DESFILAM OS PRÉSTITOS

A contribuição artística do Carnaval do Rio continua a empolgar as multidões. Depois de exibições de caráter mais popular, como as dos Ranchos e Frevos, vem a noite do último dia do tríduo incomparável, o desfile das Grandes Sociedades. Tôda a população que vem ver ou brincar o Carnaval, toma posição ao longo das avenidas Presidente Vargas, e Rio Branco, espraiando-se compactamente pelas praças Floriano e Paris, a aguardar, pacientemente, a passagem dos deslumbrantes préstitos. Êste ano tomaram parte as seguintes sociedades: Democráticos, Tenentes do Diabo, Fenianos, Embaixada do Sossêgo, Cariocas, Pierrots da Caverna e Turunas de Monte Alegre. Rompendo o cortejo, abriam alas entre a multidão da avenida Rio Branco, um carro de belo efeito da Sociedade de Cronistas Carnavalescos, sob cujo docel estava sentada S. Majestade a Rainha do Carnaval de 1953, a encantadora Sílvia Fernanda, acolitada pela mais bela de suas princesas, a fascinante Aída Sallas, uma chileninha que foi a maior ameaça à coroa de Sílvia. Graciosa, bonita e . . . carnavalesca. Os Democráticos desceram a Avenida com vários carros de belo efeito, além de críticas sôbre

DESFILAM OS PRÉSTITOS



atualidades. Em seguida passaram as alegorias e críticas do Clube dos Cariocas, justamente aquêles que iam conquistar o primeiro lugar. Em terceiro lugar, desfilaram os Tenentes do Diabo, o conjunto que maiores aplausos arrancou da multidão, prenunciado caber-lhe o primeiro lugar. O carro-chefe dos "Tenentes" marcou um tento: representava o "Brasil, país de turismo". Concepção admirável de beleza e arte. Uma outra alegoria era sôbre o prestígio das crenças populares, com Iemanjá em seu trono, no fundo das águas, como Rainha do Mar. A Embaixada do Sossêgo, Turunas e Pierrots da Caverna apresentaram ainda excelentes trabalhos. Os Fenianos, os "Gatos" de quase um século de eficiência carnavalesca, vergastados pelo fogo e perseguidos por executivos deploráveis, têm fôlego de **sete gatos**, e se apresentaram ao povo com a velha imponência de sempre. Quase todos os grandes clubes homenagearam Chico Alves e os nossos grandes cantores e compositores populares como Noel Rosa, Sinhô, etc. Também a Imprensa teve seu carro-chefe numa homenagem da Embaixada do Sossêgo. Na têrça-feira, todo mundo confiava no bom

"Democráticos!" "Democráticos!" vai esta entusiástica figura dos "carapicus" a gritar, para os fãs do velho clube carnavalesco do Rio.

Duas lindas folionas a saudar, de seus "ninhos", a imensa multidão que aplaudia o seu clube. Estas garôtas viveram algumas horas de inefável prazer, distribuindo beijos, beijos em profusão, beijos que jamais serão retribuídos... salvo engano do repórter...



Imponente

Detalhe
antes de



Imponente detalhe do carro-chefe do "Clube dos Carlocas", intitulado "Vozes d'África". Essa alegoria trazia, na retaguarda, a figura de Castro Alves em posição de declamação.



Detalhe da Guarda de Honra do "Tenentes do Diabo", antes de o tempo se tornar legítimo "amigo da onça".



Esta "modêlo vivo" da "Embaixada do Sossêgo", deixou muita gente sem sossêgo... Ela d'rige beijos aos fãs.



Bela alegoria dos "Democráticos": "Honra ao Mérito". Mas os velhos batalhadores ficaram modestamente no sétimo...



DESFILAM OS PRÉSTITOS

tempo, através das informações oficiais do Departamento de Meteorologia; na verdade, o último dia foi menos rigoroso em matéria de chuvaradas. A tarde estêve regular e a noite, embora ameaçadora, se manteve amiga do povo até às 23 e pouco, quando começou a choviscar. Estavam passando os Tenentes do Diabo pela Praça Floriano, quando a chuva aumentou de intensidade. Milhares de espectadores procuraram abrigos e condução para suas casas. Os turistas que estavam em lugares especiais à frente da Biblioteca Nacional, em arquibancadas, mas desabrigados, ficaram firmes, abrindo guarda-chuvas e esperando o ponto final dos desfiles. A chuva contribuiu para que o nosso Carnaval de rua, em 1953, fôsse fresco, e muito prejudicou a conclusão dos festejos, com o desfile das chamadas "grandes sociedades", uma das mais belas coisas do Carnaval do Rio. Na sexta-feira, 20, publicavam os jornais a classificação dos clubes: 1.º lugar — Cariocas; 2.º — Turunas; 3.º — Embaixada do Sossêgo. Os Tenentes do Diabo, que foram eleitos pelo povo, que é o verdadeiro juiz, ficaram em quarto lugar... E, daí por diante: Democráticos, Fenianos, Pierrots da Caverna.

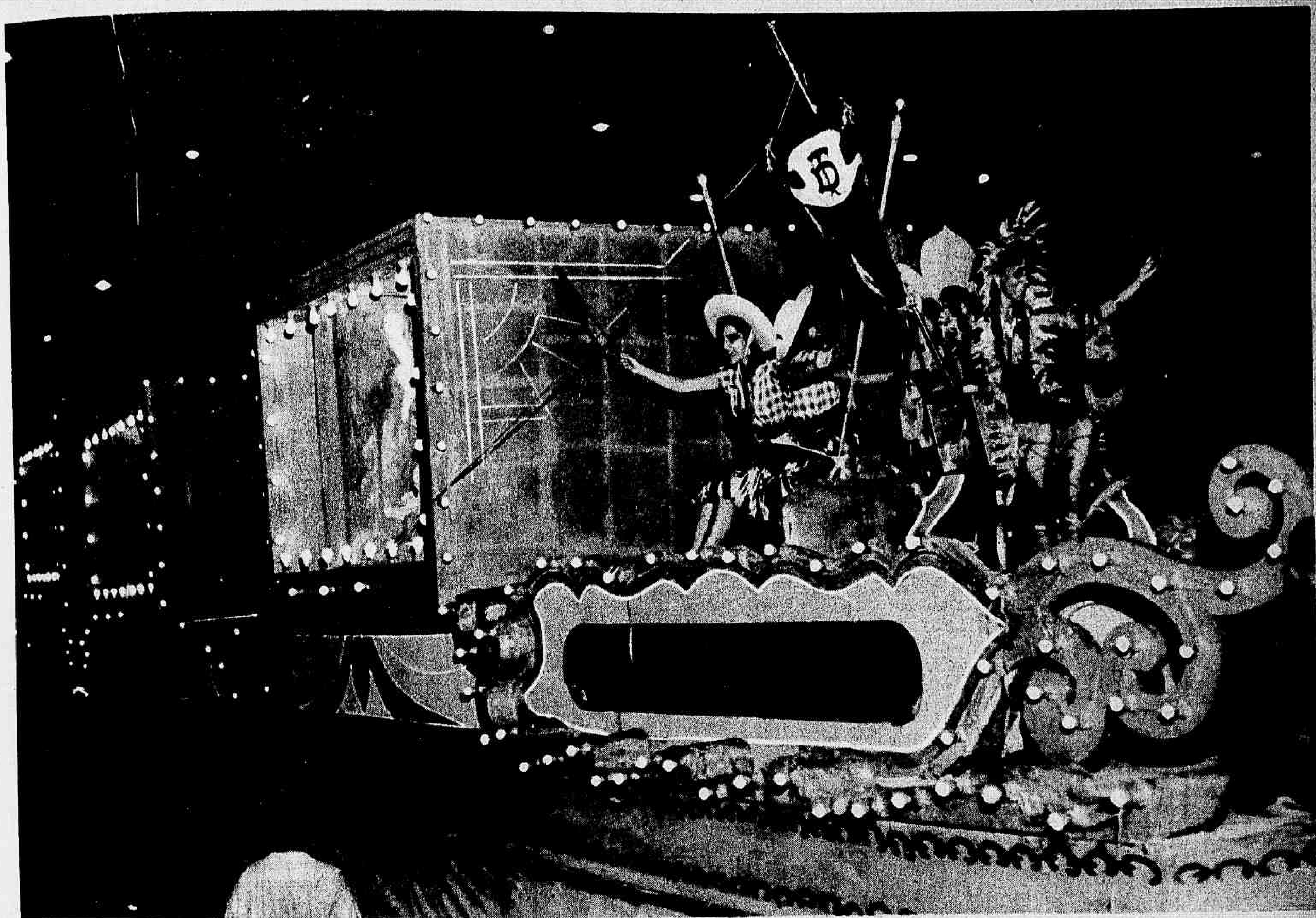
Carro da "Embaixada do Sossêgo", e que foi dos mais aplaudidos pela multidão. Muito bem iluminado, com mulheres bonitas, mas inatingíveis, pois com tantos leões... "quem sou eu, primo!..."







Houve certa preocupação, na organização dos préstitos dêste ano, bem como maior cuidado quanto à escolha de mulheres bonitas para ornamentação dos carros. Notavam-se figuras de grande beleza plástica, como podemos ver por esta bela mulher dos "Fenianos", e outras em detalhe.



"Tenentes" e "Democráticos", inexplicàvelmente classificados em quarto e quinto lugares. Em cima, a mais aplaudida alegoria do desfile. "Brasil, país de



Turismo", dos "Tenentes do Diabo", e, em baixo, "Glória ao Mérito", carro dos "Democráticos". E o Carnaval de 1953, iniciado com chuva, terminou sob água.

NO "CLUBE VALENTIM"

O GRITO DE CARNAVAL DAS CRIANÇAS DE SÃO PAULO!

EXTRAORDINÁRIA ANIMAÇÃO ★ O AUDITÓRIO DA RÁDIO BANDEIRANTES FOI PEQUENO PARA CONTER A ENORME MULTIDÃO DE CRIANÇAS ★ FARTA DISTRIBUIÇÃO DE CONFÉTIS, SERPENTINAS E LANÇA-PERFUME ★ ORIGINAL CONCURSO DE FANTASIAS COM VALIOSOS PRÊMIOS ★ TUDO NUM PRESENTE EXCLUSIVO DA "CASA VALENTIM"





TODOS CANTARAM e vibraram com as melodias de Momo. No CLUBE VALENTIM DOS BANDEIRANTES MIRINS, é expressamente proibida a tristeza. Os pequeninos foliões ficam à vontade e se divertem a valer. Êles sabem que a CASA VALENTIM, oferecendo todos os domingos o notável programa, demonstra com sinceridade a sua dedicação pelas crianças.

ENQUANTO DARCIO FERREIRA faz sorteios de brindes e mais brindes para o auditório, os foliões-mirins dançam no palco. E' sempre assim o programa da CASA VALENTIM, ao microfone da Rádio Bandeirantes. Tôda a garotada brinca, todo o auditório canta e todos recebem gostosíssimas surprêsas!



AÍ ESTÃO ÊLES: os pequenos-grandes foliões que desfilaram no sensacional programa carnavalesco do CLUBE VALENTIM DOS BANDEIRANTES MIRINS, na Rádio Bandeirantes. No momento em que esta fotografia foi obtida, os graciosos foliões mirins estavam a postos para o desfile de fantasias, concorrendo a um valioso prêmio oferecido pela CASA VALENTIM.



UM INSTANTE de expectativa no auditório. Está sendo sorteado um belíssimo brinde, oferecido pela CASA VALENTIM. Para os sócios do CLUBE VALENTIM DOS BANDEIRANTES MIRINS o prêmio é sempre maior. Eis por que aumenta, dia a dia, a legião dos sócios do CLUBE VALENTIM, prestigiado pela maior amiga das crianças: A CASA VALENTIM.

AÍ ESTÁ UM DOS "responsáveis" pela folia dominqueira, no carnaval do CLUBE VALENTIM DOS BANDEIRANTES MIRINS, apresentado pela Rádio Bandeirantes. Ostentando garbosamente a sua fantasia de toureiro, o folião "presta contas" ao comandante da folia momística, o locutor Darcio Ferreira, uma das atrações do programa que a CASA VALENTIM oferece à garotada paulistana, todos os domingos, às 10 horas da manhã.









NÃO FOI POSSÍVEL evitar a invasão. Em meio ao programa, piratas, toureiros, espanholas, cowboys, malandrinhos, bailarinas, um punhado enfim de pequeninos foliões não resistiram e subiram ao palco para cantar, dançar e vibrar com a festa proporcionada pelo CLUBE VALENTIM. E todo o público vibrou com o programa que a Bandeirantes apresentou, marcando mais um êxito espetacular no popular desfile dos Bandeirantes Mirins.

UM POBRE PRÍNCIPE ENCANTADO...

PROVENIENTE DAS FAVELAS DE NOVA YORK, TONY CURTIS TOMOU DE ASSALTO O CORAÇÃO DAS ADOLESCENTES DO MUNDO INTEIRO ★ UMA BIOGRAFIA FALSA ★ SUA COOPERAÇÃO COM A IMPRENSA ★ O PRIMEIRO ENCONTRO COM JANET LEIGH E O ROMANCE QUE ENCANTA HOLLYWOOD, MESMO APÓS QUASE DOIS ANOS DE CASADOS ★ SEU MAIOR PAPEL ★ CONSIDERAÇÕES ENTRE O FUTURO E O PRESENTE DE UM GLUTÃO...

Nos estúdios da Universal — entre cenas do seu novo filme "Drifting", com Joanne Dru — Tony Curtis mostra à nossa correspondente em Hollywood, como funcionam os célebres revólveres de cinema.

Reportagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO

HOLLYWOOD — Março — Para as fãs adolescentes de todo o mundo, Tony Curtis é uma espécie de príncipe encantado, cuja figura romântica torna-se o centro de atração dos seus mais ardentes sonhos. Quando Tony apareceu pela primeira vez na tela — dançando aquela rumba com Yvonne De Carlo, em "Baixeza", a Universal International viu logo que havia descoberto um tesouro, pois cartas de todo o país começaram a surgir com perguntas sôbre a identidade do rapaz. Deram-lhe melhores papéis — em "Almas abandonadas", em "O Príncipe e o Ladrão", em "O noivo voltou", etc. — e a ascensão de Tony Curtis no firmamento hollywoodeano foi verdadeiramente meteórica! Um publicista do estúdio sugeriu: já que as garôtas consideram Tony uma espécie de príncipe encantado, vamos inventar uma boa biografia para êle — podemos dizer que é descendente de aristocratas húngaros e...

— **Parado, velhinho!** — berrou Tony na sua pitoresca linguagem de gíria — Essa história comigo não **pega**, não senhor! Ou vocês me apresentam como realmente sou, ou... nada feito: voltarei para Nova York!

A prova de quem venceu, está na biografia de Tony distribuída à imprensa do mundo inteiro, e que reza assim: "Verdadeiro nome: Bernard Schwartz. Altura: 5 pés e 10½ polegadas. Pêso: 158 libras. Cabelos: negros. Olhos: azuis. Nascido a 3 de junho de 1925 na "Hell's Kitchen" (Cozinha do Inferno — a parte pobre do bairro de Bronx, em Nova York). Filho do alfaiate húngaro Mono Schwartz."

E foi assim, com sua descendência humilde e seu valor pessoal, que Tony Curtis abriu o árduo caminho da fama em Hollywood. Hoje é um **astro** de primeira grandeza e acaba de iniciar o seu décimo-quarto filme — "Drifting", com Joanne Dru, para a Universal. Visitamo-lo neste **set** e Tony nos recebeu de braços abertos ("How have you been, darling?") porque já o havíamos entrevistado há alguns meses na Paramount, quando lá filmava "Houdini". E' um bom rapaz, ansioso por ser agradável a todos que o cercam. Por isso mesmo foi considerado pela "Hollywood Women's Press Club" como o **astro** que mais cooperou com a imprensa de 1953. E sua espôsa, Janet Leigh, ganhou o mesmo título na parte referente às "estrêlas"

— Por que não? — exclama Tony — Acho que todos os artistas deveriam cooperar com os jornalistas, pois, afinal, são vocês que nos ajudam com a publicidade gratuita. E' verdade que há alguns tipos **metidos**, que fazem irritantes mexericos sôbre a vida particular da gente, mas já aprendi a distinguí-los e, com êsses, não coopero absolutamente!

Tony fala gesticulando ("Você é que parece latino!" — dizêmos-lhe, e êle sorri divertido...), pois seu temperamento agitado não lhe permite um minuto de descanço. Seus belos olhos azuis estão sempre em constante movimento, atentos ao que se passa ao seu redor. Tony é, talvez, a única pessoa que consegue ler um livro, assistir à televisão e conversar com sua própria espôsa ao mesmo tempo...

— Pode ser! — admite êle meio-crédulo — Mas, a verdade é que, quando Janet está por perto, ninguém será capaz de prestar atenção em outra coisa!

Casado há cêrca de dois anos, Tony Curtis ainda parece um noivo apaixonado. O nome de Janet Leigh está sempre presente na sua conversação e ainda não vimos uma fotografia de ambos sem que estivessem abraçados ou de mãos dadas. Cognominados "Ro-

(Cont. na pág. 38)



As cenas de amor que fêz, no cinema, com maior desagrado, foram com Piper Laurie, para "O Filho de Ali Babá", pois dizem que ambos não se toleram, pessoalmente.

FORA DO PRELO

O HOMEM DO CAVALO BRANCO — Theodor Storm, considerado o príncipe da novela romântica alemã, ainda não está divulgado, entre nós, à altura de seu merecimento. E' um vulto curioso de escritor que reúne mitologia e realidade, com tôdas as atrações da emoção, nas páginas de "O homem do cavalo branco", publicadas pelas Edições Melhoramentos, tradução de João Távora. Desta maneira, a série Novelas do Mundo, dessa editôra, aumenta as obras já publicadas: A vingança de Michael Kohllaas, Atalho proibido, Noivado em S. Domingos, O traje faz o homem, A singular história de Peter Sclemihl.

★

ÊXITOS DE 1952 — Sem mencionar as obras didáticas e de literatura e de literatura infantil, os maiores êxitos de livraria das Edições Melhoramentos, em 1952, foram "A Expedição Kon-Tiki", de Thor Heyerdahl; "Caçando e pescando por todo o Brasil", de Francisco de Barros Júnior; "Isto é S. Paulo", álbum sôbre a metrópole paulistana; "Velho S. Paulo", de Afonso de E. Taunay; "Vocabulário Técnico", de Francisco J. Buecken.

★

QUARTETO CIDADE DE S. PAULO — Constantes de 48 cartas coloridas, cujas legendas contêm pequenas informações, os "Quartetos Melhoramentos" constituem instrutivo e atraente certame, tanto para crianças quanto para adultos. Haviam sido publicados os de Escritores do Brasil, Aves do Brasil, Flores do Brasil, Nossa Horta, Grandes Compositores, Figuras do Carnaval, Grandes Escritores, a que se acrescenta agora o quarteto "Cidade de São Paulo", com escolhidas vistas da metrópole bandeirante.

★

A CONVERSÃO DO PIRATA — Mais uma peça do dramaturgo irlandês, Bernard Shaw, traduzida por Vivaldo Coaraci. Desta maneira, as Edições Melhoramentos já ofereceram ao nosso público, em volumes cuidados, vários trabalhos de Shaw, entre os quais Homem e Super-Homem, Casa de Orates, Santa Joana, O homem e as armas, César e Cleopatra, Major Bárbara, Pigmalião, O discípulo do diabo. A poucos dias de Conversão do Pirata, a mesma editôra nos dá Cândida, tradução de João Távora.

★

O LATIM NOS GINÁSIOS — Houve uma evolução muito grande nos compêndios consagrados ao estudo do Latim. Perderam aquela feição de exibicionismo do autor, para se transformar em elementos úteis de aprendizagem simples, clara, atraente. Disciplina que exige — na teoria e na prática — fatôres que prendam a atenção do estudante, o latim deixou de ser o tabu que apavorava a mocidade. E o professor João Camilo de Almeida concorre bastante para difundir com inteligência a língua de Cícero através de "O Latim nos Ginásios", de que nos deu, há pouco, o volume da 1.ª série. Também através das Edições Melhoramentos, agora estampa o da 2.ª série, igualmente dentro do programa oficial.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

HOMENAGEM A MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

A romancista e ensaísta Maria de Lourdes Teixeira foi homenageada por um grupo de amigos e admiradores, por motivo do prêmio que recebeu êste ano da Academia Brasileira de Letras. Na verdade, poucas vêzes a Academia andou tão acertadamente. O livro laureado, «O Banco de Três Lugares», romance de uma criança desajustada, por causa do ambiente familiar em que vive, foi magnificamente realizado, tendo alcançado um enorme êxito, não só de crítica, como de público, bem merecendo, pois, o Prêmio Júlia Lopes de Almeida.

Durante o banquete, ao qual compareceram figuras de destaque social e artístico da capital bandeirante, foi anotada a presença das seguintes pessoas: José Geraldo Vieira, Sr. Pfeiffer (diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo), Sérgio Milliet (que representava também Francisco Matarazzo Sobrinho e sra.), Isolina Portugal, Luís Lopes Coelho e sra., Dr. Abib Carlos Kyrillos e sra., Sérgio Buarque de Holanda, José Nabantino Ramos e sra., Esther Figueiredo Ferraz, Maria de Lourdes Lebert, Paulo Dantas, Dr. Breno Caramuru Teixeira e sra., Christina e Victor de Azevedo, Querubina Estela de Rezende Teixeira, Mary Apocalipse, Professor Bizzari (Adido Cultural do Consulado da Itália), Paul Silvestre (Adido Cultural do Consulado da França), Adigena Castelo Branco, Ondina Ferreira, Vera Husemann, Dulce Granja Carneiro, André Carneiro, Lasar Segall e sra., João Freire de Oliveira, Dr. César Arruda Castanho, José de Barros Martins e sra., Hernâni de Campos Seabra e sra., Maria Penteado de Camargo, Edgard Cavalheiro e sra., José Tavares de Miranda, Mário Donato, Maria Amália Penteado de Camargo, Carmen Dolores Barbosa, Tarsila do Amaral, Liloca Amaral, Ritinha Soares de Carvalho, Rossini Camargo Guarnieri e sra., Cyro Pimentel, Vicente Augustus Carnicelli, Antônio Rangel Bandeira, Geraldo Santos e sra., José Escobar Faria e sra., Ruy Bloem e sra., Edith Pereira da Silva, Lygia Fagundes Telles, Flávio de Carvalho, Maria Kareska, Gregori Warchavchik e sra., Maria Leontina Franco, Milton Dacosta, Marc Berkowitz, Elizabeth Nobiling, Conde Huberto Schoenfeldt, Paulo Beccker, Yole Ciasca, Editôres Irmãos Saraiva, Mário da Silva Brito, Darcy Penteado, Reynaldo Bairão, além de outros.

RAFAEL BARBOSA, GENTIL-HOMEM DAS LETRAS.

QUEBRAMOS HOJE A ROTINA desta seção para a homenagem devida a um morto muito amado: Rafael Barbosa. Poeta, escritor, jornalista, êle foi, sem dúvida, um dos raros gentis-homens de nossas letras.

De há dias os jornais, em todo o país, vêm imprimindo os mais sentidos necrológios sôbre êsse homem de imprensa que o soube ser, de fora a fora em sua vida, para honrar e engrandecer a profissão. Ainda não disseram tudo o que êle foi, nem ninguém poderá exgotar, a respeito de Rafael Barbosa, o que êle era de exemplar, nas letras e na vida. Do que se publicou sôbre êle, com a ternura e a emoção que tão bem mereceu, ficaram traços de seu caráter, de seu talento, de seu irreprochável cavalheirismo, de sua infinita capacidade de afeto, de sua gentileza constante, de sua imensa bondade — essa rara bondade que nêle resistia às mais duras provas e que nunca desfalecia, por motivo algum. Mas, lendo tudo isso, vendo quanto tudo isso ainda está longe de dar mesmo um resumido esbôço de seu destino, sentimos melhor como soube ser grande, em todos os momentos de sua vida, êsse amigo que perdemos e que nêle era inseparável da função, do escritor, do poeta, sabendo fazer do cotidiano um permanente motivo de alegria para o encanto de seus companheiros, conseguindo tirar do momento que passava todo o sumo embriagador que nos oferecia, a todos, como um alquimista maravilhoso, transformando o fel da existência em singular ambrosia, colorindo de otimismo, de bravura e transformando num espetáculo feérico a cinzenta paisagem de todo o dia. Não havia tédio, não havia mau-humor, não havia revolta que resistissem ao seu contato — tanto êle sabia tirar do coração e embebê-las no nosso, as palavras de confôrto, de carinho, de esclarecimento, de suave moral, de tranqüila filosofia — ensinando que era preciso passar pelos homens e pelos acontecimentos sem consentir que perturbassem nosso próprio ritmo.

● Rafael Barbosa foi principalmente o amigo, não aquêle conviva fortuito de algumas horas, êsse confrade para um cavo ocasional, o companheiro de alguns momentos alegres. Pelo contrário, êle procurava estar sempre ali onde não estaria ninguém. Era o paladino, o campeador, o cruzado dos dias difíceis, aquêle com que tínhamos a certeza de contar para tudo, para o mais difícil, para o que parecia menos possível. E, tudo isso, sem que a gente pudesse sentir a sua intervenção atenta, impecável. Porque êle sabia ser generoso, solidário, dedicado, com tal harmonia, com tal facilidade, com tanta discrição



que os seus maiores gastos, seus mais belos rasgos humanos se tornavam naturais, modestos, como resultando de uma poderosa vocação de santidade. Êle vivia para se dar. Aprendeu essa difícil arte de viver para glorificar a existência através uma conduta em que não se encontrava uma frincha, uma aresta, uma falha. Era um íntegro, ensinando a vida exemplar que êle distribuiu como um tesouro inesgotável, à sua volta, criando essa atmosfera de beleza e de bondade que o envolvia e que era o seu melhor prêmio. Para o nosso Rafael havia muito encanto na vida o mundo era semeado de astros, o destino uma sucessão de imagens de Epinal. Tudo tinha para êle um pretexto de ternura e ali mesmo onde encontrávamos uma insignificância, êle sabia descobrir, pelo menos, motivo para uma frase de espírito, para a graça de um «bon mot», uma leve e piedosa ironia... Para êle havia muitas coisas agradáveis nesta vida, que sempre tornou agradável, porque soube viver agradàvelmente. Antes de tudo, porém, acima de tudo — como Pinheiro de Lemos lembrava há dias — eram os amigos. Como sabia fazê-los, dos mais fechados, dos mais indiferentes, dos mais distantes. Impossível resistir ao seu contato, sem querê-lo como só se pode querer às pessoas mais queridas, pai, mãe, filho, irmão. Êle era bem o irmão de todos nós e, quando falava à gente, nos tratava fraternalmente: «mano velho»... Era o irmão dos seus irmãos mais próximos e de todo o mundo, de todo o gênero humano. Não soubemos dêle, nunca, uma palavra hostil, um gesto brusco, um ato de violência. Era um oceano largo de bondade, um mundo de afeto, vasto mundo aberto a todos os horizontes e a todos os sêres, dando-se pròdigamente, indistintamente, nesse destino de compreensão e de amor que foi o seu destino e que é o mais belo de todos os destinos dos santos.

● Êsse escritor que não se realizou em livro, êsse poeta que abandonou os poemas para melhor poder viver em poesia, êsse jornalista que raro assinava o que escrevia, tudo sabendo fazer com luminosidade, com sensibilidade e com carinho, êsse intelectual que era um puro, um sincero, no seu comportamento, consigo e com os outros, que tanto fêz pelos nossos valores, pelo triunfo alheio, e que sempre recuava para um segundo plano, a fim de que todos aparecessem mais do que êle sem uma atitude de falsa modéstia, antes com galanteria, com a elegância que foi nêle padrão moral e dote social, elegância que não abandonou mesmo através seu longo e doloroso martírio, conservando-a até à última hora, sóbrio, correto, sabendo morrer com uma dignidade que foi seu último hino à vida, a essa vida em que não descria nunca, a que se conservou fiel, mesmo naquele epílogo dramático, certo de que era o último instante, mas que, ainda êsse, era preciso ser grande, como foram todos os que viveu — Rafael Barbosa teve essa glória invejável, a maior de tôdas, de ter aparecido e de ficar, na mesmo proporção em que se escondeu, em que procurou tornar leve e discreta sua passagem em nosso convívio. Ao contrário de outras glórias, fátuas grandezas construídas pela violência, mantidas pela ostentação, pelo egoísmo, a sua glória foi pura, floresceu para ficar na estima de quantos o conhecemos. Foi harmoniosa, está, estará sempre em nossa memória e em nosso coração pelo amor que espalhou à sua volta e que é o clima único para as coisas eternas, para as lembranças que não passam. Por isso, nesta hora em que o recordamos, com a garganta cerrada por um soluço que temos orgulho de soluçar, com tôdas as nossas lágrimas, pensando na lição generosa que foi sua vida, cada um de seus amigos estamos rendendo a Rafael Barbosa a mais doce e mais dignificante homenagem, dizendo no fundo de nosso peito, com o prato dos nossos mais íntimos lutos: que meu filho seja como o Rafael Barbosa.

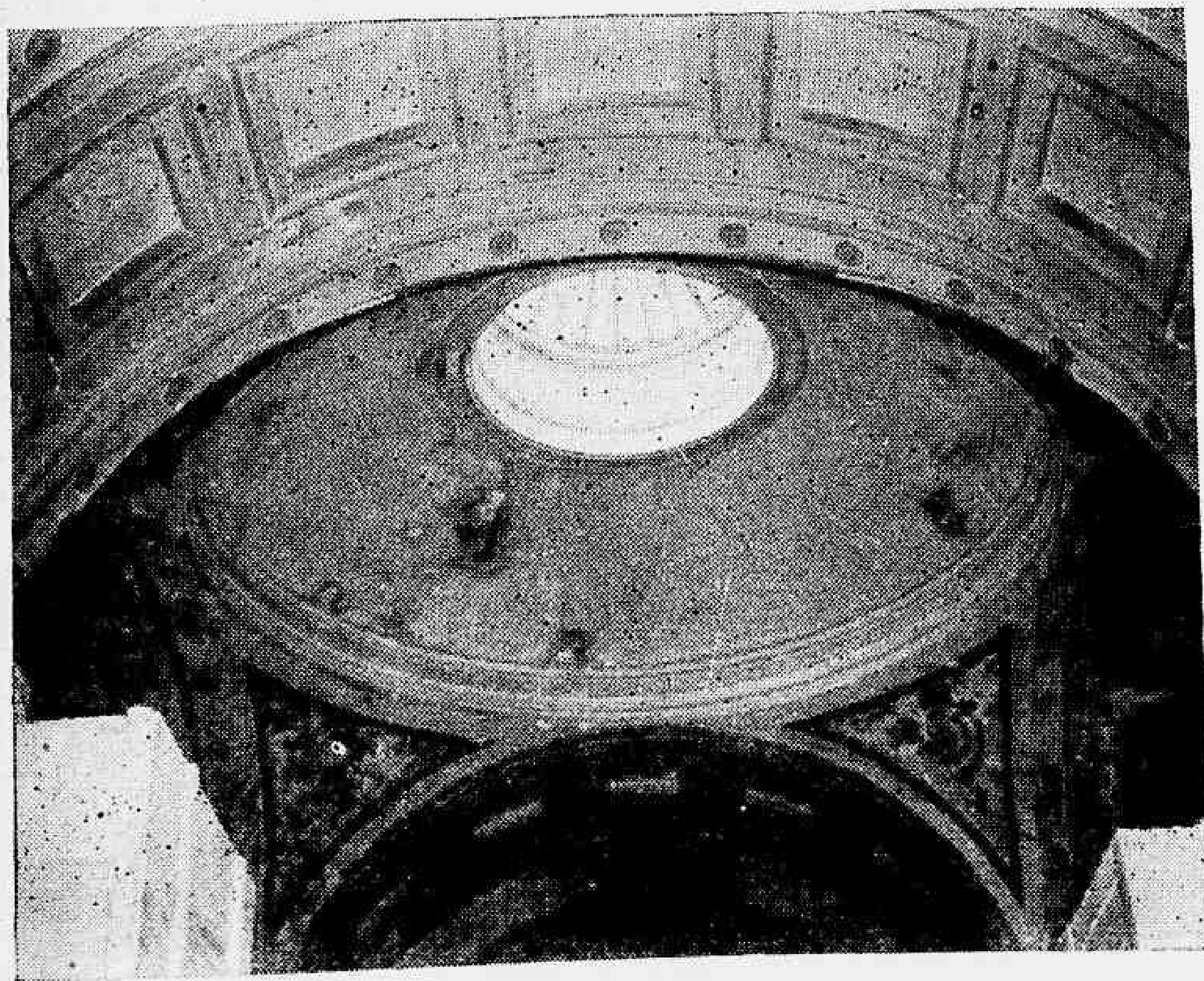
E estamos certos de fazer um voto pela repetição, em nosso sangue e em nossa alma, de uma das vidas mais ricas, mais belas e mais nobres que vimos viver.



Eis aí a fachada da velha Alfândega, simétrica e clàssicamente ponderada. O que está em discussão é se ela deve ou não ser demolida. As opiniões se dividem entre os que são amantes da tradição (êstes têm fortes argumentos históricos) e os que querem dar espaço novo à cidade que cresce sem cessar.

A ALFÂNDEGA VELHA

PEDRO CALMON **(Da Academia Brasileira de Letras)**



É estranho que o arquiteto francês fizesse por fora um armazém e por dentro um panteon, com a opulência das abóbadas, das galerias...

Pergunta-me um amigo da cidade:

— Por que não se fará da Alfândega velha um monumento público, a fim de que não desapareça a obra-prima de Grandjean de Montigny, condenado e triste edifício que as grandes demolições à volta descobriram na sua singular arquitetura ali, no coração do Rio de Janeiro?

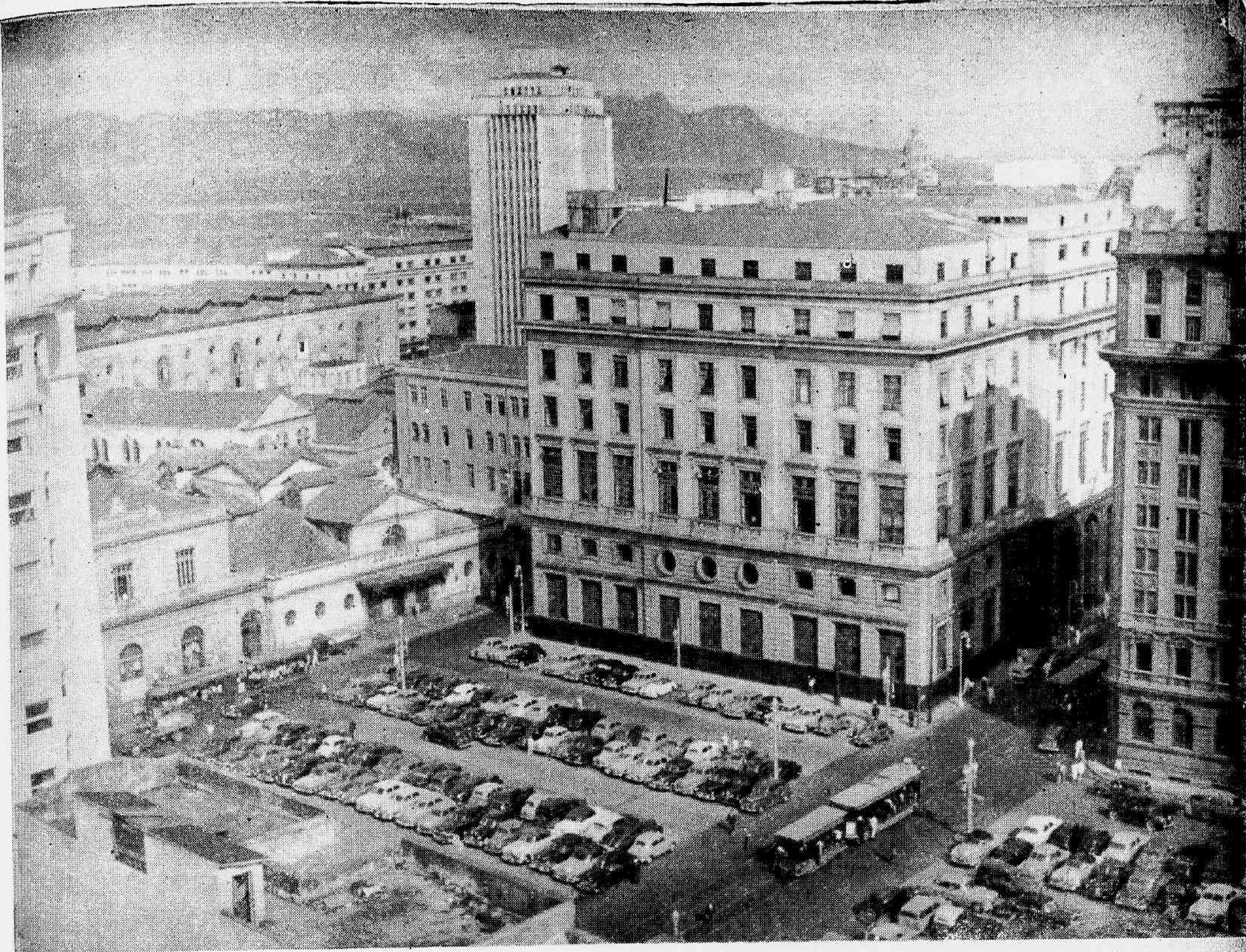
A idéia é generosa.

Lembramo-nos de Trinity Church e do cemitério antigo ao pé de Wall Street, entre as paredes ciclópicas dos arranha-céus. Os americanos, gente prática, transformando numa floresta de tôrres a sua ilha, respeitaram com uma piedade orgulhosa a necrópole ajardinada, onde jaz Alexandre Hamilton, e o gótico pobre daquela igreja da mesma época. Desviaram o caudal do progresso, como quem altera o curso de um rio, para salvar o verde gramado que os mármores enfeitam e o seu campanário paroquial: deram assim uma importância mística — em verdade suntuária — ao que é apenas tradição, poesia e dignidade. Elevaram à categoria de relíquia nacional um humilde recanto de sombras.

Temos a nossa City, êsse centro urbano onde se vai fechando uma selva de prédios altos, o ímpeto da prosperidade em audácias de cimento e equilíbrio. Faria má figura junto dêsses colossos a mesquinha Alfândega velha construída com primores acadêmicos de templo romano. Contrastaria com a linha vertical, a orografia e a riqueza dos quarteirões... Seria uma antiqualha entalada num formidável mostruário de arte nova: espécie de fantasma do passado que ali ficou, petrificado, na esquina do século... E entretanto em Nova York não derrubaram Trinity Church!

Êsse casarão de vastos telhados é, sem exagêro, uma peça de museu.

Foi o primeiro documento do estilo Império, com que a escola francesa desbancou o barroquismo tímido e desluzido. Ali mestre Grandjean cometeu uma experiência, em que o tema de aula se prolonga em ênfase romântica, para que os súditos de el-rei D. João VI, no ano do Senhor de 1820, conhecessem um prédio de gôsto clássico segundo as melhores lições de Paris e Roma. Não deixa de ser estranho, que fizesse por fora um armazém e por dentro um panteon; a opulência das abóbadas e das galerias, das colunas e das arquivoltas no interior es-



Visto do alto do prédio do Banco da Bahia, o vetusto edifício de Grandjean de Montigny, perde fôrça pelo contraste das altas paredes que o rodeiam. A Candelária, que fica no extremo oposto da Praça Pio X não quebra a unidade urbanística, porém a Alfândega impede o curso da avenida ao mar.

paçoso, de basílica, e à face da rua uma fachada de trapiche. Interessara-lhe o majestoso, o alegórico, o pomposo, como uma demonstração discreta das galas que ignorávamos, numa penumbra serena de nave, que nada tinha com as realidades vivas do Rio de Janeiro e o seu espírito histórico. O príncipe, porém, louvou a perfeição do trabalho. E os negociantes instalaram-se na Praça do Comércio (primeiro destino do edifício) com muito regozijo e muita inquietação. Nela se reuniram em 21 de Abril de 1821 os eleitores que queriam falar sôbre as instruções dadas pelo rei ao filho, às vésperas do seu embarque para Portugal. Grandjean de Montigny brindara a cidade com o seu primeiro auditório político. Até aí os comícios liberais — dessa estação lírica da democracia, inaugurada no Rio de Janeiro em 26 de Fevereiro daquele ano, com os pródromos da Independência — se realizavam no consistório do Rosário ou na platéia do teatro público. A Praça do Comércio abriu-lhes uma perspectiva de Capitólio. Talvez os irrequietos fluminenses lhe achassem uma analogia provocante com o Forum de César, em que a tribuna, o poder e a lei se cercavam de magnificências helênicas... Discutiram, deblateraram, exigiram, numa tentativa estridente de arrebatar o govêrno das mãos vacilantes do monarca, que se despedia, e das mãos robustas do rapaz, que lhe sucederia. E êste, para mostrar a sua fôrça, lançou sôbre a assembléia os batalhões de linha e a dissolveu a arma branca — os milicianos caçando à baioneta os «patriotas», que fugiram por portas e janelas que abriram para o mar... A violência permitiu que D. João VI cinco dias depois deixasse tranqüilamente o Brasil; e que o regente moço começasse irresistìvelmente o seu reinado. Mas os mercadores da rua Direita, os corretores da rua da Quitanda, os atacadistas da rua dos Latoeiros nunca mais voltaram ao seu admirável salão perigosamente semelhante ao Capitólio. Fugiram ao prestígio fatal daquelas abóbadas consulares, daquelas elegantes colunas pretorianas, daquele esplendor de reminiscências cívicas: e elas tiveram o destino medíocre de repartição fiscal, onde o barulho dos pregões substituiu a tempestade das idéias... Irá abaixo, como cousa inútil. O urbanismo já traçou a sua sentença. E é lamentável.

Ou haverá o que poupe da irreverência do progresso êsse monumento de arte e história?



Hoje a nobreza do interior se vê desacatada pelos caixotes que se empilham sem a menor relação com a pureza das linhas traçadas outrora.

A REVISTA há 50 anos

15-3-903

CHRONICA — Vamos entrar na estação em que o Brasil disfructa uma das temperaturas mais agradaveis e amenas do globo; em que a alegria de viver dilata a alma e a expande em manifestações exhuberantes; em que o céo é macio e amoravel, o ar meigo e tepido, as flores bellas e transbordantes de perfume, as noites frescas e reparadoras, as manhãs radiantes. Depois de seis mezes de fornalha, gemendo e suando debaixo de um sol de fogo, o inverno, ou antes, a primavera fluminense é um deslumbramento para os olhos e um consolo para o espirito. Forças intellectuaes adormecidas despertam; a imaginação esvoaça e com ella a ilusão, o grande tonico dos requintados e dos insaciaveis. A esperança visita os corações mais desamparados. Todos esperam, todos confiam. Em que? Porque? Ninguem saberia dizel-o ao certo. Mas o facto é verdadeiro.

Foi nesta transição da morte para a vida, nesta passagem do desespero para a esperança, que nos foi roubado um dos homens que, nesta labuta diaria, maiores sympathias conquistara entre os trabalhadores do Jornal do Brasil e da Revista da Semana. Um modesto typographo, bem sei; mas um caracter de uma honradez absoluta e uma energia de inquebrantavel e quasi heroica resistencia.

O Antunes, como familiarmente lhe chamavamos, mantinha-se ha muito de pé por milagre de vontade e da necessidade tambem, que nos pobres substitue a vontade. Era um compêndio de pathologia. O seu typo, nervoso, secco, esgalgado, macerado, reflectia os estragos de tôdas as doenças profissionaes, as devastações do chumbo e do antimonio, o envenenamento saturnino, a acção traiçoeira e subtil, mas segura, de tôdas as forças mallaregas da materia espiando o operario encarregado de affrontal-as, modificaI-as e transformal-as. Muitas vezes, o sorriso com que recebia o original das mãos do redactor acabava num rictus de dor, num esgar afflictivo: eram o figado, o baço, o coração roidos pela mesma molestia e contorcendo-se como precitos.



— ... e qual nova Phenix ressurgirá de suas proprias cinzas, quero dizer, de seus proprios entulhos.

— Então que tal a acha?...

— Bem boa!... Melhor do que isto, só o Matadouro Modelo.

Eu tenho muita pena dos humildes: só elles me interessam, só delles a minha pena traça carinhosamente os perfis.

Compondo na caixa ou rabiscando em jornaes, que diferença ha entre mim e o humilde paginador que a morte arrebatou ha dias? Nenhum. Tenho trinta e sete annos e desde os dezoito que lucto como uma fera pela conquista do pão, moendo ideas com a mesma regularidade, a mesma honradez e a mesma inutilidade com que o Antunes as compunha. — **JACQUES BONHOMME**

OS THEATROS

Na segunda-feira proxima deve chegar ao Rio de Janeiro a companhia dramatica portugueza dirigida pelo sr. Eduardo Victorino e da qual fazem parte a actriz Georgina Pinto e o actor Carlos Santos, alem de outros elementos de valor e de alguns novos de talento. A camponhia estreárá a 18 do corrente com a Fedora, de Sardou, seguindo-se as Semi-Virgens, Pena de Talião, Lição Cruel, Estrangeira, etc. Eduardo Victorino traz o seu repertorio perfeitamente ensaiado e todos os elementos da companhia unidos e afinadissimos.

A companhia fazem os jornaes de Lisboa as melhores referencias. Quanto a Georgina Pinto, é uma actriz julgada e muito querida do publico carioca, que teve occasião de apreciaI-a e applaudil-a na Estrangeira (uma creação), na Mancha que Limpa, no Dindon e em outras peças em que se revelou actriz consumada.

Georgina Pinto é tambem uma mulher formosa, de bello porte, desenhando-se admiravelmente em scena e vestindo com suprema elegancia. Desde já vaticinamos á companhia de Eduardo Victorino uma bella e fructuosa temporada.

UM POBRE PRÍNCIPE ENCANTADO

(Cont. da pág. 34)

meu e Julieta de Hollywood", o amor do jovem casal mantém acesa a chama de romantismo que já estava perdendo o seu significado entre a colônia cinematográfica. Tony viu Janet pela primeira vez numa festa no restaurante "Lucey's" (perto dos estúdios da RKO). Êle era, então, um ilustre desconhecido que ainda tomava as primeiras lições na escola dramática da Universal. Um fotógrafo quis bater uma chapa de um grupo da festa e pediu a Tony que ficasse ao lado de Janet para "fazer número". Com o coração aos saltos — pois, há muito que a encantadora lourinha da Metro era a sua **estrêla** favorita — o rapaz postou-se à direita de Miss Leigh. Depois que se apagaram as lâmpadas dos **flashs**. Tony teve um gesto de audácia, convidou-a para dançar. Janet aceitou imediatamente e Tony sonhou de olhos abertos com ela em seus braços. Mas... a realidade veio quebrar o encanto: surgiu Arthur Loew Jr., o namorado de Janet, para levá-la para casa e, afinal, quem era o pobre Bernard Schwartz para competir com o filho do dono da Metro? Deixou-a partir, sem mesmo aproveitar a **chance** para pedir o número do seu telefone... Na sua humildade de apaixonado — sim, era mesmo **amor à primeira vista!** — Tony esqueceu-se de analisar a reação de Janet Leigh. E o fato é que ela também ficara impressionada com o simpático jovem de cabelos negros e olhos azuis... Mas teve que esperar muito tempo para vê-lo novamente, pois êle se havia fechado na sua misteriosa concha, na Universal, treinando como um louco para se elevar ao **estrelato** — para ser "alguém" e poder **convidar Janet Leigh para jantar...** Chegou, finalmente, o dia. Terminara o filme "O Príncipe e o Ladrão", como **astro** absoluto e a exibição fôra coroada do maior sucesso. Na tarde seguinte, telefonou a Janet e, ainda sem coragem de dar o seu verdadeiro nome, mandou dizer que era Cary Grant... Apesar da sua excelente imitação, Janet não **caiu** no trote: êle teve que acabar confessando a verdade e, para seu deslumbramento, ela aceitou, deliciada, o seu convite! Daí por diante, tornaram-se inseparáveis. Até que, um dia, a Universal resolveu enviar Tony a uma **tournée** de aparições pessoais pelos cinemas de todo o país. Êle foi... mas seu coração ficou em Hollywood e, uma noite, em Pittsburgh, não mais aguentando aquela separação, pediu uma ligação interurbana e perguntou a Janet:

— Quer casar comigo?

— Claro! — respondeu ela — Quando você voltar, cuidaremos de tudo.

— Não! — gritou Tony impaciente — Tome um avião amanhã cedo, para Nova York. Esperá-la-ei no aeroporto La Guardia e, de lá, poderemos ir tirar licença e casar imediatamente. Que me diz disso?

— Ma-ra-vi-lho-so! — gaguejou Janet, emocionada.

Casaram-se. Para dois jovens que, pràticamente, tinham uma promissora carreira à sua frente, isso era **loucura**, em Hollywood. Os pessimistas previam completa incompatibilidade artística que, fatalmente, afetaria a parte matrimonial. Mas, como estavam errados! Quando chegou o dia do primeiro aniversário de casamento e Janet se encontrava em Durango, Colorado — filmando "O preço de um homem" (The naked spur), com James Stewart — Tony interrompeu seu trabalho em "E o noivo voltou" e seguiu para lá, incorrendo na ira da Universal, que o suspendeu por duas semanas, sem salário... E em dezembro último, Tony e Janet celebraram um-ano-e-meio de casamento trabalhando juntos em "Houdi-

(Cont. na pág. 42)

Respostas aos testes das págs. 20/21

PUXE PELO CÉREBRO

1 — De Paris a Amiens, em 1558, por Jean Hermel, seu inventor.
2 — Árabe, e significa "Cômputo".
3 — Augusto, rei da Macedônia, IV século antes de Cristo.
4 — Noventa e oito (quem não acreditar, desmonte...)
5 — Ilha de Java (50 milhões de habitantes, para 51 mil milhas quadradas).
6 — 204 mil quilos.
7 — Na infância, 120 pulsações.
8 — O Vaticano.
9 — Porque assim determinava o tratado de Tordesilhas.
10 — Do árabe.
11 — Na França (1786).
12 — Em Quito, Equador.
13 — Francesa, por José Cugnot.
14 — Da Turquia.
15 — O persa.

QUEM DISSE ISTO ?

(Cont. da pág. 20)

1 — Luis XIV.
2 — O prof. Duclaux, numa aula ao então discipulo Roux.
3 — Mariz e Barros, ao morrer na guerra do Paraguai.
4 — Libero Badaró.
5 — Balzac, em "La peau de chagrin".

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ARABELLE a última sereia



Arabelle se sente perfeitamente à vontade para desempenhar seus números aquáticos, em companhia das focas. O circo se prepara febrilmente.



Terminado o treino, Arabelle saiu a visitar os seus companheiros de trabalho, a rir com o palhaço, a tremer com os acróbatas, sempre gentil.



Tudo aqui era maravilhoso para Arabelle, sempre acompanhada de «Flor Azul» e do macaquinho. Mas era preciso ensaiar as novas canções.



Arabelle se dirige ao piano; mas, com surprêsa, sua garganta está afetada e ela não consegue entoar nada. Insiste, mas sem resultado.



«Flor Azul» e Arabelle se entreolham aterrados. Sem poder cantar como uma Sereia, seu contrato estaria anulado — lhe disse o dono do circo.



Muito triste, ela se recolhe ao camarim. Que lhe estaria sucedendo? Sua voz jamais lhe faltara, e, justamente agora, lhe sobrevinha isso!



«Flor Azul lhe traz um chá e o macaquinho Kouki, um cobertor para que ela se agasalhe e melhore de saúde. Arabelle muito agradece e descansa.



O dono do circo, desolado com a indisposição de Arabelle, conta o que ocorre a Conchita, mas esta se mostra hostil e inimiga de Arabelle.



O diretor do Circo-Atômico, apesar das ameaças de Conchita, coloca Arabelle em primeiro lugar no programa, confiando no número da Sereia.



«Flor Azul» procura consertar as coisas e sugere que Arabelle só deverá cantar no espetáculo de depois de amanhã, quando estará em condições.



Arabelle quer agradecer ao patrão os cuidados que tem para com ela e o acalma. Tudo correrá bem e ela não irá desapontá-lo. Tenha confiança.



— Você é uma verdadeira Sereia! — Diz o velho a Arabelle. E pergunta: «Que há entre você e Conchita? Ela parece não gostar muito de você.»



Arabelle não queria inimizades e foi procurar Conchita, a fim de desfazer mal entendidos. Ela não queria tomar o seu lugar no circo.



Atraída pelos estalos do chicote, no treino da domadora Conchita, Arabelle fica do lado de fora da jaula apreciando a técnica da rival.



Conchita, embora vendo-a, não tem para com ela o mais leve gesto de cortesia. Era áspera com animais e com as pessoas. Entristecida, Arabelle se dirige à piscina para ensaiar seus números, e já ia subir ao trampolim, quando se detém aos gritos estridentes de seu fiel «Kouki».

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ

Lingerie fina

Lingerie F.M.

EXIJA EM TÔDAS AS BOAS LOJAS

A MARCA Lingerie F.M.

O MAIS FINO ACABAMENTO

CONTRAPARTES

(Cont. da pág. 11)

— Mr. Alleyne está à sua procura — disse-lhe o chefe severamente. — Onde é que você estêve?

Farrington lançou uma olhadela a dois clientes que se encontravam junto ao balcão, como se quisesse dar a compreender que sua presença impedia de responder. Mas como ambos os clientes eram homens, o chefe permitiu-se soltar uma gargalhada:

— Compreendo, compreendo... Mas você não acha que cinco vêzes num só dia é muita coisa?... Bem, o melhor é você se mexer e levar a mr. Alleyne as cópias das cartas do caso Delancour.

Essa advertência diante de estranhos, a corrida que acabara de dar e a cerveja que engolira tão ràpidamente, deixaram-no confuso, e ao sentar-se na escrivaninha para procurar a correspondência requerida, compreendeu que era humanamente impossível terminar a cópia do contrato antes da noite. O crepúsculo já descera sôbre a cidade. Um ardente desejo de passar a noite perambulando pelos bares se apoderou do seu ser. Sentia necessidade de beber, da companhia dos amigos, da luz das lâmpadas de gás, do tinir dos copos. Êle esperava que mr. Alleyne não daria pela falta de duas cartas.

O penetrante perfume se espalhava pelo corredor da sala de mr. Alleyne. Miss Delancour era uma mulher de meia-idade, com aparência de israelita. Diziam que mr. Alleyne andava de ôlho nela e no dinheiro. Ela vinha freqüentemente ao escritório, permanecendo horas e horas. Estava sentada junto à escrivaninha, acariciando o cabo da sombrinha e fazendo ondular a enorme pluma preta que adornava o chapéu. Mr. Alleyne virava sua cadeira, a fim de ficar de frente para a cliente. Farrington colocou a correspondência sôbre a mesa e cumprimentou respeitosamente, mas nem mr. Alleyne nem miss Delancour deram pela sua presença. Por fim, mr. Alleyne notou-o, olhando-o de uma maneira que parecia dizer: Pode retirar-se. E' tudo.

Farrington voltou à sua mesa. Ficou a olhar fixamente para a frase. Em caso algum poderá o chamado Bernard Bodley beneficiar-se... e pensou em como era estranho que as três últimas palavras começassem com a mesma letra.

O chefe da seção começou a apressar miss Parker, afirmando que ela não conseguiria dactilografar as cartas em tempo de serem postas no correio. Êle ficou a ouvir o ruído da máquina de escrever durante algum tempo e, por fim, suspirou, preparando-se para continuar o trabalho.

Sua cabeça, porém, estava pesada e sua imaginação vagueava ao redor do esplendor e das luzes do bar. Aquela era uma noite própria para se tomar ponches quentes. Começou a lutar com a cópia mas ao soarem cinco horas ainda faltavam catorze páginas. Diabo! Não poderia terminar em tempo. Estava tão nervoso que escreveu Bernard Bernard em lugar de Bernard Bodley e teve que começar de novo uma fôlha limpa.

(Continua na próximo número)

ROMPIMENTO

(Continuação do número anterior)

Ao dobrar a esquina, voltou a cabeça, para ver, pela derradeira vez, a casinha onde fôra tão feliz! Lá estava o alegre jardinzinho, que a primavera começava agora a cobrir de novas roupagens. Aquêle jardim de conto de fadas, de que Leonor cuidava com o carinho que punha em tudo. Nas janelas, as cortinas enfunavam-se em ondulações graciosas. Tudo sossegado e tranqüilo como sempre. Nada exteriormente que denunciasse a tormenta íntima ali ainda há pouco desenrolada. Sentiu-se ridículo com aquêle extemporâneo ataque de lirismo. Sacudiu-o para longe, dando de ombros. Iria já à casa do advogado e liquidaria o assunto.

— Quanto mais depressa, melhor! — gritou para dentro de si.

Não era longe a casa de Otávio. Em cinco minutos, lá estaria. Cinco? Três minutos, não mais.

. . . .

Tocou a campanhia.

— O doutor não está — informaram. — Talvez não se demorasse. Se quisesse esperar...

Daniel esperaria, não tinha pressa. Entrou. Folhearia um livro, enquanto aguardava o amigo. Precisava mesmo repassar seus conhecimentos jurídicos, havia muito esquecidos. Era uma boa ocasião. Foi à estante, dela retirando um volume. Era o «Código Civil». Abriu-o ao acaso, no capítulo «Da Família». Largou-o com nojo, apanhando outro, para em seguida trocar por um terceiro. Desistiu, por fim, incapaz de fixar-se em qualquer coisa. Sentou-se, para logo erguer-se, entrando a caminhar de um lado para outro. Ora cabisbaixo, ora fitando o teto. Espiou por uma janela. Afundou-se depois numa poltrona confortável, onde não permaneceu cinco minutos. Afinal, ouviu passos aproximando-se. A porta abriu-se, surgindo a figura do advogado.

— Ora viva! — saudou, afável — que bons ventos o trazem por cá, meu velho?

Em breves palavras, Daniel pôs o amigo a par do que se passara.

— Lamento tudo isso, meu amigo, creia. E' a causa mais triste e dolorosa que patrocino em tôda a minha carreira — afirmou, comovido. — Bem, mas vejamos o papelucho.

Daniel apresentou-lhe a carta, que êle leu em segundos. Em seguida, abriu uma gaveta, apanhando uma poderosa lente, com que passou a examinar o documento, letra por letra. Ao chegar à data, encresparam-se-lhe levemente as sobrancelhas. Não, porém, tão levemente que passasse despercebido a Daniel, que acompanhava, com a respiração suspensa, o exame do amigo, sem perder uma só das contrações de sua fisionomia. Depondo a lente sôbre a mesa, o advogado olhou fixo para Daniel e afirmou, solene e peremptório:

— Esta data é falsa!

— Quê?!

— E' falsa, repito. Foi alterada. E só um parvo como você não percebe isso.

— Que diz, Otávio! Então... Leonor tinha razão?! Será possível?

— Claro que tinha. Em todo o caso, mandarei deter Bernardo, para conhecer-lhe os propósitos que lhe inspiraram tão vil procedimento. E tomou do telefone.

— Cuide você dessa parte, doutor. Quanto a mim... interessa-me apenas uma coisa...

— Naturalmente, «seu» idiota — concordou o advogado, sorrindo, feliz. E vá correndo...

Estas últimas palavras, Daniel não as ouviu, porque não saíra correndo, como aconselhara o amigo, mas... voando, como ordenara o coração.

GAGO COUTINHO!

(Cont. da pág. 19)

seguindo o exemplo das árvores. Não sou rico, mas tenho o bastante para viver o restinho da vida. A minha biblioteca, com mais de 10 mil volumes, doei a Portugal. Continuo comprando livros e muito aprecio o Eça, Júlio Dantas, sra. Carlota Serpa Pinto. No Rio, gosto de ler Raquel de Queiroz, Gastão Penalva e o comandante Oliveira Melo. Até o vôo do "Lusitânia", em 1922, vivi casado com a aventura. Agora vivo agarrado aos livros e escrevendo trabalhos literários e científicos. Nunca fui político.

Um detalhe à guisa de informação:

Gago Coutinho é autor de 53 trabalhos literários e científicos, inclusive o volume "Trabalho Geodésico da Ilha de São Tomé", considerado uma obra prima.

Prefaciou o "Diário da Viagem de Vasco da Gama" e seu nome figura em tôdas as enciclopédias. Na verdade, o velho condor ainda ama a aventura. Em plena guerra, com os submarinos nazistas dominando o Atlântico, regressou ao Tejo, partindo de Santos, na barca "Foz do Douro", gastando três meses na viagem.

Conhece todos os artistas brasileiros e gosta do teatro musicado. Ocupa a primeira fila e costuma dizer:

— Um corpo de mulher bonita não faz mal a ninguém...

CREPÚSCULO

— Sou um emotivo — disse-me certa vez Gago Coutinho. Os meus antigos amigos estão desaparecendo. Muito sofro com a morte de cada um dêles. Quando estou no Brasil, tenho saudades de Portugal, de minha casa, onde resido há 71 anos. Quando vivo em Portugal, tenho saudades do Brasil, cujo povo vive dentro do meu coração. Gosto da maneira de viver de sua gente, das praias, dos homens públicos, da imprensa, enfim, de tudo que é brasileiro. Só não aprecio certas comidas e alguns temperos à base de dendê.

"Como já passei dos 63 anos, idade máxima dada a um recém-nascido pelas companhias de seguros, já estou com 22 anos de "handicap". Quando a morte chegar — aí o conquistador do Atlântico faz uma blague — "não quero chôro nem vela".

Nenhum homem do século XX conquistou maior glória do que Gago Coutinho, ao realizar o vôo de 1922. A farda de almirante da Marinha Portuguêsa, pátria de marinheiros como Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Fernão de Magalhães, Diogo Cão e Cabral, êle a ostenta com orgulho. Os títulos de sócio de dezenas de Institutos Históricos e Geográficos, bem como o seu nome e monumentos em ruas de Portugal e do Brasil, inclusive no Rio, são altamente honrosos. Tudo isto, entretanto, êle não troca pela sua condição de geógrafo colonial. Daí o herói da travessia do Atlântico ter mandado construir o seu próprio túmulo no cemitério de Ajuda, em Lisboa, com êste epitáfio:

"Gago Coutinho, geógrafo."

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 45

A	Faça a medicação →	142	4	95	82	38	12	129	■
B	O mesmo que acará →	14	55	65	126	96	135	1	■
C	Guarde com segrêdo, com recato →	15	112	58	68	145	30	■	■
D	Consonância; harmonia →	150	8	144	62	44	102	16	117
E	Esqueçam; deixem cair no esquecimento →	17	54	91	108	124	115	67	■
F	Posturas do corpo; normas de proceder →	19	46	92	100	66	89	10	133
G	Besuntada; coberta com unto →	151	107	42	21	87	72	■	■
H	Abjure; abandone a religião →	3	51	99	119	78	24	149	■
I	Elevada; sublime; excelente →	59	148	5	123	131	93	25	■
J	Faça liquidação →	13	76	127	39	6	154	61	■
K	Torne igual →	86	11	52	27	141	70	■	■
L	No tempo que passou →	98	109	36	79	121	■	■	■
M	Tempo de pontificado →	2	34	116	74	69	49	■	■
N	Nome dos meninos em relação à sua madrasta →	101	57	114	90	80	64	43	31
O	Abjurará; não concederá →	83	143	110	155	9	47	■	■
P	Gasta pelo uso; desavergonhada →	26	48	81	94	118	104	■	■
Q	Tornas semelhante ao caçapo →	53	97	84	28	132	122	63	73
R	Falsa; vã; ilusória →	113	134	41	105	125	18	140	■
S	Põe em sêco (uma embarcação) →	106	77	22	146	137	40	■	■
T	Que sobrenada →	35	56	103	136	152	120	85	■
U	Antigo povo da Germânia →	33	130	111	75	29	147	45	■
V	Que não é aguda; estúpida →	37	139	23	28	60	153	■	■
M	Pequenas salas →	7	88	71	32	50	138	20	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicm a pontuação.

■	B 1	■	M 2	H 3	A 4	I 5	J 6	W 7	D 8	■	O 9	F 10	K 11
A 12	J 13	B 14	C 15	■	D 16	E 17	R 18	F 19	W 20	■	G 21	S 22	■
V 23	H 24	I 25	P 26	■	K 27	Q 28	U 29	C 30	N 31	■ ,	W 32	■	U 33
M 34	T 35	L 36	V 37	■	A 38	J 39	S 40	R 41	G 42	N 43	■	D 44	U 45
F 46	O 47	■	P 48	M 49	■	W 50	H 51	K 52	■	Q 53	E 54	B 55	T 56
N 57	C 58	I 59	■ ,	V 60	J 61	■	D 62	Q 63	N 64	B 65	■	F 66	E 67
C 68	■	M 69	K 70	W 71	G 72	Q 73	■	M 74	U 75	J 76	S 77	H 78	L 79
■	N 80	■	P 81	A 82	O 83	Q 84	T 85	K 86	G 87	W 88	F 89	N 90	■
E 91	F 92	I 93	P 94	A 95	B 96	■ ,	Q 97	L 98	H 99	F 100	N 101	D 102	T 103
P 104	■	R 105	S 106	■ ;	G 107	E 108	L 109	O 110	U 111	C 112	R 113	■	N 114
E 115	■	M 116	D 117	P 118	H 119	■	T 120	L 121	Q 122	I 123	E 124	R 125	B 126
■	J 127	V 128	A 129	■	U 130	I 131	Q 132	■	F 133	R 134	B 135	T 136	■
S 137	W 138	V 139	R 140	K 141	A 142	O 143	D 144	C 145	S 146	■	U 147	I 148	H 149
D 150	G 151	T 152	V 153	J 154	O 155	■	■	■	■	■	Otaner - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 44: ASCENDINO LEITE. — A VIÚVA BRANCA. — "A gente vive uma vida inteira, entre urzes e abrolhos, sem perceber a importância dessa íntima harmonia que liga os nossos pensamentos aos nossos atos, a importância de estarmos sempre de acôrdo com o que somos."

ESTRANHA VISITANTE

(Cont. da pág. 14)

No dia seguinte, ao abrir os jornais, tomei um choque tremendo. Na segunda página estava o retrato da jovem e a notícia de seu suicídio. Adiantava a nota que a moça vivia só, numa casa para onde se mudara fazia pouco tempo. Tomado de supersticioso pavor dirigi-me à rua e número indicados no jornal como sendo a morada da suicida. Já levava, todavia, a certeza de que era a mesma da noite anterior. Ao contemplar a porta e as duas janelas altas à direita não tive mais dúvida de que estava, ainda que de modo absurdo, na posse de um horrível segrêdo.

Duas coisas no entanto fizeram-me calar naquele momento: minha instintiva reação contra o fantástico e a persistência em meu espírito daquela desagradável sensação de estar sendo protagonista de um dramalhão absurdo... Naquelas primeiras hras foi mais mêdo de cair no ridículo, do que da lei que me deteve a língua. À tarde porém, as coisas tomaram outro aspecto. Os jornais vinham cheios de notícias. Os peritos haviam descoberto que a moça fôra assassinada. Ela, morando só, recebia altas horas da noite visitas de homens completamente desconhecidos nos arredores. Na noite anterior, um operário que se recolhia, vira um homem saindo da casa. Estava de costas, mas a testemunha pudera notar que era de média estatura, moreno e vestia terno cinza com listras claras.

Só eu vira o assassino de frente, só eu poderia reconhecer seu rosto, absolutamente vulgar, entre mil que me apontassem. Era necessário que me apresentasse. Foi então que me lembrei que eu era moreno, de estatura média e possuía também, como o assassino e milhares de outros homens, um terno cinza de listras mais claras e que o rosto do criminoso era tão terrivelmente vulgar que, numa descrição, poderia ser comparado ao de qualquer indivíduo, inclusive ao meu. O mêdo de vir a ser vítima de um êrro judiciário apoderou-se de mim. Resolvi calar-me até que "êle" fôsse detido como suspeito para então denunciá-lo. Mas não foi... Nenhum dos suspeitos se assemelhava a êle. Com o correr do tempo as investigações foram perdendo a intensidade e o crime acabou por cair no esquecimento.

Até eu já estava também começando a esquecer, quando percebi que "ela" tinha voltado. Não, não a jovem, mas a outra, a que me viera buscar. Não é que eu a visse como a vi na porta do meu quarto, não. Eu a sentia, como a senti naquele corredor depois de se ter ido, como uma presença invisível. Ela passou a seguir-me por tôda a parte. Às vêzes tão próxima que lhe sentia a respiração, mas se, de repente, voltava-me nada via. Lutei para me libertar do que julgava um estado nervoso. Inútil. Acabei por compreender que ela também fôra assassinada pelo homem. Queria vingar-se e me perseguiria até à loucura caso eu teimasse em minha obstinação de nada dizer. Por isso vim...

Bem vejo, senhores, que não acreditam em mim, naturalmente acham que tôdas as provas são contra mim, pois nenhum álibi posso apresentar para o momento do crime, porque, como já lhes disse, estava só em casa. Talvez "êle" nunca venha a ser encontrado e eu seja condenado em seu lugar. Porém, tudo, tudo é preferível aos olhos dela. Aos olhos dela que deixaram, compreendem os senhores, de me seguir, desde o momento em que entrei aqui...

UM POBRE PRÍNCIPE...

(Cont. da pág. 38)

ni" — biografia em tecnicolor do famoso mágico que assombrou o mundo no início do século.

— E' o papel mais importante que já interpretei e não creio que futuramente encontre outro igual — declara Tony Curtis à repórter da REVISTA — "Houdini" serviu ainda como prática de uma nova profissão: a de mágico. Se eu algum dia perder o meu emprêgo em Hollywood, Janet não terá com que se preocupar, pois não passaremos fome...

Realmente, Tony revelou-se melhor do que a encomenda ao interpretar "Houdini". A tal ponto, que a Paramount está com idéia de apresentá-lo como mágico no palco dos cinemas onde o filme fôr exibido. Quanto à Universal — onde Tony está sob contrato — também os planos para o jovem galã são os mais auspiciosos. Contudo, no momento, o nosso príncipe encantado das **favelas** nova-iorquinas não está se preocupando muito com o futuro e, sim, com o presente. Por quê?...

—...ser casado com Janet Leigh é como ter açúcar no café, música no jantar, manteiga no pão, creme chantilly com morangos e recheio de chocolate no bôlo...

E, partindo de um glutão como Tony Curtis — que comeu um peru inteiro no último Natal! — tal comparação é bastante honrosa para sua espôsa. Quanto à maneira como Janet se sente com relação a tudo isso, aguardem declarações da própria "estrêla" durante a entrevista especial que ela nos prometeu para breve.

diária nunca
esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

COLORIDO

Em nenhuma época anterior, na história da moda feminina, o colorido estêve tão em evidência. Nunca houve tanta variedade de tecidos em tonalidades vivas ou suaves com desenhos originais, muitas vêzes idealizados por artistas de fama, como Matisse, Picasso ou Dali; nem listras e xadrez em combinação de tonalidades tão ricas e novas, para tôdas as ocasiões.

Essa festa de côres atualmente alegra o nosso verão, dando à cidade uma fisionomia mais vibrante. Porém, segundo notícias vindas de Paris, de Nova York e da Itália, onde agora é inverno, continuará por muito tempo, pela meia estação e pelo frio afora, em acessórios que estão fazendo sucesso nos desfiles dos grandes costureiros, como Dior, Givenchy, Balenciaga, Fath, Fontana e tôda a plêiade de criadores e ditadores da moda.

Há um sentido filosófico nessa tendência que é uma reação contra a situação negra que atravessam os povos e a humanidade, uma espécie de desafôgo às lembranças de uma guerra sangrenta e à ameaça de uma guerra futura mais cruel ainda. Denota a vontade de viver a existência com felicidade, ainda que contra isso conspirem interêsses políticos e econômicos... A reação das mulheres é formidável! Tornam-se mais femininas, mais atraentes, mais encantadoras em suas vestes ornadas com os mil detalhes e enfeites que a moda havia colocado no ostracismo há alguns anos atrás.

As anaguas muito rodadas se contrapõem à linha reta e quase masculina, tanto tempo em voga. Mesmo os trajes desportivos, derivados de calções e blusas masculinas, se transformam dia a dia numa combinação de listras, côres e tecidos que fogem muito ao conceito primitivo. Tudo isso se processa, no entanto, sem perder de vista o sentido prático e racional das vestimentas. Nunca a mulher se sentiu tão bem num dia de verão como êste ano, com vestidos sem costas e sem mangas que num momento podem ser transformados numa tualete mais abrigada; com sapatos ou sandálias sem saltos que permitem andar pela cidade sem se cansar, com tualetes de cerimônia, de algodão, confortáveis e lindas, trabalhadas em rendas, bordados, missangas e outros atavios. Uma mulher bem vestida é, na moda atual, um convite à vida!



E' muito elegante e original êste short com bolsos embutidos e pala bem franzida na cintura. Usado com blusa chemisier bem clássica.. Idealizado por Beacon Hill.

Simplicidade



Maurice Rentner idealizou êste modêlo para sua coleção estival. Em tafetá de algodão, com pastilhas brancas, gola e mangas em organdi.



Dois bonitos modelos em algodão em estilos bem diferentes. Um, estampado, tem a saia pespontada, blusa de frente única e estola. O outro, listrado é muito gracioso no seu estilo "à antiga". Ambos devem ser usados com anágua muito rodada.

Em coral branco êste modêlo de Claire McCardell faz sucesso. A blusa é tôda trabalhada em pregas que ocultam as listras brancas. Botões na frente. Cinto largo, em couro branco.

e elegância

Modêlo em piquê branco, com uma fileira de botões negros na frente. Notem que todos os accessórios são negros. Criação de Maurice Rentner.



Week-end na cozinha

CONSELHOS ÚTEIS

- *Asse uma única maçã num recipiente que a contenha exatamente e que possua tampa. Deixe esfriar. Tampe bem. Será um ótimo complemento à merenda que seu filho levará para a escola.*

- *Um bom sistema de guardar as facas de cozinha é espetá-las numa caixa com areia. A caixa pode ser qualquer uma, pintada com esmalte. A areia impede que a caixa vire e ao mesmo tempo afia as facas.*

- *Um ótimo expediente nesta época de ovos caros é incluir nas omeletes uma fatia de pão (só o miolo) humidecida no leite. Ficará mais gostosa e renderá muito mais.*

- *As fôlhas que ficam junto ao caule da couve flor são ricas em princípios nutritivos e constituem deliciosa verdura quando cozidas e servidas com môlho de manteiga ou môlho branco.*

PUDIM DE MAÇÃ

- 3 xícaras de suco de maçã (passar as maçãs no liquidificador).
- 2/3 de xícara de açúcar.
- 1 colher das de chá de casca de limão ralada.
- 1 colher das de chá de suco de limão.
- 1 colher das de chá de ess. de baunilha.
- 3 gemas de ôvo.
- 3 claras.
- 1 pitada de sal.
- 1/3 de xícara de açúcar (para o merengue).
- 1 colher das de chá de essência de baunilha (para o merengue).
- 9 pastilhas de chocolate (em forma de grão de café).

● Misture o suco de maçã, 2/3 de xícara de açúcar, a casca e o suco de limão e a éssencia de baunilha. Bata as gemas e junte. Ponha numa fôrma de vidro que possa ir ao forno.

● Bata as claras até ponto de neve, junte o sal e continue a bater. Junte gradualmente 1/3 de xícara de açúcar, e chegue a ponto de suspiro. Acrescente 1 colher de chá de essência de baunilha. Arrume o merengue em 9 montes em cima da mistura com suco de maçã, já na fôrma.

● Asse em forno moderado, cêrca de 15 minutos, até que o merengue fique levemente tostado. Enfeite com as pastilhas de chocolate. Sirva quente ou frio.

CREME DE ESPINAFRE

- 250 gramas de espinafres, cozidos ou em lata.
- 1/4 de litro de leite.
- 1 pitada de sal.
- 1 pitada de pimenta-do-reino
- 1 pitada de noz-moscada.
- Pão torrado com manteiga cortado em quadradinhos.

Misture muito bem o leite e o espinafre cozido. (Bata com um batedor manual ou elétrico para conseguir um líquido bem homogêneo).

Junte os temperos e esquente em fogo lento.

Sirva com os quadradinhos de pão torrado com manteiga.

NOTA: — Desejando um creme mais espêsso engrosse-o com um pouquinho de maizena.

OS 10 MANDAMENTOS DO "CHARME"

Você não pode conseguir um milagrama a mais de charme com seu dinheiro, sua habilidade ou mesmo suas lágrimas. No entanto essa é a mais desejada das qualidades femininas.



SE você analisar honestamente as mais encantadoras mulheres que conhece, pode concluir que nem o dinheiro, nem a beleza, nem o gôsto em se vestir acrescentam-lhe um átomo sequer ao seu encanto ou "charme", que é algo mais, muito próprio da mulher em si mesma e que vem, não se sabe de que nem como.

O charme é uma qualidade que aquece e lisonjeia a todos que estão junto à mulher que o possui. Há mulheres que têm tudo, mas não têm charme. Existe um tipo feminino de corpo perfeito como o de um modêlo profissional, de fisionomia bonita e onde se vê refletida a saúde e a inteligência, e no entanto não possui uma parcela sequer dessa qualidade tão desejada.

Vejamos alguns tipos que se opõem ao charme:

● Aquela jovem que, quer em vestido de algodão ou de rico brocado parece sempre afetada e insincera. Ninguém se sente à vontade em sua presença. E' egocêntrica e você percebe logo isso.

● Um outro tipo é a mulher bela e inteligente, super-eficiente em qualquer trabalho ou negócio, e que aperentemente dá a impressão de ser encantadora. Quando fala ou age, porém você passa a pensar diferentemente a seu respeito. Ela demostra querer fazer qualquer coisa menos aquilo de que se ocupa no momento.

● A jovem que vive se rindo de tudo e de todos, acha que você gostaria de ouvir seus gracejos a tôda hora; aquela outra que sabe tudo e toca o disco de tudo que sabe sem ao menos trocar de agulha; o tipo mexeriqueiro que divulga as novidades antes que aconteçam; o tipo "alfinete" que está sempre ferido e dizendo coisas [illegible]dazes...

...Nenhuma dessas mulhere[illegible] descritas poderá ter "charme", mesmo qu[illegible]sejam belas, tenham uma enorme conta no banco, sejam muito inteligentes ou muito cultas.

● O encanto ou "charme" é i[illegible]ível e não pode ser comprado num Instituto [illegible] Beleza, mas pode ser cultivado. A mulher in[illegible]gente poderá começar a desenvolvê-lo em si me[illegible] em qualquer época de sua vida. É uma tarefa q[illegible] será levada a bom têrmo por aquelas de vonta[illegible]orte. Observe um pouco as mulheres encantador[illegible]m que lida:

Estão sempre sorrindo e êsse sorriso mostra que gostam de todo mundo, e realmente gostam. Essa amizade real se manifesta pela compreensão, pela tolerância, pela vontade de ser útil sem alarde. Quando entram numa sala o rosto irradia uma expressão de cordialidade sincera e a gente não precisa ouvir um: "Alô, amigos!" Para saber que é realmente uma amiga que chega. Mesmo sem falar já nos cumprimentam com o sorriso! Isso se consegue com fôrça de vontade, e utilizando todos os dias os seguintes ingredientes que fazem a mulher encantadora, e que aqui expomos em forma de 10 mandamentos:

1. **Mantenha-se escrupulosamente limpa, em corpo e espírito.**

2. **Use seu sorriso como uma luz e "acenda-o" muitas vêzes.**

3. **Faça com que os outros se sintam importantes quando estão juntos de você.**

4. **Quando estiver ouvindo, ouça silenciosamente, como se fôsse a própria esfinge. Quando lhe pedirem uma opinião, dê-a sinceramente e claramente.**

5. **Ao se despedir diga sempre alguma coisa amável sôbre qualquer coisa. Nunca será esquecida.**

6. **Não se faça esperar muito tempo para ajudar aquêles que precisam de seu auxílio.**

7. **Use as críticas em "pitadas" e os elogios a "mãos cheias".**

8. **Olhe para o fundo do coração de seus semelhantes que lhe será fácil perdoar as suas faltas.**

9. **Seja reconhecida, mas não espere e muito menos exija reconhecimento pela bondade que fizer.**

10. **Diga sempre e faça sempre aquilo que puder mudar para melhor a vida de outrem!**

Sugestões para o lar



Cortinas e colchas em lonita xadrez com babados em tôda volta. As cortinas são duplas: um reposteiro e uma pequenina «cortina de café» que deixa passar a luz sem devassar.

PARA O QUARTO — Nunca houve, nas lojas especializadas, tanta variedade de tecido de algodão apropriada para a confecção de colchas e cortinas vistosas para o lar. Desde a lona ou lonita xadrez até os estampados com desenhos modernos ou originais, a escolha é grande. Portanto, é fácil para a dona de casa arrumá-la com gôsto, sem dispender excessivamente, se ela própria fizer as colchas, cortinas e almofadas. O trabalho não é difícil nem muito demorado.

ENFEITE AS COLCHAS com babados, debruns ou sianinha. Se vai forrar um "sommier" tome as medidas exatas para que o fôrro fique bem esticado. Colocar uma cortina: é fácil, pois já existem trilhos corrediços que se pode comprar na medida exata e aparafusar nas esquadrias de portas e janelas. Com gôsto e habilidade, evita-se a despesa de um especialista, sempre caro.

★

Observe esta sugestão que oferecemos ao lado, para um quarto de solteiro e veja como é fácil executá-la, bastando para isso apenas um pouco de habilidade.



O carnaval do Recife faz questão de ser típico. O samba é produto do morro carioca e o asfalto tem ritmo próprio. Pernambuco deu o frevo e ali é conservado de geração em geração. E é preciso começar cedo para adestrar os músculos. Porque não é qualquer um que agüenta seu ritmo ágil...



e ali é
ágil...

Na terra do frevo

CARNAVAL E FOLCLORE

RITMO DOS EXTREMOS: MARACATU, ULTRA-LENTO; FREVO, ULTRA-RAPIDO ★ MUITA SÊDA BRILHANTE ★ MUITO ESTANDARTE RICO ★ MUITO ÍNDIO EMPLUMADO ★ JUNTO À MÚSICA, BARULHEIRA DE MOTORES DE AUTOMÓVEIS ★ CARNAVAL TÍPICO E ILUSTRADO POR BELÍSSIMAS LENDAS POPULARES

Texto de **DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR** — Fotos de **ANTONIO PIROZZELLI**

RECIFE, fevereiro — Quando o pernambucano diz que o carnaval do Recife "é o melhor do mundo", não exagera. Só mesmo quem vê e sente, quem assiste aos desfiles deslumbrantes dos clubes mistos, dos blocos e dos maracatus imponentes e conhece a magnificência do carnaval carioca ou as brincadeiras de salão do carnaval paulista é que pode analisar as palavras dos filhos desta cidade.

O pernambucano não é e nem pretende ser bairrista quando anuncia, pelos alto-falantes que cobrem as ruas e as avenidas, que estamos vivendo o carnaval mais alegre, mais bonito do mundo. E' a pura verdade, amigo leitor e, sem favor, podemos dizer que é no Recife que ainda se brinca o tríduo de Momo com o intuito de pular, de cantar, que "fazer o passo" do frevo sacolejante e mais quente do que o sol que queima as palmeiras tristes dêste litoral bonito.

FREVO E DINHEIRO

A despeito da sêca, da fome que assola o sertão de todo o nordeste, o carnaval do Recife, êste ano, teve início quase oito dias antes do sábado tradicional.

De início travaram-se as lutas pelo escapamento livre, em tudo quanto era veículo de motor a explosão, na qual entraram os jornais da cidade defendendo os foliões indóceis, pois Pernambuco não conhece e não compreende carnaval sem muito barulho, água doce e talco. O escape livre veio e o preço exorbitante dos lança-perfumes fêz com que os "brotinhos" recebessem mais talco, durante os três dias de festejos, do que durante todo o tempo em que eram simples rebentos.

Recife tem um corso espetacular, ininterrupto, pois mesmo na segunda-feira de carnaval havia carros que, já pelas oito da manhã, soltavam **seus**



Estas jovens sérias e compenetradas, assim a caráter, são heraldos dos Batutas de São José.





Os estandartes são tão ricos e trabalhados que se conservam religiosamente de ano para ano. Alguns datam do século passado. A fotografia nos dá uma amostra.







Dona Santa, que aparece na fotografia que publicamos acima, é a mais perseverante de todos os foliões pernambucanos. Dança maracatu há mais de quarenta anos para o grupo denominado «Nação do Elefante». Puxa! E' um «record».

estouros ensurdecedores lá pelos lados da rua da Imperatriz e da praça da Independência, sem ligar ao sono de ninguém.

Pernambuco não quer conhecer outra música, durante o carnaval, senão o frevo. O frevo é pernambucano cem por cento e as crianças já nascem com seu ritmo no sangue, deixando o forasteiro boquiaberto com os remelexos e os trejeitos difíceis que fazem, quer na rua, quer nas passarelas ou nos caminhões que se tornam improvisados palcos volantes.

E êste ano, os foliões pernambucanos desforraram tôdas as proibições impostas pelo govêrno, em 1952. Ganharam tôdas as paradas, inclusive a de substituir a água e o talco pelo lança-perfume.

OS CLUBES E DESFILES

Não houve sequer um acidente de grande gravidade durante todo o carnaval pernambucano. Admirável a maneira pela qual se portou o povo, que parecia se esquecer das agruras da existência, do alto custo de vida, dos baixos salários, trocando as responsabilidades pelos ritmos ardentes, as personalidades austeras por máscaras sorridentes, numa confraternização nunca vista.

À noite, à frente do palanque armado na praça da Independência, centenas de cordões desfilavam à espera do julgamento que daria os prêmios merecidos aos melhores blocos, maracatus, escolas de sambas ou clubes mistos.

Curioso é notar que os clubes, blocos ou outras agremiações carnavalescas pernambucanas, para a composição dos quadros que apresentam inspiram-se em fatos da história nacional ou estrangeira, ou em enredos de filmes. Essas composições, formadas, às vêzes, por mais de 200 figuras custam até trezentos mil cruzeiros e, para avaliarmos a riqueza das vestes e o valor das apresentações, bastará dizermos que sòmente o porta-estandarte do frevo Vassourinhas, conhecido em todo o território nacional, custou 50 mil cruzeiros.

As fantasias são as mais deslumbrantes. Nem mesmo a Capital da República, com seu famoso carnaval de rua, com carros alegóricos e escolas de samba consegue se igualar à faustosidade dos festejos carnavalescos da capital do nordeste.

O POBRE E' QUEM FAZ

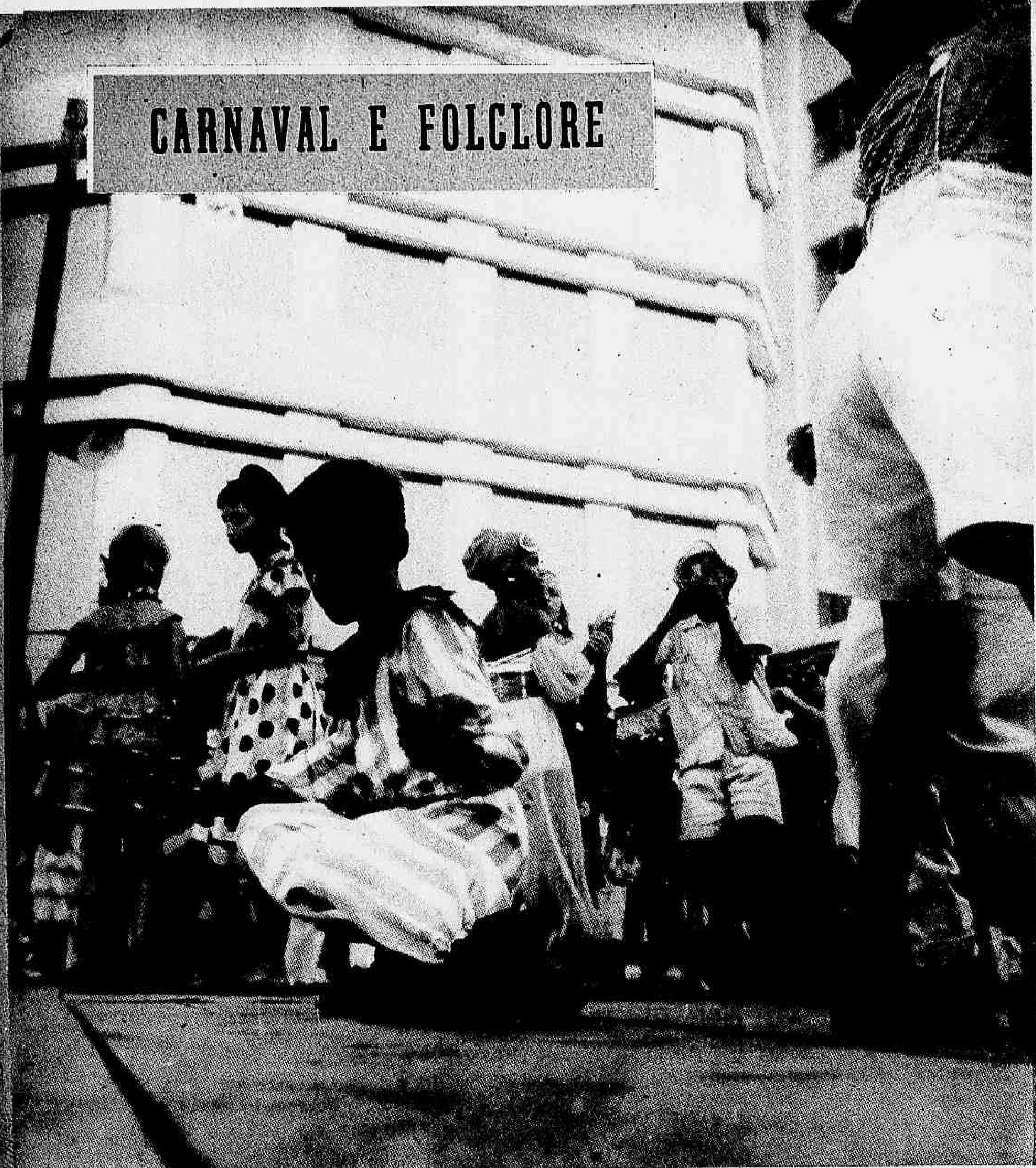
Interessante também é notar que quem faz o verdadeiro carnaval de Pernambuco é o homem da rua, o trabalhador, o vendedor de jornais, o pescador; as lavadeiras, enfim, os integrantes da massa que labuta todo o dia.

Para as classes mais abastadas, resta o corso e os salões. O povo, o homem de todo o dia, é quem se veste de D. Pedro I, de D. Luís, de Maria An-



Outra figura obrigatória do carnaval do Recife é a «Lavadeira de Areia», que todos os anos sai com sua trouxinha de roupa e também uma bacia. Se instala e... trabalha

CARNAVAL E FOLCLORE



Quando o pernambucano diz que o carnaval do Recife é o maior do mundo não exagera. Só mesmo quem vê o povo nas ruas dançando desenfreadamente e sem mostrar o mais leve sinal de cansaço sequer é que pode avaliar com precisão o entusiasmo que êle transmite.



O maracatu de Dona Santa (Maracatu Nação do Elefante) tem 153 anos de existência. Todos os anos aparece com seus índios emplumados

tonieta ou Marquesa de Santos, de Robin Hood ou de Lavoisier, contando histórias de tempos remotos, de países que êles não saberiam localizar nas cartas geográficas.

E nas fantasias bordadas de lantejoulas rebrilhantes, no veludo e nas sêdas das saias rodadas, está a economia feita carinhosamente, para ser mostrada nesses quadros maravilhosos em apenas três dias inesquecíveis de folia.

Recife se vestiu de bandeirolas, a Prefeitura emprestou milhares de lâmpadas, palanques foram erguidos, as emissoras locais colocaram alto-falantes nos quatro cantos da cidade, inundando tudo com a alegria nervosa do frevo, que mexe com a ponta dos pés e o sangue, fazendo se tornar de mola o mais pacato cidadão desta terra bonita.

Centenas de fantasias desfilaram em frente ao palanque da Federação Carnavalesca e da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, buscando os prêmios merecidos ou apenas o aplauso da massa que se acotovelava nas passarelas armadas.

E lá vinha o famoso Maracatu de dona Santa, a qual tem 73 anos de idade e dança desde os 20; o frevo Vassourinhas, as Lavadeiras de Areia, os Lenhadores, os Caboclinhos Tupi, notáveis pela sua originalidade; os Batutas de S. José, os Banhistas do Pina, o bloco Inocentes do Rosàrinho (campeão de sua categoria) e mais uma infinidade de agremiações, que deixaram os foliões entretidos, na têrça-feira, até às horas, já uma manhã triste e saudosa de cinzas e recordações doces.

Quarta-feira, até o sol fêz greve no Recife, e



As alegorias são freqüentes. Vemos uma ponte sendo carregada por integrantes do Clube Misto Lenhadores. E com o pêso na cabeça dançam.



Com enormes tambores marcam o ritmo lento Como são muitos ouve-se a grande distância. E com êles os dançarinos ondulam os passos.



Êste menino é um iniciado no maracatu. Tem que gravar o ritmo desde bem cedo para poder cumprir o seu papel. E' dos «Caboclinhos Tupi».



que pulam a valer. Nos capacetes vêem-se plumas de pavão e são ricamente trabalhados, constituindo sem dúvida um belo espetáculo.

desabou uma chuva de verão, como que em sinal de protesto. Às primeiras horas, já as turmas volantes da Prefeitura tiravam a fantasia da cidade que é a segunda em crescimento no Brasil, dando-lhe novamente o ar de seriedade e trabalho.

As conversas, porém, não eram outras e não encontramos ainda, em todo Recife ou em Olinda, pernambucano que, ao nos saber de fora, não tenha dito: "Mas êste é mesmo o maior carnaval do mundo, não é seu moço?"... E vai ver, é mesmo.



A flauta simples e o chocalho são elementos folclóricos que nunca aparecem no carnaval carioca; no Recife são tradicionais. E nunca falham.



«Os Banhistas do Pina» não se conformam com vir a pé, trazem também pequenos carros alegóricos, com suas princesas. No letreiro: Pernambuco, Rei do Carnaval.

Aqui vemos na indumentária de veludo bordado três componentes do grupo «Batutas de S. José». O nome do Santo está ligado aos festejos do Carnaval.





ÚLTIMO FLASH

A escultura que vemos na foto é a Maternidade, de autoria de Celso Antônio, o mesmo escultor que esculpiu O Trabalhador que o povo arrancou do pedestal quando fôra colocado na avenida Presidente Antônio Carlos, por ocasião da festa de 1.º de Maio do ano passado. O clown que está sentado sôbre ela é o gozadíssimo palhaço Hip (Ferreira Santos), de Niterói. O flash se deu na Sala de Exposições do Ministério da Educação e Saúde, por ocasião da inauguração da mostra de desenhos e gouaches de Gipson de Freitas, o precursor do Parvinismo no Brasil. Acontece que a foto é o símbolo perfeito do parvinismo, doutrina estética nascente, com propósitos renovadores. Sua raiz filosófica estará, talvez, em Kiergaard, porque os parvinistas são os que se desesperam oficialmente e encontram no histrionismo o signo da época em que tudo anda aos esgares e às loucas. Sem entrarmos no mérito dos trabalhos do desenhista, podemos adiantar que o artista encontrou companheiros nas letras, na música e no teatro. Os corifeus dessa estética são dois expoentes da cultura européia: Don Quixote e Chaplin, ambos grandes vitalistas que misturaram em si mesmos arte e vida. "Participamos das aberrações, admitimos o ridículo sob as mais variadas formas, mas, em última análise, é para melhor tirar partido de tudo e melhor aplicar o corretivo." Esta frase de Gipson de Freitas é suficientemente esclarecedora.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

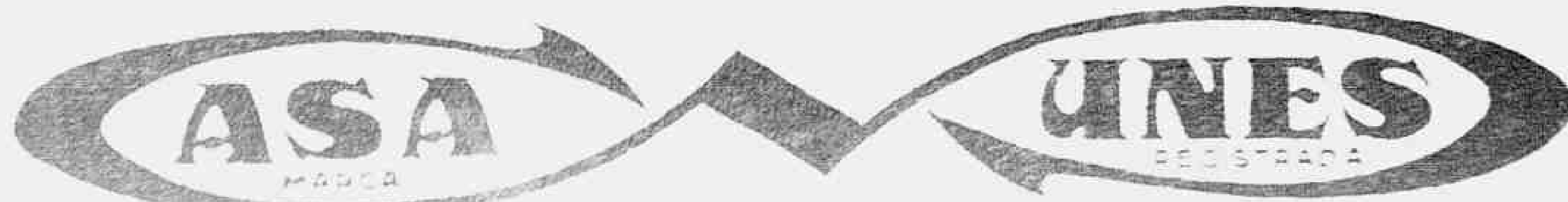
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



Uma tradição de bom gôsto



CIGARROS

hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-38 913